

RIZOMA.NET



HIEROGRAFIA



28/08/2002

Amigos Leitores,

Agora está acionada a máquina de conceitos do Rizoma. Demos a partida com o formato demo no primeiro semestre deste ano, mas só agora, depois de calibradas e recauchutadas no programa do site, que estamos começando a acelerar.

Cheios de combustível e energia incendiária, voltamos à ativa agora, com toda a disposição para avançar na direção do futuro.

É sua primeira vez no site? Estranhou o formato? Não se preocupe, o Rizoma é mesmo diferente, diferente até pra quem já conhecia as versões anteriores. Passamos um longo período de mutação e gestação até chegar nesta versão, que, como tudo neste site, está em permanente transformação. Essa é nossa visão de "work in progress".

Mas vamos esclarecer um pouco as coisas. Por trás de tantos nomes "estranhos" que formam as seções/rizomas do site, está nossa assumida intenção de fazer uma re-engenharia conceitual.

Mas de que se trata uma "re-engenharia conceitual" ? Trata-se sobretudo de reformular conceitos, dar nova luz a palavras que de tão usadas acabam por perder muito de seu sentido original. Dizer "Esquizofonia" em vez de "Música" não é uma simples intenção poética. A poesia não está de maneira alguma excluída, mas o objetivo aqui é muito mais engendrar novos ângulos sobre as coisas tratadas do que se reduzir a uma definição meramente didática. Daí igualmente a variedade caleidoscópica dos textos tratando de um mesmo assunto nas seções/rizomas. Não se reduzir a uma só visão, virar os ângulos de observação, descobrir novas percepções. Fazer pensar.

Novas percepções para um novo tempo? Talvez. Talvez mais ainda novas visões sobre coisas antigas, o que seja. Não vamos esconder aqui um certo anseio, meio utópico até, de mudar as coisas, as regras do jogo. Impossível? Vai saber... Como diziam os situacionistas: "As futuras revoluções deverão inventar elas mesmas suas próprias linguagens".

Pois é, e já que falamos de jogo, é assim que propomos que você navegue pelo site. Veja as coisas como uma brincadeira, pequenos pontos para você interligar à medida que lê os textos, pois as conexões estão aí para serem feitas. Nós jogamos os dados e pontos nodais, mas é você quem põe a máquina conceitual para funcionar e interligar tudo. Vá em frente! Dê a partida no seu cérebro, pise no acelerador do mouse e boa diversão!

Ricardo Rosas e Marcus Salgado, editores do Rizoma.

Índice

MANIFESTO LITERÁRIO - Aimé Cesaire	PÁGINA - 4	DOIS POEMAS DE MICHAEL McCLURE	PÁGINA - 57
PREFÁCIO MARGINAL - Maria Célia Barbosa Reis da Silva*	PÁGINA - 8	NOVA EXPRESS E AS SOCIEDADES DE CONTROLE - Mauro Sá Rego Costa	PÁGINA - 61
AS PALAVRAS CATIVAS (Prefacio para um dicionário situacionista) - Mustapha Khayati	PÁGINA - 12	O PESA-NERVOS - Antonin Artaud	PÁGINA - 64
CAMPOS DE CARVALHO: PROSADOR SURREALISTA? - Cláudio Willer	PÁGINA - 18	PROCURA-SE RICHARD BRAUTIGAN: Como um escritor vendeu milhões de livros, foi tratado como gênio e depois esquecido - Alexandre Rodrigues	PÁGINA - 66
O ARTISTA DA FOME: DANIIL KHARMS (1905-1942) - Renato Tati	PÁGINA - 29	ANTOLOGIA - Roberto Piva	PÁGINA - 72
O PRESENTE É O TEMPO CERTO - Don Watson	PÁGINA - 43	TERRORISMO POÉTICO - Hakim Bey	PÁGINA - 82
O ÂNUS SOLAR - Georges Bataille	PÁGINA - 46	O MATRIMÔNIO DO CÉU E DO INFERNO - William Blake	PÁGINA - 84
QUE PAÍS É ESSE? - Isabel Lustosa	PÁGINA - 51	CARTA DE INTENÇÕES - Coletivo Wu Ming	PÁGINA - 94



MANIFESTO LITERÁRIO

Aimé Cesaire

É inútil endurecer em nossa passagem, mais rançosas que as luas, tuas faces de treponema pálida.

É inútil apiedar-te de nossa indecência com teus sorrisos de quistos purulentos.

Policias e agentes

Denunciem a grande traição louca, o grande desafio macabro, a impulsão satânica e a insolente deriva nostálgica das luas velhas, de vias livres, de vômitos negros...

Porque nós te odiamos, tu e tua razão, nós nos queixamos da demência precoce, da loucura flamejante, do canibalismo tenaz.

Consideremos:

A loucura que volta ao espírito

A loucura que clama

A loucura que vê,

A loucura que se desencadeia.

Basta deste gosto de cadáver insípido!

Nem naufragados. Nem limpadores de fossas. Nem hienas. Nem chacais.

E o resto tu sabes:

Que 2 mais 2 são 5

Que a floresta mia

Que a árvore se arrisca

Que o céu se alisa

Etc., etc.

Quem somos nós? Admirável questão!

Detestáveis. Fundadores. Traíçoeiros. Feiticeiros. Feiticeiros, sobretudo. Pois nós queremos todos os demônios.

Aqueles de ontem, os de hoje

Aqueles dos grilhões, aqueles do arado

Aqueles da interdição, da proibição, da fuga

E não temos intenção de esquecer aqueles dos navios negreiros...

Então cantamos

Cantamos as flores venenosas que desabrocham no prado raivoso; os céus de amor cortados de embolia; as manhãs epiléticas; o branco

abrasamento das areias abissais, as descidas perdidas nas noites fulminadas por odores selvagens.

O que posso?

É preciso começar.

Começar o quê?

A única coisa no mundo que vale a pena começar.

O Fim do mundo, na verdade!

Tourte

Ô Tourte do terrível outono

Onde cresce o novo aço e o vigoroso cimento

Estúpido ô estúpido

Onde o ar enferruja grandes placas de maldosa alegria

Onde a água purulenta corta as grandes faces do sol

Eu te odeio

O moinho lento mói a cana

O boi muito lento não engole o moinho

Será suficientemente absurdo?

Os pés descalços se plantam no asfalto

O asfalto muito macio não acende os pinheirais

da floresta de pés desnudos

Na verdade, não se pode entender nada.

Ainda vemos lenços nas cadeiras de mulheres, argolas em suas orelhas. Sorrisos em suas bocas, crianças em seus seios, e basta:

CHEGA DESTE ESCÂNDALO!

Eis então os cavalheiros do apocalipse.

Eis então sem pompa os empreendedores de funerais

Sem julgamento os homens do juízo final.

Em vão na frieza da tua garganta murmure vinte vezes a mesma pobre consolação, porque nós somos murmuradores de palavras.

Em vão: quando passa no céu aveludado

A resplandecente sentença poética,

Ô tolo

Tua febril sideração, tuas oclusões de olhos, tuas paralisias

Tuas contraturas

E teus pulsos a galope

Brilhantemente te desmentiram!

Palavras! Quando apalpamos pedaços deste mundo, quando abraçamos continentes em delírio, quando forçamos portas coléricas, palavras! Ah sim, palavras, mas palavras de sangue fresco, palavras avassaladoras, erisipélicas, maláricas, de lavas, de queimadas, de carnes e cidades em chamas.

Saiba bem:

Eu atuo somente se for no ano 1000

Eu nunca atuo se não for La Grande Peur

Molde-te a mim. Eu não me moldo a ti.

As vezes me vêem num grande gesto do cérebro, engolir uma nuvem muito vermelha, ou uma carícia de chuva, ou um prelúdio do vento.

Não te tranqüilizes exageradamente:

Eu forço a membrana vitelina que me separa de mim mesmo.

Eu forço as grandes águas que me rodeiam de sangue

Sou eu, nada além de mim, que pára meu lugar sobre o último trem da última onda da última avalanche,

Sou eu, nada além de mim

Eu que falo com a última agonia

Sou eu, oh! Nada além de mim

Que me garante o cálamo

As primeiras gotas de leite virginal

Às vezes tu já encontraste sobre a lua, afinado, um grande latido de cachorro ladrão.

Não houve avisos dos bons das luzes cinzentas, mas simplesmente um grande faro, e um grande grunhido de tigre fortificado na espessura do ar. E tu foste repentinamente aprisionado em uma rede líquida de rendição sumária, naves não iluminadas, o fogo de pelotão, de escoamento de bálsamo. E tu tremeste inenarravelmente.

Então nosso inferno te agarrará pelo colarinho.

Nosso inferno fará vergar tuas magras ossaturas

Tuas graças de pássaro nada exorcizará.

Basta. Jamais os esquecerás.

Eu sou um cadáver, olhos fechados, que codifica morse frenético sobre o telhado estreito da

Morte

Eu sou um cadáver exuberante no rio adormecido de seus membros

Um grito de aço não confundido.

Tu

Oh tu que tapas as orelhas

É para ti, é para ti que eu falo, para ti que esquartejarás amanhã até as
lágrimas a paz serena de teus sorrisos,

Para ti que numa manhã acumulas na sua sacola minhas palavras e as
reterás na hora onde adormecem os defuntos do medo;

Oblíquo caminho das fugas e dos monstros.

Tradução: Giselda Lima Andrade

CESAIRE, Aimé. En guise de manifeste littéraire. *Tropique*, Fort-de-France n.5
p. 7-12, avril, 1942.

Fonte: UFRGS (www.ufrgs.br/cdrom/livros.html).

PREFÁCIO MARGINAL

Maria Célia Barbosa Reis da Silva*

Antônio da Fraga Fernandes salta para a vida em 7 de julho de 1916. Seus pais, Justino Fernandes e Waldenira da Fraga Fornandes, moram na Rua Senador Eusébio, 170, na área denominada Cidade Nova — localizada entre Catumbi e Canal do Mangue — espaço em que ocorre a primeira tentativa concreta de expansão da cidade do Rio de Janeiro no tempo do Rei D. João VI, século XIX.

O espaço geográfico do tempo do Antônio menino é atropelado pelas obras da Avenida Presidente Vargas. Morro do Castelo, Praia de Santa Luzia, Praça Onze e outras paisagens, por onde o carioca passa na primeira metade deste século, vão desaparecendo na poeira dos desmontes, das demolições e dos aterros. Num estranho balé de destruição/construção, o Rio muda, Antônio cresce.

Com a separação dos pais, adolescente ainda, decide seguir rumo próprio. Vai para o Mangue onde vende siri e bugigangas úteis ao pedaço. Data desse tempo o início da mitologia marginal de Fraga e do recolhimento da matéria-prima que usa, em 1942, na criação de sua primeira obra: Desabrigo.

De biscate em biscate, ele ganha a vida e dela múltiplas experiências. Em Minas Gerais, alfabetiza crianças e adultos em Formiga e empurra vagonetes de pedra britada nas minas de ouro de Nova Lima; em Goiás, garimpa diamantes nas margens do Araguaia; no Estado do Rio de Janeiro, maneja enxada nos laranjais de Nova Iguaçu e administra um bananal em Magé; na metrópole carioca, exerce atividade de lanterninha de cinema, tra-

balha como auxiliar de cozinha no Hotel Glória, é redator-chefe da Rádio Vera Cruz e, finalmente, funcionário da Legião Brasileira de Assistência.

Nos intervalos, Fraga lê o mundo das ruas e dos livros e cumpre seu destino: escrever. Escrever sempre, compulsivamente, mesmo sem leitor ou editor, como se cada linha fosse um fio importante no sustento de sua teia vital.

Em 1945, o nosso Fraga acompanhado de dois quixotescos literários, Antônio Olinto e Ernande Soares, fundam a Editora Macunaíma, marquise que viabiliza a primeira edição de Desabrigo e que, logo após, é desativada devido à falta de recursos de seus fundadores e do pouco interesse das autoridades de incentivar os talentos jovens, que, sem os mecenas de outrora, sobrevivem aos trancos e barrancos, calando tantas vezes a imaginação fluida pelo grito cotidiano da fome e da moradia.

Um pouco antes da publicação de Desabrigo, ainda em 1945, Fraga forma o grupo literário Malraux. Em maio do mesmo ano, ele e sete participantes do grupo — Antônio Olinto, Luciano Maurício, Hélio Justino, Ernande Soares, Aladyr Custódio, José Galdino, Levy Menezes — realizam a Primeira Exposição Pública de Poesia do Mundo, urna espécie de retrato poético-ideológico da geração 45.

Com obra e discurso sofisticados, bem elaborados, fruto de leituras, de pesquisas e de um fazer literário em que a reescritura aponta para o desejo de perfeição, o porta-voz da rmarginália rompe as barreiras acadêmicas e participa ativamente da vida cultural e política da cidade do Rio de Janeiro até meados da década de 50.

Na década de 60, cansado de insucessos, cada vez mais distante daqueles que são ou dizem ser seus amigos, quase anônimo, num meio que já não reconhece como seu, numa cidade cujo solo foge de seus pés, o nosso Fraga

migra para Queimados em busca de um tom para a sua vida, de um novo despertar.

Queimados, na época distrito de Nova Iguaçu, a cinquenta quilômetros do centro do Rio de Janeiro, é o abrigo de que necessita. E o aluguel mais barato, é o contato direto com pessoas pobres, simples; é o local do provável reconhecimento, fora do centro, na periferia; é o espaço eleito ou para o qual é empurrado; por fim é o espaço em que ele, intransitivo e sem predicativos: é.

Aos poucos, Fraga vai-se adaptando ao novo contexto e ao texto de vida que dele advém. Queimados clama por eventos culturais. Seu novo habitante remexe o baú, solta os sonhos e luta para realizá-los: ministra cursos de literatura em sua casa, assume coluna no semanário Calçadão, contribui para o Jornal Hoje, organiza exposição de arte, participa da feira do livro, incentiva novos talentos — mostrando acertos e falhas —, mas sempre ensinando e apontando as veredas do aperfeiçoamento.

A vida escreve seus versos. De estrofe em estrofe, um ciclo fecha. A velhice é um sonho/A velhice é um sono/Em que se sonha menos / Sempre menos / E não se sonha mais. Madrugada de 19 de setembro de 1993, os relógios escandiam segundos breves como aforismos, os ponteiros a avançar inexoráveis. O festim acabou, chegou ao fim, como antecipara o pífaro, sua criatura. Caio pano. Fraga sai de cena. (...)

*Prefácio da autora, no livro **Desabrigo e Outros Trecos**, da Editora Relume Dumará, Rio de Janeiro - 1999.*

.....

BANZÉ

Cobrinha entrou no buteco e botando dois tistas no balcão pediu pro coisa

- Dois de gozo

Coisada atendeu à la minuta Largou no copo talagada e pico de água-que-passarinho-não-topa e sem tirar a botuca da cara do cobrinha empurrou o getulinho

- Tou promovendo a bicada

Depois de enrustir o nicolau e derramar gole pro santo cobrinha mandou o lubrificante guela abaixo Já desguiava quando pulga mordeu ele atrás da orelha e ele falou pra dentro “Quero ser mico catar bagana e coisa e loisa se nessa coisa do coisa não tem coisa” Então voltou e falou pra fora

- Promovendo por quê?

- Acertei um totó no veado...

- Que tem isso com o peixe?

Por causa do mano

fez coisada que patolando rim jornal mostrou pro cobra

GENTE DE FAMÍLIA

Durvalína largou o jornal apagou a lâmpada e se espichou no berço Na porta do barraco desabrigo escolava a pivetada

— No tempo dos bondes de burro existiu meu velho O falecido era mesmo do bafafá Quando a pilantragem via ele dava os pirantes com medo da seção de esquentas e os bacanaços vinham puxar saco por causa do doutor machado

E desabrigo contou um bocado das vantagens que o velho dele fazia Só depois que os pivas já tavam espantados é que ele contou a desvantagem

— Pra vocês ver como homem era bicho otário com mulher naquele tempo vou contar urna ursada que urna dona fez com ele igualzinho como ele me contou...

Não contou logo Pensou primeiro no velho e no jeito bonzão que ele tinha de tocar cuíca — cuíca na mão do velho até tocava ópera!

— O velho falou assim “Me chamaram uma vez pra ir tocar cuíca num fandango Pois eu fui A *farra* ia bem quando uma dona se plantou perto da bateria e ficou grelando meu jeito de tocar Virou mexeu mexeu virou a gente se atracamos num maxixe e larguei as cantadas em cima da cuja Falei falei falei mas ela ficou fazendo flozô ‘Porque papai é brabo e mamãe não gosta... Pode ser mas tá difícil...’ e mais uma porção de leros Porém como numa conversa ninguém não se livra a tal acabou entregando os pontos

“Não é que dias depois eu gemia mais do que cuíca! Tava engalicado até a alma e fiquei mancando da perna um porrão de tempo’

“Quando fiquei sarado fiz uma jura ‘Se daqui pra frente eu largar as cantadas de novo em mais alguma gente de família me esqueço que sou nagô legítimo capanga do pinheiro machado e vou catar papel na rua”

Desabrigo parou um bocado botou um crivo na boca e falou fazendo pouco

— Isso foi no tempo em que homem dava lugar pra mulher no bonde

Deu as palas pros pivas numa gaitolina alta e disse que era escolado que mulher com ele tinha é que meter os peitos senão mandava andar Dentro do barraco durvalina que tava escutando tudo fez cara de “o seu dia chegará”...

1 - PONTO DE VISTA

Para os que infelizmente não tiveram a sorte de pousar os olhos num artiguinho que o tão renomado como modesto escritor campos de carvalho estampou em o número de 15-IX-41 de “Planalto” transcrevemos este bocadito

“Entendem eles que para nos emanciparmos do jugo português devemos, o quanto antes, emanciparmos da língua lusitana a nossa língua, e o melhor meio de o fazer será abrigarmos no idioma novo toda forma de linguagem chula, de calão, de barbarismos e de sujeira em que, desgraçadamente, sempre foi *fértil* o linguajar do povo. Em vez dos clássicos, dos puristas, dos Camões e caterva dos séculos passados, falem e pontifiquem os malandros, os analfabetos, os idiotas, as prostitutas e a ralé mais baixa”.

POETAS E VAGABUNDOS

O cartaz na parede ensinava "Beba mais leite" Dono do "flor do estácio" dizia que aquele cartaz era um bom negócio Era mesmo Tão bom que quando desabrigo mais miquimba acabaram de boiar e viram o cartaz se lembraram na mesma horinha de tomar umas batidas de limão Depois tiraram o gosto ruim do limão com umas batidas de abacaxi e só depois é que desabrigo sentiu umas porradinhas nas costas Virou pra ver quem tava dando e ficou cheio de vento quando evêmero falou que tinha vindo só por causa dele e manou logo o garçom trazer três batidas duplas de tamarindo Apresentou também

- Esse aqui é o miquimba que já foi bicheiro jogador de chapinha e agora vai ser beque do "poesia futebol clube"

- Muito prazer

- Muito prazer

Se aperrtaram as mãos e evêmero sentou Desabrigo pegou a falar

- sabe miquimba?...

Miquimba não sabia mas ficou sabendo que evêmero já tinha escrito poesia no jornal e agora ia botar num livro a vida de todo vagabundo e mulher da vida que ele sobesse

- ...não é seu evêmero?

Seu evêmero fez que sim com a cabeça e como já tava mais pra lá do que pra cá por causa das batidas deu de contar uma história comprida de miserê que acabou com um negócio assim

- Sou poeta por ser vagabundo ou vagabundo por ser poeta? A resposta depende muito de quem faz a pergunta Do ponto de vista ético todo poeta é vagabundo e do ponto de vista estético todo vagabundo é poeta Poeta ou vagabundo em potencial mas sempre poeta e vagabundo ou vagabundo e poeta Ora se entre poetas e vagabundos a diferença é milimínima não acontece o mesmo entre vagabundos e malandros O primeiro é sempre um idealista e é portanto individualista enquanto que o segundo é pragmatista e é povo Há entre os dois a diferença quilométrica que há entre uma balada de françois villon e um samba de noel rosa...

Miquimba não tava pescando níquel e ia pedir pra ele trocar aquilo em miúdos quando desabrigo disse

- Quando ele começa a falar difícil é porque já tá porradinho da silva

*Mestre em literatura brasileira pela UFRJ, doutora em literatura da língua portuguesa pela PUC-RJ. Professora adjunta na Universidade da Força Aérea e professora titular do Centro Universitário Moacyr Sreder Bastos.

Fonte: Kromus & Kronópius (www.kromuskronopius.freesites.com.br).

AS PALAVRAS CATIVAS

(Prefácio para um dicionário situacionista)

Mustapha Khayati

Artigo publicado no # 10 de Internationale Situationniste, março de 1966. Tradução para o espanhol de Juan Pedro García del Campo publicada em Discurso sobre la vida posible: textos situacionistas sobre la vida cotidiana, publicado en Sediciones 11, Hiru, Hondarribia, 1999, edición de César de Vicente Hernando. Contacto: apdo. 184; 20280 Hondarribia (Guipúzcoa). Traduzido para o português pelos editores da Biblioteca Virtual Revolucionária.

.....

As banalidades, pelo que encobrem, trabalham para a organização dominante da vida. Uma delas é dizer que a linguagem não é dialética, para imediatamente proibir o uso de toda dialética. Na realidade, nada está tão manifestamente sujeito a dialética que a linguagem, como realidade viva. Assim, toda crítica do velho mundo tem sido feita com a linguagem desse mundo e entretanto contra ele, portanto numa *outra* linguagem. Toda teoria revolucionária tem que inventar suas próprias palavras, destruir o sentido dominante das outras palavras e encontrar novas posições no "mundo das significações" correspondentes à nova realidade em gestação, que é preciso libertar da confusão dominante. As mesmas razões que impedem nossos adversários (os senhores do Dicionário) de fixar a linguagem, nos permitem hoje afirmar posições outras, negadoras do sentido existente. No entanto, sabemos de antemão que essas mesmas razões não nos permitem de nenhum modo pretender uma certeza estabelecida definitivamente; uma definição é sempre aberta, nunca definitiva; as nossas valem historicamente para um período dado, ligadas a uma praxis histórica precisa.

É impossível libertar-se de um mundo sem libertar-se da linguagem que o oculta e o garante, sem por a nu sua verdade. Como o poder é a mentira permanente, a "verdade social", a linguagem é sua garantia permanente, e o dicionário, sua referência universal. Toda praxis revolucionária sente a necessidade de um novo campo semântico, de afirmar uma nova verdade; desde os Enciclopedistas até a "crítica da linguagem de pau" estalinista (pelos intelectuais polacos de 1956), esta exigência não deixa de ser afirmada. *A linguagem é a morada do poder*, o refúgio de sua violência policial. todo o diálogo com o poder é violência, suportada ou provocada. Quando o poder economiza o uso de suas armas, é à linguagem que confia o cuidado de guardar a ordem opressora. Mais ainda, a conjugação de ambos é a expressão mais natural de todo poder.

Passar das palavras para as idéias é só um passo, sempre permitido pelo poder e seus pensadores. Todas as teorias da linguagem, desde o misticismo débil do ser até a suprema racionalidade (opressiva) da máquina cibernética, pertencem a um só e mesmo mundo, o do discurso do poder, considerado como único modo de referência possível, como a mediação universal. Como o Deus cristão é a mediação necessária entre duas consciências e entre a consciência e si mesma, o discurso do poder se instala no coração de toda comunicação e se converte na mediação necessária entre si e si mesmo. Deste modo consegue capturar a contestação, situando-a de antemão em seu terreno, controlando-a, diluindo-a, desde o interior. A crítica da linguagem dominante, seu *desvio (détournement)* (1), será a prática permanente da teoria revolucionária.

Posto que todo sentido novo é chamado *contrassenso* pelas autoridades, os situacionistas instaurarão a legitimidade do contrassenso, e denunciarão a impostura do sentido garantido e dado pelo poder. Posto que o dicionário é o guardião do sentido *existente*, nos propomos destruí-lo sistematicamente. A *substituição* do dicionário, do senhor do falar (e do pensar) de toda

linguagem herdada e domesticada, encontrará sua expressão adequada na dissolução revolucionária da linguagem, no *desvio* (*détournement*) amplamente praticado por Marx, sistematizado por Lautréamont, e que a Internacional Situacionista põe a disposição de todo o mundo.

O *desvio* (*détournement*), que Lautréamont chamava plágio, confirma a tese, afirmada desde faz muito tempo pela arte moderna, da insubmissão das palavras, da impossibilidade para o poder de *recuperar totalmente* os sentidos criados, de fixar de uma vez por todas o sentido existente, isto é, a impossibilidade objetiva de uma "novilingua" (2). A nova teoria revolucionária não pode avançar sem uma redefinição dos principais conceitos que a sustentam. "As idéias melhoram", disse Lautréamont, "o sentido das palavras participam disso. O plágio é necessário: o progresso o implica. Ele pega a frase de um autor, se serve de suas expressões, elimina uma idéia falsa, a substitui por uma idéia justa." Para salvar o pensamento de Marx, deve-se sempre que necessário, corrigi-lo, reformulá-lo à luz de cem anos de fortalecimento da alienação e das possibilidades de sua negação. Marx precisa ser desviado (*détourné*) pelos que continuam esta linha histórica, e não ser citado de maneira imbecil pelas mil variedades de recuperadores. Por outro lado, o mesmo pensamento do poder se converte em nossas mãos em uma arma para si mesmo. Desde seu advento, a burguesia triunfante sonhou com uma língua universal que os cibernéticos intentam hoje realizar eletronicamente. Descartes sonhava com uma língua (ancestral da novilingua) na qual os pensamentos se seguiriam como os números, com um rigor matemático: a "mathesis universalis" ou a perenidade das categorias burguesas. Os Enciclopedistas que sonhavam (sob o poder feudal) com "definições tão rigorosas que a tirania não poderia acomodar-se a elas", preparavam a eternidade do futuro poder, como *último argumento* (*ultima ratio*) do mundo, da história.

A insubmissão das palavras, de Rimbaud aos surrealistas, revelou, em uma

fase experimental, que a crítica teórica do mundo do poder é inseparável de uma prática que lhe destrua; a recuperação pelo poder de toda arte moderna e sua transformação em categorias opressivas de seu espetáculo reinante constitui a triste confirmação. "O que não destrói o poder é destruído pelo poder". Os dadaístas foram os primeiros a colocar nas palavras sua desconfiança, inseparável de uma vontade de "mudar a vida". Com Sade, afirmaram o direito de *dizer tudo*, a libertar as palavras e "substituir a alquimia do verbo por uma verdadeira química" (Breton). A *inocência* das palavras, no entanto, é conscientemente denunciada, a linguagem é denunciada e a linguagem é assinalada como "a pior das convenções" que se tem que destruir, desmistificar, liberar. Os contemporâneos de dadá não deixaram de sublinhar sua vontade de destruir tudo ("tarefa de demolição", se inquietava Gide), perigo que representava para o sentido dominante. Com o dadaísmo, chegou a ser um absurdo crer que uma palavra está encadeada sempre a uma idéia: dadá realizou todas as possibilidades do *dizer* e fechou para sempre as portas da arte como especialidade. Estabeleceu definitivamente o problema da realização da arte. O surrealismo só tem valor enquanto prolongamento desta exigência; é uma *reação* em suas realizações literárias. Mas a realização da arte, a poesia (no sentido situacionista) significa que não é possível realizar-se em uma "obra" senão, ao contrário, realizar-se e ponto. O "*dizer tudo*" inaugurado por Sade implicava já a abolição da literatura como um âmbito separado (no qual só o que é literário pode ser dito). Só que essa abolição, conscientemente afirmada pelos dadaístas, depois de Rimbaud e Lautréamont, não era uma *superação*. Não há superação sem realização e não se pode superar a arte sem realizá-la. Na prática nem sequer houve abolição, porque mesmo depois de Joyce, Duchamp e Dadá, continua pululando uma nova literatura espetacular. O dizer tudo não pode existir sem a liberdade de fazer tudo. Dadá tinha uma possibilidade de realização no *Spartakus* (3), na prática revolucionária do proletariado alemão. O fracasso destes tornava o seu inevitável. Nas escolas artísticas posteriores

(sem excluir a quase totalidade de seus protagonistas), Dadá se converteu na expressão literária do nada da liberdade quotidiana, a arte de expressar o nada da liberdade cotidiana. A última expressão desta arte de "dizer tudo" privado do fazer é a página em branco... A poesia moderna (experimental, permutacional, espacialista, surrealista ou neodadaísta) é o contrário da poesia, é o projeto artístico recuperado pelo poder. Abole a poesia sem realizá-la; vive de sua autodestruição permanente. "Para que salvar uma língua", reconhece miseravelmente Max Bense, "quando já não há nada a dizer?" (confissão de especialista!) Psitacismo ou mutismo, é a única alternativa dos especialistas da permutação. O pensamento e a arte modernos, garantidos pelo poder e garantindo-o, se movem nisso que Hegel chamava de "linguagem da adulação". Todos contribuem para o elogio do poder e de seus produtos, aperfeiçoam a reificação e a trivializam. Afirmando que "a realidade consiste na linguagem" ou que a linguagem "só pode ser considerada em si mesma e por si mesma", os especialistas da linguagem se pronunciam pela "linguagem-objeto", pelas "palavras-coisas" e se deleitam com o elogio de sua própria reificação. O modelo das coisas se faz dominante e a mercadoria mais uma vez encontra sua realização, seus poetas. A teoria do estado, da economia, do direito, da filosofia, da arte, tudo tem agora esse caráter apologético.

Ali onde o poder separado substitui a ação autônoma das massas, e portanto onde a burocracia se apodera da direção de todos os aspectos da vida social, ela assedia a linguagem e reduz sua poesia a uma prosa vulgar da informação. A burocracia se apropria privadamente da linguagem, como todo o resto e a impõe às massas. A linguagem, assim, comunica suas mensagens e contém seus pensamentos; é o suporte material de sua ideologia. Que a linguagem seja antes de tudo um meio de comunicação entre os homens, a burocracia o ignora. Posto que toda comunicação passa por ela, os homens não têm já nem sequer necessidade de falar-se: devem

antes de tudo assumir um papel de *receptores*, na rede de comunicação informacionista à qual é reduzida toda a sociedade, receptores de ordens.

O modo de existência dessa linguagem é a burocracia, seu devir é a burocratização. A ordem bolchevique isolada do fracasso da revolução soviética impôs uma série de expressões mais ou menos mágicas, impessoais, a imagem da burocracia no poder. "Politiburo", "komintern", "cavarmee", "agitprop" são outros tantos nomes misteriosos de organizações especializadas, realmente misteriosas, que se movem na nebulosa esfera do estado (ou a direção do partido) sem relação com as massas, se não é para instituir e reforçar a dominação. A linguagem colonizada pela burocracia se reduz a uma série de fórmulas sem matizes nem inflexões, na qual os mesmos substantivos são sempre acompanhados pelos mesmos adjetivos e participios; o substantivo os governa e, cada vez que aparece, vão automaticamente se agrupar a seu redor na ordem correta. Esta "arregimentação" das palavras traduz uma militarização mais profunda de toda a sociedade, sua divisão em duas categorias principais: a classe dos dirigentes e a grande massa dos executantes. Mas essas mesmas são chamadas para interpretar outros papéis; estão penetradas do poder mágico de sustentar a realidade opressiva e de encobri-la, de representá-la como a verdade, a única verdade possível. Assim, já não se é "trotskista", senão "hitlero-trotskista", já não há marxismo, senão o "marxismo-leninismo", e a oposição é automaticamente "reacionária" no "regime soviético". A rigidez com a qual se sacralizam as fórmulas rituais tem por objetivo preservar a pureza desta "substância" frente aos fatos que aparentemente a contradizem. Assim, a linguagem dos senhores é tudo e a realidade nada ou, no máximo, é a carcaça dessa linguagem. As pessoas devem, em seus atos, em seus pensamentos e em seus sentimentos, fazer como se seu estado fosse esta razão, esta justiça, esta liberdade, proclamadas pela ideologia; o ritual (e a polícia) estão aí para fazer observar esse comportamento (cf. Marcuse, *O marxismo soviético*).

A decadência do pensamento radical aumenta consideravelmente o poder das palavras, as palavras do poder. "O poder não cria nada, recupera" (cf. *I.S.*, 8). As palavras forjadas pela crítica revolucionária são como as armas dos partidários abandonadas no campo de batalha: passam para a contra-revolução; e como os prisioneiros de guerra, são submetidas a trabalhos forçados. Nossos inimigos mais imediatos são os portadores dessa falsa crítica, seus funcionários oficiais. O divórcio entre a teoria e a prática proporciona a base central da recuperação, da petrificação da teoria revolucionária em forma de ideologia, que transforma as exigências práticas reais (cujos indícios de realização existem já na sociedade atual) em sistemas de idéias, em exigências da razão. As ideologias de todo tipo, cães de guarda do espetáculo dominante, são as executoras desta tarefa; e os conceitos mais corrosivos são então esvaziados de seu conteúdo, repostos em circulação, a serviço da alienação conservada: o dadaísmo ao contrário. Se convertem em slogans publicitários (cf. o recente prospecto do "Club Méditerranée"). Os conceitos dessa crítica radical têm a mesma sorte que o proletariado; são privados de sua história, separados de suas raízes: são bons para as máquinas pensantes do poder.

Nosso projeto de libertação das palavras é historicamente comparável à empresa dos enciclopedistas. À linguagem do "dilaceramento" do *Aufklärung* (para continuar a imagem hegeliana) (4), faltava a dimensão histórica consciente; ainda que pareça impossível, era a crítica do velho mundo feudal decrépito o que sairia dela: nenhum dos enciclopedistas era republicano. Seu projeto expressava mais que nada o próprio dilaceramento dos pensadores burgueses; e nosso aponta para toda a prática que dilacera o mundo, começando por dilacerar os velhos conceitos que o ocultam. Enquanto os enciclopedistas buscavam a enumeração quantitativa, a descrição entusiasta de um mundo de objetos no qual se desdobra a vitória já presente da burguesia e da mercadoria, nosso dicionário traduz o

qualitativo e a vitória possível ainda ausente, o reprimido da história moderna (o Proletariado) e o *retorno do reprimido*. Propomos a libertação real da linguagem, posto que nos propomos situá-la na prática livre de todo entrave. Rechaçamos *toda autoridade*, lingüística ou de outro tipo; só a vida real *autoriza* um sentido, e só a praxis o verifica. A disputa sobre a realidade ou não realidade do sentido de uma palavra, isolada da prática, é uma questão puramente escolástica. Colocamos nosso dicionário nesta região libertária que escapa ainda ao poder, mas que é sua única herdeira universal possível.

A linguagem continua sendo a mediação necessária da tomada de consciência do mundo da alienação (Hegel diria; a alienação necessária), o instrumento da teoria radical que terminará por apoderar-se das massas, porque é delas; e só então encontrará a sua verdade. É primordial então que forjemos nossa própria linguagem, a linguagem da vida real, contra a linguagem ideológica do poder, lugar de justificação de todas as categorias do velho mundo. Devemos desde já impedir a falsificação das teorias, sua recuperação possível. Utilizamos conceitos determinados, já utilizados pelos especialistas, mas dando-lhes um novo conteúdo, voltando-os contra as especializações que sustentam, e contra os futuros pensadores assalariados que (como Claudel com Rimbaud e Klossowski com Sade) estariam tentados a projetar sua própria podridão sobre a teoria situacionista. As futuras revoluções deverão inventar elas mesmas suas próprias linguagens. Para reencontrar sua verdade, os conceitos da crítica radical serão reexaminados um a um: a palavra *alienação*, por exemplo, um dos conceitos-chave para a compreensão da sociedade moderna, deve ser desinfetada depois de haver passado pela boca de um Axelos (5). Todas as palavras, servidoras como são do poder, estão com este na mesma relação que o proletariado e, como ele, são instrumentos e agentes da futura libertação. Pobre Revel! Não há palavras proibidas; na linguagem, como sucederá em tudo o mais, *tudo é*

permitido. Proibir-se o uso de uma palavra é renunciar ao emprego de uma arma utilizada por nossos adversários.

Nosso dicionário será uma espécie de chave com a qual será possível decifrar as informações, e rasgar o véu ideológico que recobre a realidade. Daremos as traduções possíveis que permitam apreender os diferentes aspectos da sociedade do espetáculo, e mostrar como os menores indícios (os menores sinais) contribuem para mantê-la. De um certo modo, é um dicionário bilingüe, pois cada palavra possui um sentido "ideológico" do poder e um sentido real, que cremos que corresponde à vida real na atual fase histórica. Também poderemos determinar a cada passo as distintas posições das palavras na guerra social. Se o problema da ideologia é saber como descer do céu das idéias para o mundo real, nosso dicionário será uma contribuição à elaboração da nova teoria revolucionária, na qual o problema é saber como passar da linguagem para a vida. A apropriação real das palavras que *trabalham* não pode ser feita à margem da apropriação do próprio trabalho. O estabelecimento da atividade criadora livre será, ao mesmo tempo, o estabelecimento da verdadeira comunicação, finalmente livre, e a transparência das relações humanas substituirá a pobreza das palavras sob o antigo regime da opacidade. As palavras não deixarão de *trabalhar* enquanto os homens não deixarem de o fazer.

1966

Notas

1. Desvio ou *détournement* (ou tergiversação) é a prática situacionista do plágio alterado. (Nota do Rizoma)

2. No romance *1984*, de George Orwell, a novilíngua (*newspeak*) era o idioma oficial do megabloco da Oceania. Utilizada apenas nos artigos

internos e oficiais, o objetivo principal da sua implantação é reduzir o vocabulário ao extremo para diminuir a capacidade de pensamento, tornando os cidadãos mais vulneráveis às vontades do Partido. A eliminação de sinônimos, fusão de palavras tornava a relativização da realidade impossível. (N. do Rizoma)

3. O *Spartakusbund* (ou Liga Spartakus) foi em sua origem uma facção comunista alemã da esquerda revolucionária proletária, fundado em oposição à Primeira Guerra Mundial por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht em 1914. A liga, embrião do futuro Partido Comunista Alemão, teve em suas fileiras membros como John Heartfield, entre outros do grupo Dada-Berlim. (N. do Rizoma).

4. Iluminismo, em alemão. (N. do Rizoma)

5. Kostas Axelos, editor da revista *Arguments* e intelectual "existencial-marxista", ao que parece repudiado pelos situacionistas. (N. do Rizoma).

(Tradução corrigida e anotada pelo Rizoma)

Fontes: Biblioteca Virtual Revolucionária (www.geocities.com/autonomiabvr/).

Absoluto (<http://membres.lycos.fr/absoluto/>).

(Arquivo Rizoma)

CAMPOS DE CARVALHO: PROSADOR SURREALISTA?

Cláudio Willer

O que é um clássico?

É o autor de quem permanecem imagens e frases, reconhecidas mesmo por quem não leu sua obra.

Podem ser trechos como estes:

Vós, que entraís, deixai toda esperança.

Se Deus não existe, tudo é permitido.

Hipócrita leitor, meu semelhante, meu irmão.

Tudo vale a pena quando a alma não é pequena.

Fiz um pacto com a prostituição, afim de semear a desordem entre as famílias.

A poesia deve ser feita por todos, não por um.

As duas últimas citações são de Lautréamont, de quem Campos de Carvalho se dizia "irmão", além de citá-lo em *A Lua vem da Ásia*. Só lamento não ter tido a ocasião de conversar com ele, para saber como era a sua leitura de um autor tão complexo. Também lhe teria perguntado sobre Alfred Jarry, seguidor de Lautréamont; e sobre as ressonâncias, em *A chuva imóvel*, de uma narrativa como *Os dias e as noites*.

Voltemos aos clássicos. E aos autores que ainda não o são, mas que mereceriam algum dia alcançar esta condição, como o próprio Campos de Carvalho, de quem, assim o espero, permanecerão trechos como estes:

Aos 16 anos, matei meu professor de lógica. (...) e fui morar sob uma ponte do Sena, embora nunca tenha estado em Paris.

À noite a lua vem da Ásia, mas pode não vir, o que demonstra que nem tudo neste mundo é perfeito.

Mesmo morto, continuarei dando meu testemunho de morto. Esta chuva imóvel, serei eu que a estarei cuspiendo.

Estou lírico como um teatro de ópera, e é bom que assim seja, que assim esteja, nesta noite tão rica em presságios, tão próxima do abismo dos céus e dos abismos do mar.

Saí para matar o tempo e matei-o.

Copacabana é um bairro onde se pode viver tranqüilamente, desde que se seja louco.

Essas frases fazem parte de enredos lacunares, feitos de cenas e situações que parecem não levar a lugar algum, e que, em *O púcaro búlgaro*, seu último livro, compõem a viagem a lugar algum. Campos de Carvalho seduz o leitor pela leveza e naturalidade. Talvez isso ocorra pelo modo como escrevia, espontaneamente (*O púcaro búlgaro* teria sido realizado em 24 dias), movido por um rigor que o obrigava a proibir-se de refazer seus textos. Deixou-nos, por isso, uma prosa fluente em sua descontinuidade.

O destino de sua obra exemplifica a miopia literária responsável pela existência de *autores brasileiros relegados ao limbo dos injustamente amaldiçoados pelo esquecimento*, como disse Nelson de Oliveira, em um artigo recente (*Três escritores de gênio que o Brasil está desprezando*, no *Caderno de Leituras, Jornal da Tarde*, São Paulo, 07/10/2000). Nele, Campos de Carvalho é citado como membro de uma família de verdadeiros malditos, da qual também fariam parte Rosário Fusco, Maura Lopes Caçado, José Agripino de Paula e Uílcon Pereira.

Sem dúvida, é um escândalo a obra de Campos de Carvalho haver desaparecido de vista, sem reedição, por três décadas, desde quando seu autor resolveu parar e sair de cena. Mais estranho ainda é, depois de ser

redescoberto, em conseqüência de indagações feitas por Mário Prata e de um artigo de Carlos Felipe Moisés, que contribuíram para que fosse publicada sua *Obra Reunida* (José Olímpio Editora, 1995 e reedições), o silêncio a seu respeito haver-se restabelecido.

Se soubéssemos nos ler – e, aqui, não penso apenas em Campos de Carvalho e no elenco formado por Nelson de Oliveira, mas no reconhecimento tardio de Dionélio Machado e Murilo Rubião, entre outros casos – figuraríamos, perante o mundo e nós mesmos, como o país onde floresceram uma prosa, uma poesia, uma poesia em prosa ou prosa poética oníricas, mágicas, surreais, fantásticas, do absurdo, do *nonsense*. Enfim, seja qual for o rótulo ou qualificação, um conjunto de obras que contrariam as modalidades privilegiadas por nossa tradição positivista e por sua manifestação mais recente, a crítica universitária de orientação cientificista e formalista: o paradigma realista, a idéia da literatura como representação e mimese, a poesia cerebral, reiteração do *cogito* cartesiano.

Em que medida Campos de Carvalho poderia ser identificado ou vinculado ao Surrealismo? Na introdução à *Obra Reunida*, Carlos Felipe Moisés admite sua proximidade com relação a esse movimento, pela *imaginação delirante*, ressaltando, porém: *Quanto mais delirante, mais fundo a imaginação toca o cerne da realidade. Na verdade, o autor está mais para realista do que para surrealista, embora isso ofenda aos espíritos bem pensantes, amantes da boa lógica. Ocorre, contudo, que uma das dificuldades enfrentadas pelos bem-pensantes, amantes da boa lógica, é justamente a de perceberem que o Surrealismo não é um irrealismo, um modo de pairar na abstração ou no devaneio desvinculado do mundo em que estamos. E, ao discutir-se a vinculação de alguém ao Surrealismo, entendido como movimento de idéias, e não como estilo, forma, e, menos ainda, como devaneio inconseqüente, convém que a crítica parta daquilo que o autor em foco pensar ou tiver a dizer a respeito.*

Naquela que parece ter sido a última de suas poucas entrevistas, para a revista *Azougue* (publicada em dezembro de 1997), pouco antes de morrer, Campos de Carvalho declarou-se, novamente, surrealista. Mas não é possível imaginá-lo como participante ativo, presente às reuniões de um movimento, de um grupo. Sua sensibilidade o induzia à solidão. Autodeclarado anarquista, pertenceu à família dos anarco-individualistas. Poderia, contudo, se houvesse escrito e publicado em outro tempo, figurar naquela lista dos escritores que precederam o Surrealismo, apresentada no *Primeiro Manifesto* de André Breton. Assim como Breton declarou que *Poe é surrealista na aventura*, que *Baudelaire é surrealista na moral*, que *Mallarmé é surrealista na confidência*, teria dito que Campos de Carvalho é surrealista no isolamento, na discricção, na reticência, no prolongado silêncio. E, com absoluta certeza, mereceria figurar na *Antologia do Humor Negro* do mesmo Breton, com sua lírica defloração sobre túmulos, seu assassinato do professor de lógica, e tantas outras passagens memoráveis.

Deixando de lado uma discussão, a meu ver inútil, sobre semelhanças formais, exteriores, entre Campos de Carvalho e o Surrealismo, penso que ele encarnou, com extrema fidelidade, seus ideais e valores: a idéia de uma ética do escritor, do artista em geral, fiel a si mesmo, avesso à perseguição da glória. Alguém que não se propõe à carreira das letras, porém apenas obedece a seu impulso criador. Sob o ponto de vista ético, seu silêncio e isolamento foram significativos. Depois da repercussão, sucesso já tardio para alguém nascido em 1916, dos quatro livros publicados entre 1956 e 1964, saiu de cena, não quis mais saber, pois não estava aí para a badalação, o mundanismo cultural, os jogos de interesses da política literária.

Carlos Felipe Moisés, nessa introdução à *Obra Reunida*, trabalha, acertadamente, com termos binários, apresentando polaridades, e mostrando como elas se confundem e são anuladas. Examina a loucura contra a sanidade mental, e a loucura da normalidade, em *A lua vem da*

Ásia; a vida contra a morte, e a morte em vida, em Vaca de nariz sutil; o tabu do incesto e o incesto contra os tabus, em A chuva imóvel; finalmente, o irreal contra o real, e a irrealidade do real, em O púcaro búlgaro. Mostra-o, portanto, como um escritor que tratou das contradições fundamentais: imaginação contra realidade, sujeito versus objeto, indivíduo e sociedade, real e ideal.

A publicação da Obra Reunida e de um ensaio como esse deveriam ter inaugurado uma fértil seqüência de estudos críticos sobre Campos de Carvalho, colocando-o no lugar que merece em nossa literatura. É claro que ele não precisa daqueles típicos estudos acadêmicos, que chovem no molhado, servindo apenas para o mestrando ou doutorando mostrar que estudou a lição de casa, ao oferecer-nos, por exemplo, o exame da carnavalização, ou dialogismo, ou polifonia em sua obra (seria chover no molhado fazer isso com um leitor declarado de Rabelais). A intertextualidade em Campos de Carvalho, aqui sim, há uma linha de pesquisa que talvez possa render algo. Mas, no que ainda vier (espera-se) a ser escrito sobre o autor de Vaca de nariz sutil, seria possível e produtivo utilizar a matriz freudiana. Especialmente o magistral estudo sobre o chiste, ou o humor, ou o trocadilho, e sua relação com o inconsciente. Seus jogos de aliterações, de aproximações de significantes e não de significados, mostram como Eros, o prazer, toma conta, ludicamente, da criação literária.

Através do jogo de contrastes, prevalece, naquilo que individualiza seu estilo, em seus enredos e em cada frase, um duplo movimento. Consiste em uma espécie de metonimização, na conversão do abstrato em concreto, e, reciprocamente, na abstração do concreto, assim subvertendo-os. Por exemplo, tomando um dos trechos citados acima, ao dizer que saiu para matar o tempo e que o matou, convertendo a categoria geral, abstrata (o tempo), em coisa. Ou, para ilustrar o mecanismo inverso, que morou sob uma ponte do Sena sem haver morado em Paris, assim lançando o concreto

(a ponte do Sena) na mais completa abstração, convertendo a referência geográfica em lugar algum. No título A Lua vem da Ásia, ele planta o geral, o Oriente, no chão, na superfície do planeta. Atente-se ainda para essa perfeição do deslocamento, do símile subvertido, que é estar lírico como um teatro de ópera (e não como uma ópera...), novamente amarrando o abstrato ao concreto.

As narrativas de Campos de Carvalho são, acima de tudo, extraordinariamente consistentes em sua lógica do absurdo e da subversão. O todo formado pelos enredos é indissociável das partes, dos epigramas e aforismos, na mesma medida em que há perfeita coerência entre a obra escrita e a conduta do seu autor. Por isso, por sua integridade, vida e obra de Campos de Carvalho representam a busca do homem adâmico, primordial, da inocência anterior à Queda, à corrupção e degradação pela civilização ou, como disse ele, em A Lua vem da Ásia, a minha desesperada inocência, que é também meu terrível segredo; busca empreendida por alguém que, através da absoluta seriedade de seu humor, em estado de nudez simbólica, sempre se manifestou contra essa civilização.

.....

O PÚCARO BÚLGARO - Campos de Carvalho (TRECHO)

Explicação Necessária

Se a Bulgária existe, então a cidade de Sófia terá que fatalmente existir. Este o único ponto no qual parecem assentir os que negam e os que defendem intransigentemente a existência daquele país, desde os tempos antediluvianos até os dias pré-diluvianos de hoje.

Neste livro não se pretende firmar nenhuma verdade definitiva sobre essa

imortal controvérsia, em que pese ao número crescente de pseudoviajantes e outros aventureiros que, munidos de documentos irrefutáveis, provam ou tentam provar a cada passo o seu respeitável ponto de vista – escudados muitas vezes no prestígio de assembléias ou conferências as mais internacionais. O autor pessoalmente, e é o que se verá, já teve oportunidade de conhecer e mesmo de entabular conversação com mais de um relutante búlgaro, e até mesmo com uma búlgara, todos de uma reputação acima de ilibada e merecedores da maior estima e simpatia: mas como também já viu de perto alguns fantasmas e até o próprio Diabo, reserva-se o direito de só opinar definitivamente sobre o assunto depois que outros mais abalizados ou afortunados o tenham feito, à luz das novas ciências ou das que porventura ainda estejam por surgir.

Aqui o que se procura é apenas relatar, com o máximo de fidelidade, a experiência pessoal que – quase a contragosto e com o espírito sempre o mais elevado – teve o autor a oportunidade de empreender em torno dessa mirífica e cada vez mais nebulosa disputa geográfica: ou, para dizer com mais exatidão, em torno desse espanto geonômico, como tão bem o definiu um famoso historiador búlgaro. Se bem ou malsucedida essa experiência, face aos pouco prováveis resultados que dela possam advir para o progresso da astrofísica ou da astrologia, este já é um assunto que por sua natureza escapa aos limites da presente obra, embora sejam eles tão evanescentes e imaginários quanto os do próprio reino da Bulgária. Entende o autor, apenas, que muito mais importante do que ir à Lua é ir ou pelo menos tentar ir à Bulgária – ou, quando menos, descobri-la.

Os Prolegômenos

No verão de 1958 o autor visitava tranqüilamente o Museu Histórico e Geográfico de Filadélfia quando, ao voltar-se um pouco para a direita, avistou de repente um púcaro búlgaro. A impressão causada pelo estranho

acontecimento foi tamanha que no dia seguinte ele embarcava de volta no primeiro avião, deixando a mulher no hotel sem dinheiro ao menos para pagar as despesas.

Não falou o autor sobre o caso com ninguém, nem mesmo na ação de desquite que lhe moveram a mulher e todos os seus parentes consangüíneos ou colaterais, até que ano e meio mais tarde resolveu escrever ao próprio diretor do museu indagando, após muitos circunlóquios, se na sala x à direita, e à luz do meio-dia, podia inequivocamente ser visto um – e disse o nome. A resposta veio pronta e sem evasivas:

Prezado Senhor.

Respondendo a sua insólita e despropositada carta de 18 do corrente, venho informar que, após minuciosa diligência efetuada por pessoal altamente técnico e de reputação acima de qualquer suspeita, chegou-se à constatação de que na sala 304-B (ala direita) deste museu existe, sem a menor sombra de dúvida, um precioso exemplar de PÚCARO BÚLGARO, provavelmente do início do século 13 a.C. – sob a dinastia Lovtschajik.

Atenciosamente.

Isso veio decidir, de uma vez por todas, sobre o destino do autor.

Como toda gente, também ele sempre ouvira falar, desde a mais tenra infância, sobre púcaros e sobre búlgaros – mas sempre achando que se tratava apenas de um jogo de palavras ou, na melhor das hipóteses, de personagens de contos de fadas, tão reais quanto as aventuras do barão de Münchhausen. Nunca lhe passara pela cabeça que, numa esquina qualquer do mundo, de repente lhe pudesse aparecer pela frente um búlgaro

segurando um púcaro, ou então um púcaro com um búlgaro dentro, ou ainda e muito menos um púcaro simplesmente búlgaro – com data, etiqueta e tudo, e sob a proteção da bandeira dos Estados Unidos da América. Afeito a indagações altamente filosóficas, sem falar das metafísicas e das metapsíquicas, além das que vêm de Nostradamus e de outros planetas – dispôs-se o autor a, passado o primeiro instante de surpresa que durou exatamente 18 meses, vir a campo e aceitar o desafio que acintosamente lhe ativara a poderosa máquina de propaganda ianque, armando-se se preciso fosse até os dentes, sobretudo os caninos, em defesa de seus princípios e conseqüentemente de seus fins.

Outros 18 meses levou o autor nessa luta desigual com o imperialismo norte-americano, ele e mais ninguém – que todos se recusavam cinicamente a discutir sequer de longe o assunto, pretextando a hora do chá ou outros afazeres semelhantes sempre que se aventava a hipótese de os céus de Filadélfia estarem acobertando uma deslavada impostura. Em vão se tentou chamar à realidade os espíritos mais pragmáticos, para os quais a Wall Street e o Vaticano sempre se constituíram na última palavra, esquecidos eles de que as últimas palavras sempre foram as dos mortos, dos que já morreram há milênios e ainda estão se putrefazendo de pé, como as múmias e as ruínas ditas clássicas – como se também isso fosse possível, uma coisa ser clássica e ruína ao mesmo tempo.

Nada tinha como nada tem o autor, evidentemente, contra nenhum búlgaro em carne e osso, desde que ele se dispusesse a exhibir a sua carne e os seus ossos a quem os quisesse ver, como terá que fatalmente exhibi-los no Dia do Juízo. Nada tem igualmente contra os púcaros na sua simples condição de púcaros, uma vez que não se metam a búlgaros e saiam para a praça pública a gritar – SOU UM PÚCARO BÚLGARO, SOU UM PÚCARO BÚLGARO – sem que se possa examiná-los de perto e mesmo tocá-los com os dedos, como acontece nos museus. Nos dicionários eles lá estão, um e outro, com os seus

verbetes – mas isso é fácil, Deus também lá está: queria é vê-los o autor aqui fora, resplandecentes de luz solar e não de luz elétrica ou gás neón, e sem os canhões de Tio Sam para lhes garantir a pucaridade ou a bulgaricidade.

O autor tentou honestamente imaginar-se um púcaro ou um búlgaro e não conseguiu, e ainda menos um púcaro búlgaro ou um búlgaro com púcaros na mão, na cabeça ou debaixo das axilas. Imaginou-se sem dificuldade um cavalo ou um guarda-chuva, e até mesmo um cavalo com um guarda-chuva – chegando ao extremo de imaginar-se um dia o próprio Museu Histórico e Geográfico de Filadélfia, mas sem púcaro búlgaro dentro. Essa experiência, também ela, lhe foi decisiva.

E como o que existe, ou dizem existir, é o reino dos búlgaros e não o reino dos púcaros, entendeu o autor que o mais prudente seria organizar uma expedição que fosse logo à procura daquele e não deste – o que fez ou se pôs a fazer no verão de 1961, exatamente três anos após aquele infausto acontecimento que lhe valeu quando menos a liberdade de dormir sozinho, embora não dormindo.

Do que se passou e sobretudo do que não se passou nessa expedição já famosa é o relato que se vai ler em seguida, o mais pormenorizado e o mais honesto possível, embora tenha sido reduzido ao mínimo para que pudesse caber num só volume e mesmo num só século – o que afinal se conseguiu.

Explicação Desnecessária

Este espantoso documento já estava para ser entregue a seu afortunado editor quando uma comissão de búlgaros, berberes, aramaicos e outros levantinos, todos encapuzados, procurou certa noite o autor e ofereceu-lhe dez milhões de dracmas para que não o publicasse – pelo menos até o

começo do século XXI, quando certamente o mundo já não terá mais sentido.

O autor, profundamente sensibilizado ante as ponderações de ordem moral e outras que lhe eram apresentadas, pediu um pequeno prazo para deliberar sobre o assunto, não sem antes ter tido o cuidado de verificar dentro do capuz que se dizia búlgaro se havia mesmo algum búlgaro dentro. O que havia.*

Quando enfim, após toda uma noite a debater com a sua consciência sobre os problemas do bem e do mal, da verdade e da inverdade, o autor voltou correndo ao local combinado para entregar sua resposta – teve o desprazer de constatar que lá não havia nenhum búlgaro ou aramaico à sua espera, como também não havia nenhum berbere ou outro levantino de qualquer espécie, nada se sabendo igualmente sobre a recente vinda de qualquer nave espacial à Terra, com búlgaros de capuz ou sem capuz, com púcaros ou sem púcaros. Do que lhe foi fácil chegar à conclusão, até nova ordem pelo menos, de que o tal mito búlgaro continua a ser cada vez mais e apenas um mito, e de que os afamados púcaros búlgaros, hoje fabricados em série, podem servir para tudo neste mundo menos para carregar dez milhões de dracmas.

E como a Verdade paira acima de quaisquer verdades, sejam elas quais forem, como se ensina até nas escolas primárias, aqui ficam definitivamente entregues à posteridade – precária e efêmera, pouco importa – estas páginas escritas com sangue e com suor, e agora também com raiva, para que sobre elas se debrucem os historiadores e os contadores de histórias de todos os tempos, os poetas e os adivinhos, e todos quantos se interessem por outra coisa que não seja o seu próprio interesse, como é o caso edificante do autor.

* Não deixa de causar espécie afirmativa tão leviana por parte do Autor. Se

realmente havia o tal búlgaro dentro, cumpria-lhe como cientista tomar todas as providências cabíveis no sentido de bem documentar o fenômeno, e nunca vir a público e declarar simplesmente "Havia" ou "Não havia". A menos, naturalmente, que tenha ele a intenção de algum dia ainda escrever um tratado búlgaro provando a inexistência dos demais países, movido pelas tais razões morais e outras a que tão sub-repticiamente se refere. (Nota do afortunado Editor.)

IN MEMORIAM

Este livro é dedicado à memória daqueles que, em todos os tempos e sob as condições mais adversas, tentaram ou conseguiram heroicamente atingir as regiões mais inatingíveis deste ou de qualquer outro planeta, de modo a possibilitar se tornassem conhecidos, ou quase, nomes e expressões tais como: Atlântida, Império do Preste João, Ciméria, Esquéria, Gripia, Ciclópia, Bulgária, Cochinchina, Patagônia, Eldorado, Utopia, Iêmen, Bramaputra, Micronésia e Melanésia, ilhas Antípodas e Galapagos, Terra Australis, embocaduras do Fellatio e do Cunnilingus, mas Cáspio, mar Jônio, Império do Grande Cã, Brasília, Boston, Continente Perdido do Mu, União Sul-Africana, lago Titicaca, Alabama, Texas, Arkansas, Mississípi, montes Urais e outros.

Livro de Horas e Desoras

OU

DIÁRIO DA FAMOSA EXPEDIÇÃO 'TOHU-BOHU'

AO FABULOSO REINO DA

Bulgária (MCMLXI - ...)

COM O QUE SE PASSOU OU NÃO SE PASSOU

DE IMPORTANTE NESSE, COM PERDÃO DA PALAVRA,

INTERREGNO

Outubro, 31

O vento fustiga as velas, corre-me pela nuca e pelos cabelos, e volta para o mar alto.

Aqui em cima, no alto da Gávea, as estrelas cintilam mais perto: houvesse lua e eu talvez nela pudesse banhar as mãos de luz, no seu bacio de cristal – não como Pilatos mas como um cirurgião que se apresta para um parto difícil, o mais difícil da história, arrancando das entranhas do Desconhecido todo um mito e a sua verdade, séculos e séculos de mal-assombrados e equívocos.

Estou lírico como um teatro de ópera, e é bom que assim seja, que assim esteja, nesta noite tão rica em presságios, tão próxima do abismo dos céus e dos abismos do mar. Colombo devia sentir o mesmo quando pela vez primeira arremeteu contra as Índias e foi descoberto por indígenas a que chamou de índios e índios continuaram até hoje; e Marco Polo com suas verdadeiras patranhas, suas patranhas verdadeiras, ao descobrir que para ter vivido vinte anos no país do tártaros teria que pelo menos ter atravessado um dia o país do búlgaros, e se pôs então a escrever ou a ditar o Livro das maravilhas; e Amundsen ao conquistar a duras penas o pólo Sul

para nele depositar uma carta dirigida ao rei da Noruega, quando lhe seria muito mais fácil metê-la logo no correio ou entregá-la pessoalmente; e ainda e finalmente o primeiro homem a pisar e a mijar na Lua, ou o primeiro selenita a mijar e a pisar na Terra, deslumbrados um e outro com a hipótese de um dia ainda virem a mijar em outros planetas, em outras galáxias e em todo o universo, transformando assim o espaço cósmico nesse sonho de todos que é um mijadouro universal.

Mas vejo que me perco em divagações que só interessam aos cursos de história e não ao curso da história, e esta é e tem que ser para mim uma hora de definições (a hipotenusa é o lado oposto ao ângulo reto, no triângulo retângulo) e de pulso forte – embora eu esteja no momento com a pressão baixa e mal tenha conseguido outro dia dizer 32 e meio ao meu médico.

Mesmo essa sereia que agora escuto no fundo da noite, e que aos poucos se vai aproximando ou vem se aproximando como se viesse buscar um morto aos meus pés, já não me fascina como antes e antes me põe assim alerta como um pedestre qualquer, um pedestre nas alturas com as suas velas frágeis mas ainda resistindo a todos os ventos, em meio à escuridão que o espreita lá fora sob o céu azul e coalhado de estrelas.

Nem sequer me dou ao trabalho de ir à janela e ver a que porta de edifício parou o monstrengo, e com ele o seu alarma e talvez o coração do morto.

Outubro, 32

O racionamento de luz obriga-me a só escrever de dia. A bruxuleante chama das velas me faz mal à vista, sem falar da estranha sensação de defunto que me assalta sempre que estou entre quatro círios, ou mesmo entre dois, ou mesmo entre um.

No alto da Gávea, não sei por que, a escuridão é mais espessa do que nos outros bairros; outro dia fui visitar Ipanema e vi que sua escuridão é quando muito uma escuridãozinha: podia-se até enxergar a cabeça do fósforo antes de riscá-la. O que faz o governo para distribuir tão mal suas escuridões é o que ninguém sabe, e o que Deus também faz, muito menos. De qualquer forma aqui estou sob esta luz solar enquanto não a racionam, procurando reunir minhas forças para a grande e misteriosa empreitada – tão misteriosa que eu mesmo me esqueço de qual seja, só sabendo que é maior do que eu e do que o resto do mundo conhecido. Esta virtude de só me lembrar do que é mais importante eu a herdei de meu pai, que não se esqueceu de me legar uma herança fabulosa e que com o tempo acabei descobrindo não ser tão fabulosa assim. Esse mesmo excelente cidadão se esqueceu de fabricar outros filhos, deixando-me nesta espécie de orfandade total e ao mesmo tempo bastante cômoda: quero-lhe um bem enorme que nunca soube demonstrar em vida. A ele e a minha mãe, aliás, que também viveu e morreu sabiamente.

Mas por que estou a rememorar estes fatos dolorosos é que não sei exatamente, quando tudo afinal já entrou nos eixos ou parecia ter entrado pelo menos. Até minha mulher voltou a coabitar com os seus parentes de origem, todos excelentíssimos segundo os envelopes, e não me deixou nenhum filho parecido com ela ou comigo – em parte devido àquelas medidas que as mulheres tomam posteriormente e que abundam nos anais especializados. Foi uma boa mulher enquanto foi boa, depois as nádegas lhe cresceram tanto que eu tinha dificuldade até de atingir a cozinha, estando elas nas imediações.

Mas isso são águas passadas e a mim me interessam as águas futuras, que me levarão aonde eu quero e que no momento não consigo recordar o que seja nem onde esteja. Sei que se trata de algo extraordinário que me escapa, e por isso e para isso exatamente aqui estou, vertendo a lama do

meu pensamento até que me escorra o petróleo da sabedoria. A imagem pode não parecer muito boa, e na verdade nem poderia ser, que esta justamente é a fase de sondagem e o que procuro e ainda há de vir é o insondável. Deve ser qualquer coisa relacionada com viagens, que falei muito de Colombo e outros pândegos no que escrevi ontem à noite: já tenho assim Colombo, e só me falta o ovo. Também isso não é coisa que preste.

Sei apenas que há mais de dois anos me vem perseguindo esta idéia, e sou eu agora que a persigo. Se é realmente uma idéia tão importante, e tem que ser, ainda acabarei descobrindo-a ou ela a mim – que nisso sou bem o filho de meu pai como já disse, e tenho uma memória fabulosa para as coisas mais fabulosas. Desde que não o sejam em excesso, evidentemente.

4 de novembro

Saí para matar o tempo e matei-o.

Quando cheguei em casa o meu relógio de pulso havia parado, e numa hora que nada tinha a ver com o tempo que passei na rua. Pelo visto, meu relógio de pulso de pulso só tem o nome – ou é o meu pulso que anda fraco, e de fato anda, e já mal dá conta de mim e dos meus problemas. De qualquer forma é um relógio cuja corda se move com o movimento do corpo, o que não o torna muito recomendável para defuntos. Mas devo estar mesmo desvairando, que até hoje não vi defunto nenhum carregando o seu relógio, talvez para que não se ponha a cronometrar a eternidade e não acabe perdendo a paciência.

Prefiro acreditar que matei o tempo simplesmente matando-o, o que representa uma façanha inédita e infelizmente sem sentido: uma espécie assim de heroísmo sem herói, ninguém salvo nem por salvar. Em que

adiantaria aos outros que o tempo, por minha culpa, se pusesse de repente sempre o mesmo, meio-dia do dia 4 de novembro por exemplo, nem um minuto mais nem um minuto menos? Ao contrário do que está acontecendo, as coisas seriam sempre as mesmas, paradas no espaço e no tempo como um filme parado, sem futuro e com um peso de passado tremendo: o próprio peso do céu acabaria por tornar-se insuportável, como uma gota d'água acaba se tornando insuportável ao supliciado, mesmo que não seja a mesma. Quem estivesse copulando, depois de vinte anos de cópula acabaria se aborrecendo um pouco, e o moribundo esse acabaria por tentar o suicídio, cansado da colher de remédio na boca e da dorzinha do lado.

Ou talvez seja isso justamente o que esteja acontecendo, o que sempre aconteceu, as mesmas coisas sempre as mesmas, apenas passando de um dia para o outro como e fossem outras. A mesma cara no espelho por exemplo, e a paisagem na janela, e os amigos que chamam ao telefone, a obrigação de fazer ou não fazer, a hora de defecar, o Deus nas alturas, os impostos, a gargalhada sempre igual, a demagogia do governo, a ameaça de guerra, a guerra, as palavras de cada dia e de todos os dias – que sei eu?, e que não sei eu?

Pelo visto matei um morto, descobri a pólvora, chovi no molhado, acabarei ensinando o padre-nosso ao vigário. Não exatamente assim mas de qualquer forma assim. Per omnia saecula saeculorum, como dizia o outro, e o outro depois do outro, e o outro depois do outro.

O immoto continuo.

A LUA VEM DA ÁSIA (TRECHO)

Capitulo 18.0

Chuva, chuva, chuva.

É a primeira chuva a que assisto da minha janela de hóspede — neste verão que bem pode ser a primavera, pois não tenho noção do tempo nem disponho de bússola para me guiar entre as horas do dia e da noite. Ontem o deputado que se senta ao meu lado na mesa garantiu-me que estávamos em agosto, e até fez o sinal da cruz sobre o peito para demonstrar que não estava mentindo; mas eu tenho minhas dúvidas a respeito e continuo acreditando que não estamos sequer em janeiro ou em março, pois o do que ouço a distância continua a caminhar para a direita e só com a chegada da primavera é que ele se volta para a esquerda e se torna realmente belo.

Presumo que aqui me encontro aproximadamente há uns vinte anos, ou uns cinco pelo menos, pois já me habituei com a cama, as cadeiras e a mesinha de cabeceira, e não sou de me habituar muito depressa com as coisas. Eu poderia, bem sei, perguntar ao criado ou à criada que me servem todos os dias, ou mesmo ao próprio gerente do hotel, ou ainda à sua jovem esposa tão louçã e já tão vesga, o tempo exato em que aqui me encontro e o mês e o ano em que porventura estamos vivendo nesta fria noite de chuva; mas tenho receio de que eles me tomem por um maníaco que está sempre a querer saber as coisas, eu que tenho fama de tão discreto e de tão educado, e prefiro morrer sem saber o dia da minha morte a ter que causar-lhes tamanha decepção.

De resto, a noite não é tão triste assim, e eu bem posso, querendo, sentar-me à beira da cama, colocar as duas mãos na frente como o faria qualquer sujeito de bom senso, e distrair-me assim com o espetáculo da parede sempre branca e sempre imóvel, a dois palmos do meu nariz. Livros eu não tenho para ler no momento, nem eles dão coisa que preste e que me faça

mais sábio do que sou, pelas amostras que já tive nestes últimos tempos. (A Bíblia que me deram a ler era exatamente igual a todas as Bíblias que eu já conhecia antes de vir para cá, e o romance policial que de certa feita me emprestou a empregada trazia uma história ingênua e fácil de ser desvendada, como pude verificar logo pelas últimas páginas.) Violão também não tenho, nem piano, nem saxofone, de maneira que a chuva ainda é a melhor coisa que me poderia acontecer nesta noite sem mês e sem ano, já que as paredes brancas e iguais já não me oferecem segredo nenhum, à força de eu me postar diante delas como diante de um espelho.

Exatamente: a noite foi feita para os galos dormirem e os insones roerem a sua insônia. Roerem — não disse bem?

Assombra-me (sempre me assombrou) ver a facilidade com que certas criaturas se recostam num travesseiro e caem logo num sono profundo, como se se houvessem suicidado inteiramente, sem problema nenhum a resolver no dia seguinte. (Parecem bonecos de corda a que de repente faltasse a corda, e a sua consciência é também uma simples questão de corda a mais ou a menos, como o é também a sua voz, em tudo igual à de um boneco que fala mamãe.) Em mim, o superlúcido, o sono foi sempre uma conquista muito difícil, e sua escalada através dos anos sempre me pareceu mais penosa e meritória do que a do Himalaia ou mesmo a do monte Everest.

Agora a chuva baila em tomo da minha cabeça, e no hotel todos dormem ou fingem que dormem pelo menos, num silêncio que marca com exatidão o barulho da chuva sobre o telhado. Se eu gritasse é possível que a chuva continuasse caindo, mas o silêncio pelo menos deixaria de existir dentro do meu quarto e dentro dos quartos vizinhos, e a chuva já não teria a marcá-la o compasso unânime do sono de todos os imbecis da terra. Vou gritar, espera!... — Não, é melhor eu deixar para gritar amanhã, ou num domingo,

que é dia de júbilo universal e é quando todos gritam sem motivo ou pelos motivos mais tolos. Agora vou pentear o cabelo com a água da chuva, olhar um pouco mais o céu indevassável através das grades da janela (por causa dos ladrões) e depois recolher-me ao leito, como uma criança de dois anos. Nos meus bons tempos esta era a hora exatamente de eu sair à rua, de guarda-chuva aberto e a alma escancarada, até que encontrasse um bar simpático que me acolhesse e ao guarda-chuva e nos deixasse ficar a sós até alta madrugada. (Neste hotel, não sei por quê, o regime é mais severo do que nos outros, e o hóspede não tem direito de pôr o pé na rua sem falar com o gerente ou com o subgerente, que geralmente lhe negam autorização. Coisas da nova democracia, parece-me.)

Outra coisa que a chuva me faz lembrar sempre são os mortos. Tive um amigo que de certa feita escreveu esta frase lapidar: A chuva dá de beber aos mortos, e talvez por isso eu não possa sentir a chuva sem sentir a presença dos mortos ao meu lado, e até mesmo dentro de mim.

Por outro lado, não é verdade que os mortos hão de sentir-se apavorados dentro da terra encharcada e gotejante, sobretudo os mortos recentes e que ainda não estão acostumados com a sua solidão? Eu, depois de morto, tanto se me dá que chova ou que deixe de chover, mas aquela frase do meu amigo não deixa de ser bela e profundamente inspiradora. Não acredito que a sede seja o que mais importune os mortos no seu silêncio, mas a poesia é sempre necessária e é bom que os poetas estejam lembrando-se dos monos nos dias de chuva, como uma mãe dos seus filhos.

Agora que já olhei a chuva mais uma vez, e que o silêncio persiste dentro deste hotel mal-assombrado (mudar-me-ei amanhã) — o que me resta a fazer é não fazer nada, como sempre, e esperar que as horas escoem lentamente e que o meu corpo durma antes de mim, ao peso do cansaço e da mais absoluta monotonia. Deitar-me-ei como um faquir sobre os

espinhos do meu leito — bela imagem, sem dúvida — apagarei a luz, rezarei um padre-nosso (eu que não creio em Deus nem creio que ele possa crer em mim) e fingirei de morto por algum tempo, só respirando e deixando que me bata o coração, por via das dúvidas. No escuro a noite é completamente escura como o podem atestar todos os insones da terra, e o jeito que resta é a gente esperar que, mesmo com chuva, a alvorada volte a raiar no vidro da janela, e com ela de novo as esperanças e as idéias felizes, que são sempre as mesmas sempre, apesar de todas as decepções ou talvez por isso mesmo.

Fontes: Vaca de Nariz Sutil (www.vacadenarizsutil.hpg.ig.com.br).

Revista Agulha (www.revista.agulha.nom.br)

O ARTISTA DA FOME: DANIIL KHARMS (1905-1942)

Renato Tati (rennorosati@ig.com.br)

Volta e meia, a literatura russa nos surpreende com escritores brilhantes, que experimentam passeios entre as fronteiras da linguagem, da narrativa, e do estilo literário. A maioria deles, infelizmente, somente nas últimas décadas entraram em evidência, voltando à luz depois de um longo período esquecimento. Figuras negligenciadas pelo obscurantismo comunista estão sendo agora recuperadas ou redescobertas, e merecem uma nova leitura.

É o caso de Daniil Kharmas, pseudônimo de Daniil Ivanovich Yuvachov, mais conhecido como um escritor excêntrico e vanguardista de literatura infantil nos anos 20 e 30.

De 1925 em diante, Kharmas aparece no cenário literário de Leningrado lendo contos e poesias em atividades de vanguarda, tornando-se membro da Associação de Leningrado de Todos os Poetas da Rússia, um dos predecessores da atual União de Escritores Soviéticos. Publica duas antologias de poemas entre 1926 e 1927. Infelizmente, os dois únicos trabalhos "adultos" que Kharmas conseguiu publicar em vida.

Em 1927, Kharmas e uns amigos formam um grupo artístico e literário de escritores experimentais, chamado *OBERIUS*. O acrônimo de Associação de Arte Verdadeira. O grupo representava uma união entre a estética futurista e a abordagem formal. O Oberius se considerava um flanco esquerdista da literatura de vanguarda. Mas seus modos de apresentação, incluindo uma aparição no alto de um telhado por Kharmas, sempre causavam impactos e reações menores do que o pretendido. O grupo só alcançou um pouco de sucesso quando apresentaram uma noite de teatro inteiramente

inconvenção intitulada "Três horas de esquerda", em 1928. Que incluiu uma memorável performance do drama absurdista e kafkaniano de Kharmas "Yelizaveta Bam" (*ps: se alguém encontrar esse texto por aí, por favor, me mande por e-mail!*)

Entre os bordões do Oberius, estavam as frases: "Poemas não são tortas", "Nós não somos arenques" e "A arte é um armário" (Kharmas, normalmente começava suas performance saindo de dentro de um armário). Porém, nessa época, no final dos anos 20, o tempo para propaganda experimental modernista havia terminado. O advento da nova burguesia soviética não podia ser criticado: a tolerância não estava mais em moda e a hostilidade por parte de jornalistas acabou causando o desmembramento rápido do grupo.

Kharmas retornou à literatura infantil. Porém, mesmo nesse campo de atividade, qualquer coisa escrita fora do ordinário não era seguro. Kharmas, em sua abordagem lúdica ao escrever para crianças, utilizava diversos elementos do Oberius. Em 1931, Kharmas é preso sob acusação de distrair o povo da construção do socialismo por meio de versos ambíguos e de duplo sentido. É mandado para o exílio em Kursk.

O exílio não dura muito tempo, porém, a partir daí, Kharmas experimenta um período sem trabalho e de fome quase absoluta. Alguns amigos dos tempos de Oberius haviam imigrado para a Ucrânia. Começa a fase mais criativa e produtiva de Kharmas, agora se concentrando mais na prosa.

Mas Kharmas havia sido marcado desde a sua prisão em 31. Em 1937, teve problemas com alguns poemas publicados para crianças. Durante a Segunda Guerra Mundial, Kharmas é preso novamente em Leningrado, em 1941, sob acusação de não deixar claro às crianças o que é "certo" e o que é "errado".

Quando os alemães invadem Leningrado, a situação carcerária na Rússia piora. Kharms morre de fome no hospital da prisão, em fevereiro de 1942.

A maior parte dos seus escritos adultos teve que esperar até o período Gorbachov para serem publicados na Rússia (1987). Tanto a prisão quanto a morte por fome, foram antecipadas por Kharms em seus contos e nos diversos diários que escreveu. Fome e pobreza sempre foram companheiros constantes.

"É assim que a fome começa:

Você acorda de manhã, se sentindo bem,

E aí vem a fraqueza,

E começa a chateação;

E começam as perdas,

Perde-se o raciocínio rápido,

E então vem a calma,

E em seguida o horror."

Sob sua situação geral da vida, Kharms escreveu em 1937:

"Agora nós temos como atributo na vida,

Todas as esperanças que se pode ter,

Longe estão os sonhos de felicidade, já se foram,

E tudo que nos resta é a destituição."

A maioria dos manuscritos de Kharms foram preservados durante a sua prisão, pelo seu amigo e filósofo Yakov Semyonovich Druskin, (personagem freqüente de seus contos), até que eles pudessem ser doados com segurança para as bibliotecas. Hoje seus contos já estão traduzidos em várias línguas, fazendo de Kharms uma figura internacional. Na atual fase de fragmentação pós-modernista, o tempo de Kharms verdadeiramente chegou.

.....

UM CAVALHEIRO ANÃO

Um cavaleiro anão, com uma pedra encravada no olho esquerdo, aproximou-se da entrada de uma tabacaria e parou. Teria entrado e desaparecido pela porta mas, por alguma razão, ele ficou parado ali na porta como se de propósito estivesse posicionando sua cabeça sobre o tijolo que se desprendia do telhado. O cavaleiro até mesmo tirou o chapéu, deixando sua careca a mostra, e assim o tijolo bateu na sua cabeça, partindo seu crânio e se enterrando no cérebro.

O cavaleiro não caiu. Ele simplesmente cambaleou um pouco por causa do terrível golpe, puxou um lenço do bolso, e usou para limpar o seu rosto que estava todo escorrido de sangue e massa encefálica. E virando-se para a multidão que imediatamente havia se juntado em volta dele, disse:

- Não se preocupem, senhoras e senhores, está tudo bem! Eu já estou acostumado com esse tipo de coisa! Vejam: Eu tenho uma pedra saindo do olho. Isso também foi um grande acidente. Agora eu estou ótimo!

E com essas palavras o cavaleiro anão recolocou seu chapéu e saiu andando pela calçada, deixando a multidão preocupada e completamente estarecida.

1939

PERECHIN

Perechin sentou numa tacinha e, desse momento em diante, sua vida mudou abruptamente. De um homem tímido e contemplativo, Perechin se transformou num perfeito pilantra.

Ele deixou crescer o bigode e daí para frente aparava ele de uma maneira muito mal feita, de tal modo que um lado do bigode sempre era mais comprido do que o outro. E portanto seu bigode começou a crescer torto e esquisito. Era impossível olhar para Perechin. E mais, ele ficava dando uma piscada repulsiva com o olho e torcendo a bochecha.

Por algum tempo Perechin se manteve só pregando truques insignificantes e irrepreensíveis: Ele inventava histórias, denunciava pessoas, e sempre trapaceava os condutores de trem pagando a passagem com moedinhas pequenas e de cada vez ele deixava de pagar 2 ou 3 centavos.

A CONFERÊNCIA

Pushkov disse: - A mulher é o cálice do amor.

E imediatamente ele um recebeu murro na boca.

- Por que isso?, perguntou Pushkov.

Mas, não obtendo nenhuma resposta a essa pergunta, Pushkov continuou: - Isso é o que eu penso: uma mulher deve ser agarrada por baixo. As mulheres realmente gostam disso. Só fingem que não.

A essa altura Pushkov foi golpeado outra vez na boca.

- Mas que diabo é isso, camaradas! Se é assim, então não vou continuar falando, disse Pushkov.

Mas, depois de esperar alguns segundos, ele continuou: - Uma mulher é de tal forma constituída que ela é toda macia e úmida.

E dizendo isso Pushkov novamente levou um soco na boca.

Pushkov tentou fingir que não havia acontecido nada e continuou:

- Se você cheirar uma mulher...

Dessa vez Pushkov foi golpeado na boca com tanta força que ele teve que segurar sua bochecha. E disse: - Camaradas, sob essas condições é absolutamente impossível fazer uma conferência. Se isso acontecer outra vez, eu vou parar por aqui.

Pushkov esperou mais alguns segundos e aí continuou: - Bem, onde

estávamos? Ah sim. Era isso: Uma mulher adora se olhar. Ela senta em frente ao espelho completamente nua...

Mas a essa palavra, Pushkov novamente recebeu um murro na boca.

- Nua!, repetiu Pushkov.

Spanck! E foi outra vez golpeado na boca.

- Nua!, gritou Pushkov.

Spanck!

- Nua! Uma mulher nua! Uma prostituta nua!, Pushkov continuou a gritar.

Spanck! Spanck! Spanck!

- Uma prostituta nua com a mão na buceta!, gritou Pushkov.

Spanck! Spanck! Os golpes continuavam chovendo sobre a boca de Pushkov.

- O cú de uma prostituta!, gritou Pushkov, esquivando-se dos golpes. - Uma freira nua, mostrando o cú!

Mas a essa altura Pushkov recebeu golpes com tamanha força que ele perdeu a consciência e caiu dobrado no chão, como se tivesse levado uma machadada.

DESARMADO, OU INFELIZ NO AMOR

(Um trágico Vaudeville em 1 ato)

LEV MARKOVICH: (dando uns passos até a Lady) - Me deixa!

LADY: (mantendo-o a certa distância) - Me deixe...

LEV MARKOVICH: (dando um encontrão nela) - Me deixa!

LADY (empurrando-o com os joelhos) - Vá embora!

LEV MARKOVICH: (agarrando-a com as mãos) - Vamos, só um pouquinho..

LADY: (empurrando-o) - Vai embora! Sai!

LEV MARKOVICH: - Um pouquinho só...

LADY: (gritando) - Não!

LEV MARKOVICH: - Vamos, deixa...

Lady acaba cedendo, mostrando o branco dos olhos. Lev Markovich se remexendo, abre a calça e tenta tirar o pau pra fora, mas não consegue encontrá-lo.

LEV MARKOVICH: - Espere um minuto. (Ele fica se apalpando com as mãos) - Mas que diabo!

Lady olha para Lev Markovich atônita.

LEV MARKOVICH: - Bem, mas que coisa engraçada!

LADY: - O que aconteceu?

LEV MARKOVICH: - Hum... (e olha em volta completamente aturdido)

1934

ELES ME CHAMAM CAPUCHINHO

Eles me chamam de Capuchinho. Por isso eu vou arrancar as orelhas de quem quer que seja necessário, mas, enquanto isso, continuo com essa fama de Jean-Jacques Rousseau. Porque ele tinha que saber tudo? Como pôr a fralda em bebês, como entregar jovens moças em casamento... Eu também gostaria de saber tudo.

Na verdade, eu sei tudo. Exceto que eu não estou tão certo quanto às minhas teorias. Com relação aos bebês, por exemplo, eu acho que eles não deveriam ter as fraldas trocadas de jeito nenhum. Eles tinham que ser é eliminados. Para isso eu estabeleceria uma vala no centro da cidade e jogaria os bebês nela. E para que o fedor da decomposição não viesse a tona, ela poderia ser coberta com cal viva.

Nessa mesma vala, eu também poria todos os cachorros poodles. Agora, quanto a questão de arranjar casamento para as jovens moças, isso, no meu ponto de vista, é ainda mais simples: eu estabeleceria um local público onde, vamos dizer, uma vez por mês, todos os jovens entre 17 e 35 anos se juntariam. Eles teriam que tirar a roupa, e inteiramente nus ficariam andando de um lado para o outro. Se alguém gostasse de alguém, então essa dupla iria para um canto e lá examinariam-se em detalhes. Eu esqueci de dizer que cada um teria um cartão pendurado no pescoço com o seu nome completo, o endereço e o telefone. Depois, eles poderiam se

corresponder a vontade, e assim conhecerem melhor um ao outro. E caso algum velho ou velha quisesse intervir nesses assuntos amorosos, eu proporia matá-los com um machado e arrastá-los para o mesmo vala dos bebês.

Eu escreveria um pouco mais do conhecimento que tenho, mas infelizmente agora eu preciso ir comprar cigarros. Quando eu ando pelas ruas, sempre levo comigo uma vara grossa de bambu.

Carrego ela comigo afim de bater em qualquer criança que chegue perto de mim. Talvez seja por isso que eles me chamam de Capuchinho. Mas você que me chama assim, espere só seu porco! Eu ainda vou arrancar a pele das suas orelhas!

PERDAS

Andrey Andreyevich Mysov comprou um pavio no mercado e ia voltando para casa. No caminho, ele perdeu o pavio e entrou numa loja para comprar 150g de salsicha. Em seguida, Andrey Andreyevich foi até a leiteria e comprou uma garrafa de coalhada. Depois ele bebeu uma caneca pequena de Kvass numa banca e se juntou numa fila para comprar o jornal. A fila era um pouco comprida e Andrey Andreyevich ficou nada menos do que 20 minutos esperando. E quando finalmente chegou a sua vez, o jornal havia acabado bem diante do seu nariz.

Andrey Andreyevich ficou aborrecido e foi embora para casa, mas no caminho ele perdeu a garrafa de coalhada e entrou numa padaria para comprar uma bisnaga de pão francês. E lá perdeu a salsicha. Então, Andrey Andreyevich saiu da padaria e foi direto para casa. Mas, no caminho, ele tropeçou e caiu, perdendo a bisnaga e ainda quebrando os seus óculos.

Andrey Andreyevich chegou em casa num mal humor danado e foi direto para a cama. Mas não conseguiu dormir por um bom tempo. E quando pegou no sono ele teve um sonho estranho: ele sonhou que tinha perdido sua escova de dentes, e que estava escovando os dentes com vela colorida.

COMO UM HOMEM SE DESINTEGROU

Dizem que as melhores prostitutas são gordas. Fiiiii. Eu realmente gosto de putas gordas e peitudas! Eu adoro o modo como elas cheiram.

Tendo dito isso, ele começou a crescer e a aumentar de tamanho, e assim que chegou no teto ele se desintegrou em mil pedaços.

O jardineiro Panteley veio, varreu todos os pedaços para dentro de um balde no qual costumava apanhar o cocô do cavalo, e carregou os pedaços para longe, para algum lugar no fundo do quintal.

E o sol continuou a brilhar como sempre, e mulheres esplendidas continuaram a cheirar de modo tão arrebatador como sempre.

1936

EU NÃO ENTREI AQUI PARA TAPAR MEUS OUVIDOS...

Eu não entrei aqui para tapar meus ouvidos. Todo mundo tapou os ouvidos completamente, e eu apenas não tapei os meus, portanto só eu ouvi tudo. De modo semelhante, eu também não fechei os meus olhos como havia sido combinado, e portanto eu vi tudo. Sim, só eu vi e ouvi tudo. Mas infelizmente não entendi nada.

Então qual foi o valor de eu ter visto e ouvido tudo sozinho? Se mal consigo lembrar o que vi e ouvi? Ficaram apenas fragmentos de lembranças, de alguns momentos e sons que não faziam sentido. Vi quando um condutor de trem apareceu correndo, seguido por uma mulher idosa com uma faca entres os dentes.

Depois uma judia nua abriu as pernas e derramou uma xícara de leite sobre seus órgãos sexuais. O leite foi escorrendo devagar até um prato fundo, e do prato, o leite foi colocado de volta na xícara e foi me oferecido a beber. Eu dei um gole: tinha um cheiro de queijo...

A judia nua estava sentada na minha frente de pernas abertas, com seus órgãos sexuais manchados de leite. Ela se debruçou para frente e ficou olhando a boceta, de onde começou a escorrer um líquido transparente e viscoso...

Lembro de ter ido para o quintal. No quintal, grande e escuro, havia um pilha de lenha para o fogo. Embaixo dessa pilha de lenha, um homem olhava para mim. Eu reconheço-o: é Limonim me seguindo. Ele está de guarda, vigiando para ver se eu vou me encontrar com a mulher dele. Eu sigo andando, viro à direita, vou até o portão e saio na rua. Do portão, o rosto alegre de Limonin está olhando para mim...

E então, de repente, a esposa de Limonin está me oferecendo vodka. Eu bebo 4 copos junto com ela, como algumas sardinhas, e começo a pensar na judia nua. A mulher de Limonin coloca sua cabeça entre as minhas pernas. Eu bebo ainda mais um copo de vodka e acendo meu cachimbo.

- "Você parece tão triste hoje", a mulher de Limonin diz para mim.

Eu falo algumas bobagens para ela e saio para procurar a garota judia.

1940

O OBSTÁCULO

Pronin e Irina estão no quarto dela.

PRONIN: - Você tem lindas meias.

IRINA: - Gostou?

PRONIN: - Oh sim, muito. Gostei muito. (Ele tenta pegá-las com as mãos)

IRINA: (afastando-se) - Mas por que você gostou tanto assim?

PRONIN: - Elas são tão macias.

Irina levanta um pouco a saia.

IRINA: - Pode ver até onde elas vão?

PRONIN: - Sim, eu posso ver...

IRINA: - Mas aqui elas terminam. Daqui para cima minhas pernas estão nuas.

PRONIN: - Oh, e que pernas!

IRINA: - Eu tenho pernas muito grossas. Sou muito larga nos quadris...

PRONIN: - Me mostra...

IRINA: - Não posso. Estou sem calcinha.

PRONIN cai ajoelhado na frente dela.

IRINA: - Por que você está assim?

PRONIN: - Pra fazer isso. (começa a beijar as pernas dela)

IRINA: - Por que você está levantando a minha saia? Eu já não disse a você que estou sem calcinha?

PRONIN: - Não importa, não importa... (levanta a saia dela)

IRINA: - O que é que você quer dizer com não importa?

Alguém bate na porta. Irina abaixa a saia bruscamente.

PRONIN se levanta e vai até a janela.

IRINA: - Quem está aí?

UMA VOZ RÍSPIDA: - Abra a porta!

Irina abre a porta e entra um homem todo de preto. Atrás dele, dois soldados de baixa patente com rifles engatilhados, e um agente funerário. Os dois soldados ficam na porta enquanto o homem de preto vai até Irina.

HOMEM DE PRETO: - Seu nome?

IRINA: - Irina Mazer.

HOMEM DE PRETO: (virando-se à Pronin) - Seu nome?

PRONIN: - Eu me chamo Pronin.

HOMEM DE PRETO: - Você está armado?

PRONIN: - Não.

HOMEM DE PRETO: (indicando uma cadeira) - Sente-se aqui.

Pronin senta. O homem de preto volta-se para Irina.

HOMEM DE PRETO: - E você ponha o seu casaco. Terá que vir conosco.

IRINA: - Pra que?

O Homem de preto não responde.

IRINA: - Eu preciso trocar de roupa primeiro.

HOMEM DE PRETO: - Não.

IRINA: - Mas tem uma coisa que eu preciso colocar...

HOMEM DE PRETO: - Não. Apenas vista o seu casaco.

Irina veste o seu casaco de peles em silêncio. Depois vira-se à Pronin.

IRINA: - Adeus então.

HOMEM DE PRETO: - As conversas não são permitidas.

PRONIN: - Eu tenho que ir também com vocês?

HOMEM DE PRETO: - Sim. Ponha o seu casaco.

Pronin levanta, tira o casaco e o chapéu do chapeleiro e coloca-os.

PRONIN: - Bem, estou pronto.

HOMEM DE PRETO: - Então vamos.

Os soldados e o agente funerário batem os pés, e todos vão saindo do quarto.

O Homem de preto é quem sai por último, batendo a porta com força.

HOMEM DE PRETO EM OFF: - Todos para fora!

1940

MAS O ARTISTA...

Mas o artista sentou a modelo nua sobre a mesa e abriu suas pernas. A garota não ofereceu resistência, apenas cobriu o rosto com as mãos.

Amonova e Strakhova disseram que primeiro a garota deveria ser levada até o banheiro e lavada entre as pernas, pois o aroma que exalava de seus órgãos sexuais era simplesmente repulsivo. A garota tentou ir embora, mas o artista a manteve no lugar e pediu para que ela não se importasse com

isso e ficasse parada ali do mesmo modo como ele a tinha colocado. A garota, não sabendo o que fazer, abriu as pernas novamente.

O artista e suas colegas do sexo feminino tomaram seus respectivos assentos e começaram a desenhar a modelo nua. Petrovna disse que a modelo nua era uma mulher muito sedutora, mas Strakhova e Amonova disseram que ela era gorducha demais e indecente. Zolotogromov disse que era exatamente isso que fazia com que a modelo fosse sedutora. Mas Strakhova disse que isso era simplesmente repulsivo, e que não era sedutor de jeito nenhum.

- Veja, disse Strakhova, ugh! Está escorrendo um líquido boceta dela e molhando a toalha da mesa. O que há de sedução nisso, quando se pode sentir o cheiro dela de longe?

Petrova disse que isso apenas mostrava a sua força feminina. Abel'far ficou vermelha mas concordou. Amonova disse que nunca tinha visto nada parecido, e que uma mulher poderia chegar ao ponto máximo do tesão e ainda assim não secretaria como aquela garota o fazia. Petrova discordou e disse que aquilo poderia sim despertar um grande tesão num homem, e que Zolotogromov já devia estar muito excitado. Zolotogromov concordou que a garota estava causando um grande efeito sobre ele. Abel'far tinha o rosto vermelho e respirava com dificuldade.

- O problema é que o ar dessa sala está se tornando irrespirável, disse Strakhova. Abel'far começou a se remexer na cadeira, e então deu um salto e correu para fora da sala.

- Olhe, disse Petrova, veja o resultado da uma sedução feminina. Ela até mesmo tem ação sobre as mulheres. Abel'far saiu da sala para poder se recompor. Eu sinto que em breve terei que fazer o mesmo.

- Isso, disse Amonova, apenas mostra a santagem que nós mulheres magras possuímos. Tudo conosco é como deveria ser. Mas tanto você quanto Abel'far são mulheres esplendorosas, e por isso vocês tem que dar um jeito de se manterem contidas.

- Toda via, disse Zolotogromov, o esplendor e uma certa falta de higiene corporal são o que se deve particularmente valorizar numa mulher.

1934

CINCO NARRATIVAS INACABADAS

1. Um certo homem, tendo saído correndo, bateu a cabeça com tanta força numa forja que o ferreiro pôs de lado o martelo que estava segurando, tirou seu avental de couro e, passando a mão nos cabelos, saiu à rua para ver o que tinha acontecido.

Então o ferreiro viu o homem sentado no chão. O homem estava segurando a cabeça.

O que aconteceu?, perguntou o ferreiro. - Uugh!, disse o homem.

O ferreiro então chegou um pouco mais perto dele.

Paramos aqui a narrativa sobre o ferreiro e o desconhecido e começamos uma nova narrativa sobre 4 amigos e um harém.

2. Era uma vez quatro amigos que eram fanáticos por harém. Eles consideravam bastante agradável que cada um tivesse 8 mulheres de uma

vez. À noite eles se reuniam para debater a vida no harém. Bebiam vinho; ficavam totalmente bêbados; caíam por baixo da mesa e começavam a vomitar. Era nojento olhar para eles. Depois eles mordiam a perna um do outro, trocavam obscenidades, e engatinhavam arrastando a barriga no chão.

Paramos aqui a história dos amigos e começamos uma nova história sobre cerveja.

3. Havia um barril de cerveja e, próximo a ele, sentava-se um filósofo que argumentava: - Este barril está cheio de cerveja. A cerveja está fermentando e se fortalecendo. Da mesma forma que ao longo das noites estreladas a minha mente fermenta e fortalece o meu espírito.

A cerveja é uma bebida fluindo no espaço. Quando a cerveja é fechada num barril, não tem para onde fluir.

Bem, então é melhor deixar a cerveja fluir livremente, pois é contrário às leis da natureza que ela fique parada. - E com essas palavras o filósofo abriu a torneira e ficou olhando a cerveja derramando no chão.

Já falamos o suficiente de cerveja, agora vamos relatar a respeito de um tambor.

4. Um filósofo bateu num tambor e gritou: - Estou fazendo um barulho filosófico! Este barulho não serve para ninguém, até mesmo aborrece a todos. Mas se ele aborrece a todos, significa que o barulho não é desse mundo. E se é de outro mundo, então vou continuar fazendo.

O filósofo fez o barulho por muito tempo. Mas vamos deixar essa estória barulhenta de lado e nos voltar para a próxima e silenciosa estória sobre

árvores.

5. Um filósofo saiu para passear sob algumas árvores e permaneceu em silêncio, porque a inspiração o abandonara.

1931

INCIDENTES

Um dia Orlov se entupiu de purê de ervilhas e morreu. E Krylov, quando ficou sabendo disso morreu também. E Spirodonov morreu por conta própria. E a mulher do Spirodonov caiu do armário da cozinha e também morreu. E as crianças do Spirodonov se afogaram num lago. E a avó do Spirodonov encheu a cara de vodka e caiu na estrada. E Mikhailovoch parou de pentear os cabelos e morreu de tanto piolho. E Kruglov desenhou uma mulher nua segurando um chicote e pirou. E Perekhrestov recebeu 400 rublos pelo correio e ficou se achando tão importante que acabou demitido do emprego.

E todos eles eram boas pessoas. Só não conseguiam manter os pés firmes no chão.

1936

AS VELHINHAS ESBORRACHADAS

Uma determinada velhinha, por excesso de curiosidade, caiu da janela, se esborrachou no chão, e se arreventou em muitos pedaços. Outra velhinha se debruçou na janela para ver o que sobrou da primeira, mas ela também,

por excesso de curiosidade, caiu da janela e se esborrachou no chão.

Uma terceira velhinha também despencou da janela, depois uma quarta, uma quinta. Quando a sexta velhinha se esborrachou no chão, aí eu enchi o saco, e fui até o mercado Mal'tsevsky onde, se dizia, uma xale de tricô havia sido dado a um certo ceguinho.

UM LINCHAMENTO

Petrov sobe no seu cavalo e, dirigindo-se à multidão, faz um discurso sobre o que vai acontecer se, no lugar onde agora existe um parque público, for construído um arranha-céu americano.

A multidão escuta o seu discurso e evidentemente concorda com ele. Petrov, então, anota alguma coisa no seu caderninho. Do meio da multidão pode-se ver um anão que pergunta a Petrov o que ele escreveu para si mesmo no caderninho. Petrov responde que aquilo só interessa para ele. O anão insiste. Uma palavra leva a outra: surge uma briga.

A multidão fica do lado do anão e Petrov, para salvar sua pele, pula no seu cavalo e se manda. A multidão fica agitada e, por não ter outra vítima, agarra o anão e arranca sua cabeça. A cabeça arrancada rola pela calçada e acaba parando em cima de um bueiro. E a multidão, tendo suas paixões satisfeitas, se dispersa.

UM ENCONTRO

Numa ocasião um homem saiu para trabalhar e no caminho encontrou

um outro homem que, tendo comprado uma forma de pão polonês, estava indo para sua casa. E isso é tudo que eu tenho a dizer.

UM ESPETÁCULO MAL SUCEDIDO

No palco entra PETRACOV, que vai dizer alguma coisa mas tem um ataque de soluços. Ele começa a vomitar e sai. Entra PRITYKIN.

PRITYKIN: - O nosso estimado Petracov teve que...

PRITYKIN também vomita e sai do palco. Entra MAKAROV.

MAKAROV: - Urrrrr....

MAKAROV vomita e sai do palco. Entra SERPUKHOV.

SERPUKHOV: - Bem, para não ser...

SERPUKHOV vomita e sai. Entra KUROVA.

KUROVA: - Eu vou...

KUROVA vomita e sai. Entra uma garotinha.

GAROTINHA: - Papai mandou dizer pra vocês que o teatro vai fechar porque todos nós estamos passando mal.

Cortinas.

SINFONIA Nº 2

Anton Mikhailovich cuspiu e disse "ugh", cuspiu outra vez e disse "ugh" outra vez, cuspiu de novo e disse "ugh" de novo, depois saiu andando pelo meio da rua. E ao diabo com ele. É melhor falarmos de Il'ya Palovich.

Il'ya Palovich nasceu em 1893 em Constantinopla. Quando ele ainda era um garoto, foi levado a Petersburgo onde estudou numa escola germânica. Mais tarde trabalhou numa loja, depois noutra, aí fez alguma outra coisa, até que no início da revolução ele imigrou para o exterior. Bem, ao diabo com ele. É melhor falarmos de Anna Ignat'evna.

Mas falar de Anna Ignat'evna não é muito simples. Em primeiro lugar eu não sei nada sobre ela. E em segundo lugar eu acabei de cair da minha cadeira, bati a cabeça e esqueci o que pretendia dizer. É melhor eu falar de mim mesmo.

Eu sou mais para alto, bastante inteligente, gosto de me vestir de modo a chamar atenção, tenho bom gosto, não bebo, não vou as corridas, mas gosto de correr atrás das mulheres. E as mulheres não me evitam. Elas até gostam quando fico de brincadeira com elas. Serafina Izmailovna freqüentemente me convida para ir na sua casa e Zinaida Yakovlevna também costuma dizer que adora me ver e estar comigo. Mas aconteceu uma coisa entre mim e Marina Pavlovna, um incidente engraçado, que agora eu quero contar.

Foi um incidente bobo, mas ao mesmo tempo engraçado, porque graças a mim Marina Palovna ficou completamente careca. Aconteceu da seguinte forma: assim que cheguei na casa na casa dela... "Puff!" Ela ficou careca. E isso é tudo que tenho para falar no assunto.

1941

MAKAROV e PETERSEN

MAKAROV: - Aqui, neste livro, está escrito tudo com relação aos nossos desejos, e ao cumprimento deles. Leia este livro e você vai entender como são vazios os nossos desejos. Você vai entender também como é fácil realizar o desejo de outra pessoa, e como é difícil realizar os nossos...

PETERSEN: - Nossa, você falou isso de uma forma tão solenemente. Parecia um chefe indígena.

MAKAROV: - É que esse livro só pode falado em tons elevados. Só de pensar no conteúdo dele eu tiro o meu chapéu.

PETERSEN: - Você lava também as mãos antes de encostar nele?

MAKAROV: - Sim, as mãos devem ser lavadas.

PETERSEN: - Então você devia lavar os pés também, pra ficar bem seguro.

MAKAROV: - Isso não foi inteligente e foi muito rude de sua parte.

PETERSEN: - Mas o que é esse livro, afinal?

MAKAROV: - O nome desse livro é um segredo...

PETERSEN: - fiiiiiiuu!

MAKAROV: - Esse livro se chama MALGHIL.

Petersen desaparece.

MAKAROV: - Meu deus! O que aconteceu? Petersen!

VOZ DE PETERSEN: - O que isso? Makarov! Onde está você?

MAKAROV: - Eu não posso te ver! Onde você está?

VOZ DE PETERSEN: - O que são essas esferas? Eu também não consigo te ver.

MAKAROV: - O que fazer agora? Petersen, você está me ouvindo?

VOZ DE PETERSEN: - Sim, eu posso te ouvir. Mas o que aconteceu? E o que são essas esferas enormes?

MAKAROV: - Você pode se mexer?

VOZ DE PETERSEN: - Makarov! Você pode ver essas esferas?

MAKAROV: - Que esferas?

VOZ DE PETERSEN: - Oh não!! Não! Nãooooo....

-- *Silêncio* --

Makarov fica paralisado de horror. Em seguida, apanha o livro e abre numa página qualquer. Começa a ler.

MAKAROV: - Gradualmente o homem perde a sua forma e se torna uma esfera. E ao virar uma esfera, o homem perde todos os seus desejos.

Cortinas.

1934

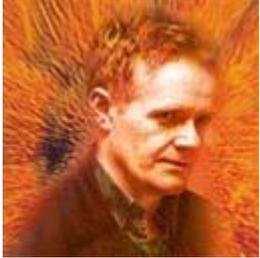
A REABILITAÇÃO

Sem querer me gabar, posso afirmar que, quando Valodia me deu uma pancada no ouvido e cuspiu na minha cara, eu o peguei de tal jeito que ele nunca mais ia esquecer. Depois de já ter batido nele com o fogareiro, à noite o acertei com o ferro de passar. Porque não houve jeito de ele morrer imediatamente. Não existe prova de que eu tenha arrancado a sua perna ainda durante o dia. Então, ele ainda estava vivo. Quanto a Andriucha, eu o matei apenas por inércia, e não posso ser acusado por isso. Por que diabos Andriucha e Elizavieta Antonovna vieram cair nas minhas mãos? Não havia motivo para pularem de trás da porta. Acusam-me de sanguinário, dizem que bebi sangue, mas está errado: lambi as manchas e as poças de sangue – é uma necessidade humana natural eliminar seus vestígios, mesmo no crime mais insignificante. Também não violencei Elizavieta. Em primeiro lugar, ela já não era mais virgem; em segundo lugar, tive relações com um cadáver, portanto ela não tinha motivo para se queixar. E quanto ao fato de ela estar prestes a dar à luz? Mas eu ainda retirei o bebê. Não é minha culpa se ele já não habitava mais este mundo. Também não arranquei a cabeça dele, a causa disso foi o seu pescoço fino. Ele não tinha sido criado para esta vida. É verdade que, com minhas botas, esmaguei o cãozinho deles contra o chão. Mas chega a ser cinismo me acusar de assassinar um cachorro quando ali mesmo, bem ao lado, pode-se dizer, três vidas humanas tinham sido aniquiladas. Não estou contando o bebê. Mas, muito bem: em tudo isso (até

admito) pode-se perceber uma certa cruzeza da minha parte. Mas considerar um crime o fato de eu sentar e defecar em cima das vítimas – desculpem-me, mas aí já é absurdo. Defecar é uma necessidade natural e, em conseqüência, nada tem de criminoso. Dessa forma, compreendo o receio de meu advogado, mas mesmo assim confio na minha absolvição total.

1940

Tradução do Inglês por Renato Tati.



O PRESENTE É O TEMPO CERTO Don Watson

Estes são tempos difíceis para a palavra escrita. As estruturas imbecilizantes da era vitoriana, que a obra de William Burroughs lutou para sacudir, parecem mais solidamente assentadas do que nunca. Na busca por um novo modo de escrever, que seja flagrante do século 21, em oposição à era pré-multimídia com suas salas de visitas e narrativas lineares à la A.S.Byatt, o autor britânico de ficção científica Jeff Noon lançou o olhar sobre idiomas musicais contemporâneos.

"Acho ridículo que estejamos ingressando num novo século e a narrativa vitoriana ainda prevaleça," diz Noon, que morava em Manchester mas recentemente mudou-se para Brighton. "Experimentos são a essência da narrativa; graças a eles, novas formas de ligar as palavras ao coração humano são descobertas."

Needle In The Groove ["Agulha no Sulco"], quinta novela de Noon, é justamente aquilo que o *mainstream* literário deveria ser nesse século 21. A novela retira sua inspiração de uma cultura efervescente, sexualizada e quimicamente amplificada de dubs e remixes, que modelam tanto o conteúdo como a forma. Narrado no presente do indicativo, o livro é todo escrito como letras de canções: linhas curtas pontuadas apenas por sinais que indicam o final das mesmas e mantém o ritmo. É um livro sobre música: o protagonista é um baixista atraído por um mundo transformativo onde a tecnologia existe para tornar líquida a música, criando estranhos e poderosos remixes que, como a própria música, têm o condão de transportá-lo para o passado.

"Comecei escrevendo sentenças convencionais, mas depois de algumas páginas tudo empacou. Descobri que estava quebrando a carga emocional em pacotinhos de informação." Uma vez vislumbrado aquilo que o autor chama de poéticas líquidas do dub o livro se desenvolveu com uma facilidade que antes faltava.

"De repente eu me encontrava no interior da mente de um personagem, compondo a narrativa como se ele pensasse diretamente sobre a página. Dessa forma, a novela tornou-se uma espécie de longa improvisação sobre o tema musical líquido e sobre como a experiência desse tipo de música afeta a psique."

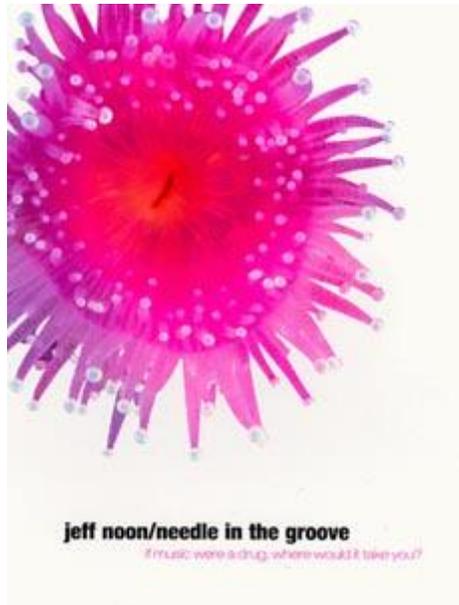
O livro é instilado pela música, criando um País das Maravilhas iluminado por estroboscópicas, que é instruída por batidas e baixo com poderes de revolver o estômago e os sentidos - tal como as descrições de Kerouac ecoavam as espirais de um solo de sax.

Noon crê que a novela "é o registro de uma música imaginária", e a música toma forma tangível por meio de um CD que acompanha o livro, no qual fragmentos da prosa de Noon são unidos à música eletrostática e tremeluzente de David Toop. Como a música líquida, *Needle In The Groove* é uma experiência mais analógica do que digital.

"A experiência analógica é aquela onde a informação forma um mapa, e não um sistema de códigos. Ela é bastante direta, já que o receptor tem que se misturar com a mensagem. Não é preciso pensar muito, pois ela atua diretamente sobre o emocional. Imagino que esse seja o motivo da minha obsessão com o presente do indicativo: com ele eu posso pegar o leitor pela mão e conduzi-lo diretamente por cada momento da história."

Needle In The Groove é uma experiência emocional muito mais densa do

que a média encontrável em narrativas. Graças a sua forma musical, ela opera na mais elevada estratosfera emocional, em vez de prender-se ao plano mais mundano do drama. A narrativa fraturada nos permite experimentar emoções passando diante de nossos olhos, como os eventos num filme. Como Burroughs, cujo *Almoço Nu* é seu ancestral mais próximo, Noon é obcecado pela noção mística da Busca, e ambos são instilados pelo poder transformativo das substâncias alucinógenas. No entanto, não é de surpreender que Noon nunca tenha terminado de ler um livro de Burroughs.



"É estranho... Alguém escreveu numa revista que o que eu estava fazendo era roubado de Burroughs. Bem... pode ser espiritualmente roubado, mas fisicamente é impossível! Jamais li o suficiente de sua obra que me permitisse roubá-lo. Com certeza estou ciente de suas idéias. Talvez um dia

consiga apreciar também o seu trabalho. Isso aconteceu com Philip K. Dick, também, a quem li porque as pessoas não paravam de me dizer que eu era influenciado por ele. Talvez a influência opere num nível mais profundo do que a mera leitura dos textos..."

Os livros de Noon são ricos em paralelos com substâncias psicoativas. Em sua primeira novela, *Vurt*, penas coloridas conduziam os personagens a uma alucinação vívida na qual confrontavam suas próprias memórias. *Pollen* apresenta uma odisséia sombria pelo Submundo, plena de simbolismo pagão. *Automated Alice* é baseado nos textos de Lewis Carroll, que já adquiriram uma significação totêmica para a cultura enteogênica. As esferas líquidas em *Needle In The Groove* transformam os sentidos, fazendo a música soar melhor e abrindo as portas da memória. "Se a música fosse uma droga - para onde ela o levaria?" - a capa traz impressa essa pergunta. É uma referência não apenas a agulhas, já que carrega também um sentido de "Meu Deus! Protege-me daquilo que tanto quero!"

"Para mim, é uma metáfora direta do alcoolismo, que me causou graves problemas alguns anos atrás. Há duas fórmulas no começo do livro: uma é o símbolo químico para transformar açúcar em álcool e a outra é uma seqüência de acordes musicais de uma certa canção. *Pollen* também era uma metáfora do poder transformativo do vinho, com John Barleycorn no papel de herói."

Needle In The Groove foi o último livro escrito por Noon antes de se mudar para Brighton e há um certo tom permanente de despedida. O livro descreve Manchester no futuro, com suas ruas rebatizadas em homenagem à música da cidade: assim temos o Ian Curtis Boulevard, a Buzzcocks Station e o Slaughter Dog Hotel. É a leitura de memórias pessoais, em que a trilha sonora se tornou parte da estrutura física da cidade.

"Quando eu era jovem, Manchester era aquela metrópole distante que raramente visitávamos, ainda que ficasse apenas a 8 milhas de distância. Quando mudei para lá, aos 18 anos de idade, o punk estava decolando. Simplesmente me apaixonei pela energia sombria que ela desvelava. Depois sobreveio um período de descanso. Quando comecei a escrever novelas ambientadas em Manchester, apaixonei-me novamente. Mas era muito estranho, pois quanto mais livros eu escrevia lá e a respeito de lá, mais ambíguo eu me sentia quanto a essa cidade. No final, só me restou escapar, começar de novo. Estou surpreso que tenha demorado 42 anos para chegar a isso! Depois de quatro meses em Brighton, descobri o problema - e ele era bem simples: eu queria ser um herói local, desesperadamente. Eu queria que as pessoas falassem de mim como falam das bandas locais, como The Fall ou Smiths. Só que isso jamais iria acontecer. Uns poucos dias antes de me mudar, vaguei pelas ruas com essa nuvem de tristeza sobre mim e a sensação de ter falhado. Só que eu guardava esse segredo dentro de mim, que era *Needle In The Groove*. Ele é como uma cápsula do tempo que posso deixar para trás. Ele é a minha própria história, se você preferir."

Tradução de Jersson de Oliveira

Fonte: The Wire Nº 195.

Links: The Wire (www.thewire.co.uk)

Páginas sobre Jeff Noon : www.jeffnoon.com

www.noonworld.co.uk

(Arquivo Rizoma)

O ÂNUS SOLAR

Georges Bataille



Claro está que o mundo é paródia pura, quer dizer, que toda coisa vista é paródia de outra, ou a mesma coisa mas com uma forma que decepciona.

Desde que as frases **circulam** nos cérebros ocupados em refletir , o mundo chegou à identificação total, pois uma **cópula** ajuda cada frase a religar as coisas entre si; e estaria tudo visivelmente ligado se um só olhar bastasse à descoberta do traçado inteiro que um fio de Ariadne deixou e conduz no seu próprio labirinto o pensamento.

Mas a cópula dos termos não irrita menos que a dos corpos. E quando a mim mesmo exclamo: SOU O SOL, disto resulta uma ereção integral porque o verbo ser é veículo do frenesi amoroso.

Todos têm consciência de que a vida é paródica e uma interpretação lhe falta.

Por isso o chumbo é a paródia do ouro.

O ar é a paródia da água.

O cérebro é a paródia do equador.

O coito é a paródia do crime.

O ouro, a água, o equador ou o crime podem ser enunciados indiferentemente como o princípio das coisas.

E se a origem não lembra o chão do planeta, que nos parece base, mas o movimento circular que ao redor de um centro móvel o planeta faz, um carro, um relógio ou a máquina de costura podem de igual forma ser aceitos na função de princípio gerador.

Os dois movimentos principais são o rotativo e o sexual, de combinação expressa numa locomotiva de pistões e rodas.

Dois movimentos que se transformam um no outro, reciprocamente.

Assim notamos que a terra a dar voltas faz animais e homens transarem (e, como aquilo que resulta também é a causa que o provoca), animais e homens transam fazem a terra dar voltas.

A combinação ou transformação mecânica destes movimentos foi a busca dos alquimistas a que chamaram pedra filosofal.

E usar uma tal combinação de valor mágico, determinou a presente situação do homem no meio dos outros elementos.

Um sapato abandonado, um dente estragado, um nariz curto demais, o cozinheiro que cospe na comida dos patrões, estão para o amor como a bandeira está para a nacionalidade.

Um guarda-chuva, uma sexagenária, um seminarista, o cheiro de ovos podres, os olhos cegos de um juiz, são raízes por onde o amor se alimenta.

Um cão que devora um estômago de pato, uma mulher bêbada que vomita, um guarda-livros que soluça, um frasco de mostarda, representam a confusão que veicula o amor.

Um homem é provocado no meio de outros, ao saber por que não é nenhum dos outros.

Deitado no leito, ao pé de uma mulher que ele ama, esquece que não sabe a razão por que é ele mesmo, em vez do corpo em que toca.

Sofre, sem saber, com a escuridão da inteligência que o impede de gritar que ele mesmo é a mulher já esquecida da presença dele mas excitada no aperto dos seus braços.

O amor ou uma raiva de menino, a vaidade de uma velha da província, a pornografia clerical, o enorme diamante da cantora, fazem extraviar-se personagens esquecidas em casas cheias de pó.

Bem podem procurar-se avidamente umas às outras: só paródicas

imagens conseguem lá ver, tão vazias como espelhos.

Esta mulher inerte e ausente, pendurada nos meus braços sem sonhar, não me é mais estranha do que a porta ou a janela por onde vejo e passo.

Quando adormeço, incapaz de amar aquilo que acontece, recupero a indiferença (que lhe permite deixar-me).

Nos meus braços é impossível que ela saiba quem encontra, pois fabrica, obstinada, um esquecimento total.

Os sistemas planetários a rodar no espaço, como discos cujo centro se desloca a toda velocidade para descrever um círculo infinitamente maior, afastam-se da posição que tinham para regressar a ela quando a rotação acaba.

O movimento é figura do amor, incapaz de estacionar neste ou naquele ser para passar, com rapidez, de um ser a outro.

E o esquecimento que vai condicioná-lo não é mais que subterfúgio da memória.

O homem, como um espectro, é ligeiro ao levantar-se de um caixão, e da mesma forma ele cai.

Horas mais tarde levanta-se outra vez e cai, e sempre assim, dia após dia:

grande coito com a atmosfera do céu que a rotação da terra, perante o sol, dirige.

E apesar da vida terrestre ritmar o seu movimento nessa rotação, por imagem não tem a terra que roda mas o membro que penetra a fêmea e dela sai quase por completo, para voltar a entrar.

Amor e vida só parecem individuais na terra, pois lá se destrói tudo com vibrações de amplitude e duração diferentes.

Apesar disto, não há vibração que não vá se conjugar em movimento circular contínuo; como a locomotiva que anda à superfície da terra, imagem da metamorfose contínua.

Os seres só morrem para voltarem a nascer, como os falos que saem dos corpos para entrarem outra vez dentro deles.

As plantas crescem em direção ao sol, e sucumbem depois em direção à terra.

As árvores espetam o solo terrestre com uma quantidade enorme de membros florescidos que se empertigam em direção ao sol.

As árvores que tão fortemente se levantam, acabam por se queimar com o raio, ou ser abatidas, ou ficarem de raiz ao sol. Regressadas ao chão,

voltam a se erguer como antes e com outra forma.

Coito polimorfo que no entanto está ligado à uniforme rotação da terra.

A mais simples imagem de vida orgânica ligada à rotação, está nas marés.

Do movimento do mar, coito uniforme da terra com a lua, procede o coito polimorfo e orgânico da terra com o sol.

A primeira forma do amor solar é nuvem levantada acima do elemento líquido.

Às vezes a nuvem erótica faz-se tempestade e cai de novo na terra, transformada em chuva, enquanto o raio rompe as camadas do ar.

Pouco depois a chuva torna a levantar-se sob a forma de uma planta imóvel.

A vida animal descende toda do movimento dos mares, e, dentro dos corpos, a vida continua a sair da água salgada.

Assim foi que o mar interpretou um papel de órgão-fêmea, líquido pela excitação do macho.

O mar continuamente se masturba.

Os elementos sólidos contidos e agitados dentro de uma água que se anima de movimento erótico, brotam sob a forma de peixes voadores.

A ereção e o sol escandalizam tanto como o cadáver e a escuridão dos antros.

Os vegetais crescem uniformemente para o sol e os seres humanos, falóides que são como as árvores, nisto contrários aos outros animais, têm por força que desviar os olhos.

Os olhos humanos não suportam o sol, nem o coito, nem o cadáver, nem o escuro, embora o façam com reações diferentes.

Se o meu rosto se injeta de sangue, fica vermelho e obscuro.

Com reflexos mórbidos denuncia ao mesmo tempo a ereção sangrenta e uma exigente sede de impudor e orgia criminal.

Por isto afirmo sem medo que o meu rosto é escândalo e só o JESÚVIO* exprime as paixões que tenho.

O globo terrestre está coberto de vulcões que lhe servem de ânus.

E ainda que este globo nada coma, às vezes deita fora o conteúdo das entranhas.

Conteúdo que salta com estrondo e cai e escorre nas faldas do Jesúvio, a espalhar morte e terror por todo lado.

Na verdade, o movimento erótico do solo não é fecundo, como o das águas, mas muito mais rápido.

Às vezes a terra se masturba com frenesi, arruinando por completo a sua superfície.

O Jesúvio é pois imagem do movimento erótico, que às idéias do espírito, através de enorme arrombamento, confere força de escandalosa erupção.

Quem acumula esta força eruptiva está necessariamente situado em baixo.

Para os burgueses, os operários comunistas são tão feios e sujos como partes sexuais e peludas, ou partes baixas: e cedo ou tarde vai haver uma escandalosa erupção, durante a qual vão rolar nobres e assexuadas cabeças de burguês.

Desastres, revoluções e vulcões não fazem amor com os astros.

As revolucionárias e vulcânicas deflagrações eróticas são antagônicas do céu.

Como os amores violentos, dão-se à revelia da fecundidade.

A fecundidade celeste opõem-se os desastres terrestres que são imagem do amor terrestre sem condição, ereção sem saída nem regra, escândalo e terror.

Assim é que o amor grita na minha garganta: sou o **jesúvio**, paródia imunda do tórrido e ofuscante sol.

Quero ser estrangulado ao violar a mulher a quem pudesse dizer: “eres a noite”.

O sol só ama a Noite e dirige a sua luminosa violência, falo ignóbil, para a terra; mas não consegue ainda assim chegar aos olhos e à noite, apesar das imensidões terrestres noturnas estarem constantemente se dirigindo à imundície do raio solar.

O **anel solar** é o ânus intacto do seu corpo adolescente, e nada há de tão ofuscante que se lhe possa comparar; a não ser o Sol, e apesar de ter um **ânus** que é a **noite**.

* Ainda jovem, Bataille inventou esta palavra a partir de **Jesus** e **Vesúvio**, para designar uma espécie de deus-vulcão (Nota do Tradutor).

Tradução de Aníbal Fernandes

Fonte: BATAILLE, Georges. *O Ânus Solar*, Lisboa, Hiena Editora, 1985, pp. 19-25.

QUE PAÍS É ESSE?

Isabel Lustosa

Mendes Fradique, autor da *História do Brasil pelo método confuso* (1920), tinha uma teoria sobre o Brasil que certamente agradaria ao professor Roberto DaMatta. O país (já naquele época) caminhava a passos largos rumo ao abismo. O mal que, a princípio, parecera ter sua origem no nosso sistema colonial, permaneceu com a Independência e não foi superado pela República.

Mendes Fradique, que era também o médico José Madeira de Freitas, achava que o erro estava em se tratar o doente pela aparência dos sintomas, com panacéias paliativas do tipo estado de sítio, emissão de papel moeda, empréstimos, impostos, etc. ou mudando de médico, ou seja, de regime governamental, na crises mais graves. A seu ver, o regime político pouco influía na vida de um povo e lembrava o progresso de países como o Canadá, colonial; a Inglaterra, monarquista e os EUA, republicano.

O que foi tentado lá fora, dizia ele, não dera certo aqui porque não correspondia a nossas tendências indólicas. Para que o Brasil se tornasse a grande pátria de um grande povo era preciso identificar uma vocação coletiva. Mendes Fradique percebeu que a única coisa capaz de congregar a nação inteira numa afinidade *hemoglobínica* é o carnaval. *Nascemos carnavalescos*, dizia ele, *o carnaval é o centro de gravidade do Brasil*. A prova mais cabal de sua tese estaria na própria atitude do Estado. Ele, que não subvencionava os hospitais, as escolas, os artistas, as indústrias, os

sábios - concedia larga subvenção às instituições carnavalescas.

"Suplantando crenças, religiões, revezes financeiros, condições sociais, cores políticas, o carnaval envolve e esmaga a tudo e a todos, levando de vencida quantos obstáculos se lhe anteponham, desde o luto nacional até o aguaceiro inclemente. Não sei de outra época em que se observe melhor ordem pública, maior tolerância cristã, maior amor ao próximo, maior capacidade de trabalho."

A anedota de Mendes Fradique remete ao tema do seminário que a Casa de Oswaldo Cruz e o Centro Cultural Banco do Brasil promovem entre os dias 1 e 3 de setembro: *Que país é esse?* Durante aqueles dias, grandes nomes da *intelligentzia* nacional (José Murilo, Lilia Schwarcz, Luís Felipe de Alencastro, Roberto DaMatta, Ricardo Benzaquen, Silviano Santiago, Wanderley Guilherme, Werneck Viana) e internacional (Thomas Skidmore e Diogo Ramada Curto) estarão apresentando suas teses sobre aquelas que o humorista chama de *nossas tendências indólicas*.

Entender o Brasil, identificar a origem do problema brasileiro, o do porque não nos tornamos tal e qual a América dos ingleses foi o objeto de boa parte da sociologia brasileira antes mesmo de que ela se entendesse como tal. O estudioso da história política e cultural do país persegue, na verdade, é ainda como se gesta esta cultura, estes modos de ser e de apreender a realidade.

E constata que, como toda ex-colônia, somos uma ficção. Fomos sendo inventados nas mesas dos bacharéis. Mesmo o primeiro movimento cívico que se tem notícia por aqui, a Inconfidência Mineira, teve que imaginar uma

pátria que pouco tinha a ver com este país tão variado e que tão pouco se conhecia. Depois, no Romantismo, nos confundimos com um índio forte, implacável, com fidalguias de cavaleiro andante.

Os quatrocentos anos de escravidão, no entanto, cobravam seu preço. O negro fez sombra ao idílio de Iracema com o guerreiro branco. Do outro lado do Atlântico, chegavam as implacáveis teorias científicas: se o clima tropical já nos condenava ao atraso, com aquelas raças, então... Surgiam teorias paliativas: o remédio era ir branqueando, trazendo mais e mais colonos europeus.

Com a Proclamação da República, o complexo de inferioridade nacional se agravou. A monarquia, de certa forma, nos distinguia das demais repúblicas latino-americanas. O esforço teve de ser redobrado. Viviam as elites nativas uma dupla vida. Em casa eram informais, jogavam no bicho, brincavam o carnaval, arriscam uma ou outra modinha ao violão, faziam piada de tudo. Na rua, não. A rua era o mundo e para o mundo devíamos ser brancos e civilizados, assistindo com naturalidade a conferências em francês, apertados em espartilhos, suando sob casimiras. Não podia dar certo.

A libertação veio com o modernismo nos anos 20. Mas a consagração do elemento negro como traço fundamental da nossa cultura só veio mesmo com o surgimento da mídia. O rádio, o cinema e a indústria fonográfica, consagraram a música popular e o carnaval, coisas nossas que ainda hoje são a cara do Brasil que se vê lá fora.

Vargas Llosa, que esteve no Rio em fevereiro, ficou impressionado com organização e a disciplina com que é conduzido o chamado "maior

espetáculo da terra". Por isso talvez a melhor resposta aos problemas nacionais pode estar na proposta por Mendes Fradique: Que se faça a regeneração social e econômica do país através do carnaval. Recolham-se os políticos, economistas e sociólogos, às utopias de suas abstrações e deixem que os três poderes sejam divididos entre as principais agremiações carnavalescas.

"O carnaval é a salvação do Brasil. Aos cordões e blocos confiemos a complexidade de nossos serviços públicos e eles correrão como nunca, porque os funcionários trarão na massa do sangue a sua fé de ofício.

Sob o domínio do momo, o Brasil não cairá mais no abismo, cairá, quando muito, na farra..."

.....

*Entre outros livros, Mendes Fradique lançou *Lógica do Absurdo*, Doutor Voronoff, espécie pioneira de ficção científica no Brasil, e a *Gramática Portuguesa pelo Método Confuso*, editada em 1928 e reeditada em 1984, pela UFES, em parceria com a Rocco, e da qual apresentamos aqui um trecho.*

GRAMÁTICA PORTUGUEZA PELO MÉTODO CONFUSO (Trecho)

CAPÍTULO XII

Do Alfabeto

O alfabeto que serve á graphia da lingua portugueza é o latino, acrescentado de alguns caractéres extranhos ao latim: K, W e X.

Lettras

Lettras, com um ou dois tt, são signaes representativos dos sons ou de uma divida vencível em praso determinado.

As lettras podem ser: **vogaes, consoantes ou de cambio.**

As **vogaes** – são as que representam a simples emissão dos sons oraes.

Ex.:

a,e,i,o,u

Consoantes – são as que exprimem emissões mais complicadas.

Ex.:

*Papel-moeda
Sabinas
Caixa de Estabilisação*

As consoantes são:

B,C,D,F,G,H,J,K,L,M,N
P,Q,R,S,T,V,X,W,Z

Isoladamente são nullas as consoantes, que só se empregam justapostas ás consoadas.

Das vogaes

A

Lettra que se pronuncia com a bocca escancarada. A primeira letra do alfabeto, provalvemente por ser a mais antiga.

No Espírito Santo foi descoberto um túmulo prehistorico, em cuja lapide se lia:

A A A A A

Como se vê, são cinco A, a seguir, deixando comprehender que ao tempo em que alli foi sepultado o defunto, só se conhecia a letra A . Os tempos passaram e eis que um bello dia, o professor Ramis Galvão, visitando aquella provincia, foi topar no archivo com a chave dos taes cinco A do tumulo prehistorico, e que eram nada mais nada menos que as iniciaes de nomes cuja graphia, mais tarde completada teria dado:

Alferes Aposentado Antonio Ayres Aguiar.

Paz á alma do alferes.

O A é muito empregado como acumulador de radio:

Ex.: *Bateria A*

O A serve de nome a todo illustre desconhecido que se intromete na conversa.

Ex.: *Não culpo a A nem a B(*)*.

(*) B é a primeira letra da palavra bitola. B maiúsculo é bitola larga.

E

Segunda vogal. Emprega-se frequentemente como iniciaes dos annuncios de

Empresta-se dinheiro, etc.

Também se emprega nas taboletas de Estrada de Ferro e Engenho de Dentro.

Ex.: *E. de Ferro*
E. de Dentro

I

Esta vogal serve comunmente para marcar as horas no quadrante dos relógios. Tem ainda outros empregos na linguagem; um d'elles é servir de primeira vogal desta palavra.

O

Vogal nulla, quando posta a esquerda dos algarismos.

Ex.:

0,8 0,54 0,985()*

Multiplica o algarismo por dez quando acrescentado á direita d'elle.

Ex.:

*40 50 60(**)*

(*) Estes numeros podem servir para palpites, ou taes quaes ahi estão, ou combinados á vontade do leitor.

(**) Esses também servem para palpites.

O o entre dois SS exprime sempre grave perigo.

Ex.:

SOS

U

Esta vogal é a única do alfabeto que raramente se pronuncia.

Ex.:

Que pronuncia-se *Qê*

Quinto “ *Qinto*

Mesquita “ *Mesqita*

Quem “ *Qem*

É tão inútil a letra vogal U que, não raro, se faz substituir por outra qualquer, quando o som u é indispensável no discurso.

Ex.:

EX FVMO DARE LVCEM

Ahi, como se vê, é mesmo por v que substitue o u.

Ou ainda em

FOOT-BALL

Em que se substitue o *u* do fut por *oo*.

(...)

DAS CONSOANTES**B**

A letra B tem o som de b em quasi todos os casos em que se emprega.

Ex.:

Banho

Burro

Beijo

Batata

A's vezes, porém, não tem som algum, mórmente quando vem junto a outro b.

Ex.: *sabbado*

Nesta palavra só se pronuncia o segundo b; o primeiro é mudo.

Há casos em que a consoante b se troca e se confunde indifferentemente com o v.

Ex.:

Cobarde ou covarde

Taberna ou taverna
Carne de boi ou carne de vaca

Em alguns com a letra b pode desaparecer do vocábulo.

Ex.:

Abacaxi ou ananaz
Abobora ou gerimum
Barulho ou ruido

Em outros casos, o b póde mesmo não existir nem ter jamais existido.

Ex.:

Canario
Ratoeira
Alçapão
Manivela
Allemanha
Omelette
antigamente

Fonte: Estante Digivirtual

(<http://victorian.fortunecity.com/postmodern/135/>).

DOIS POEMAS DE MICHAEL McCLURE

99 TESES

1. O homem é um carnívoro se experimentando
2. O homem é um mamífero
3. O universo é o Messias
4. A criatura, um ser
5. Um ser é politeísmo
6. Os 27 sentidos são extrusões do messias
7. Os sentidos são deuses & deusas
8. O mamífero e a estrela são iguais
9. As estrelas são gás
10. As galáxias líquido
11. Qualquer vida é uma escultura de carne moldada por tempo, espaço & dimensão
12. Esta sociedade é uma gaiola para o mamífero
13. Todas as criaturas de asas, barbatana, pelo, tentáculo, protoplasma - são iguais
14. O panda é um pavão
15. O homem é um panda
16. O salmão é um homem
17. O lobo canta
18. Carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio, enxofre
19. A estrela é um sol
20. Crianças são livres
21. O corpo é uma criança
22. Teísmo rejeita o Messias
23. O corpo fisiológico é puro espírito



24. Cada ser são muitos
25. As invisíveis extensões externas são tão complexas quanto as visíveis extensões internas
26. O sistema nervoso, a memória e os genes - são constelações
27. Todas as constelações são uma
28. Vida surge
29. Extinção é uma aparência
30. O leopardo-da-neve é uma larva de elfo
31. A terra é um leopardo-da-neve
32. Vida é complexidade topológica
33. Riqueza é energia
34. Eletrônica é dádiva desta estrela
35. Não há inteligência mas inteligências
36. Crueldade, tortura, egoísmo, vaidade - são maçantes
37. Qualquer mamífero merece
38. O bicho-preguiça e a águia são iguais - o homem é igual do mesmo modo
39. Há, e não há, moléculas e átomos
40. Apenas os Eus podem domesticar o auto-domesticado
41. Homem e cachorro são auto-domesticados
42. O homem alimenta pumas selvagens para serem cães, e baleias para serem gatos
43. O moleque marinho é um grande filósofo
44. Platão equivale a Charlie Chaplin - Jesus é Anacreonte
45. Dinheiro é divertido
46. O dólar é um colar
47. O trevo, uma criatura
48. Há água suficiente para todos que devem existir
49. Tudo é natural
50. Razão é beleza
51. Carne é pensamento
52. Os gregos foram os últimos a consagrarem os sentidos

53. Monotonia é loucura
54. A fronteira é externa
55. A fronteira é interna
56. Vida começa com espiralar-se - moléculas & nebulosas
57. Religião, materialismo, política, progresso, tecnologia - são evangelismos
58. Evangelismo é proliferação de monotonia
59. Revolução é sentimento
60. Revolta é biológica
61. A luz na ponta de seu dedo é estelar
62. Proporção como medida é falsidade
63. O homem negro não é o rosa nem o amarelo - são mamíferos
64. Teme o político ou pregador que possa delinear um Messias
65. Nações são falsas divisões de continentes
66. Cidades são rodopio de população
67. É natural se afogar em cidades - é natural nadar em ondas
68. Há uma linguagem - gesto, voz & vibração do corpo
69. A juventude é esbordada quando se eleva ou abre
70. O corpo é terra de elfos
71. A criança é um bode expiatório - é usada para a guerra
72. Vida não é repouso mas ação
73. Luz & escuridão são divisões arbitrárias
74. O punho é real - a arma de fogo, a bomba, o napalm são fantasias da comunicação
75. Propaganda é narcose
76. A população é dopada
77. O amor só pode ser feito, ou inventado, com carne
78. Prisões e tribunais são monotonia
79. Guerra é uma só cor
80. O salgueiro, a madeira vermelha, a borboleta - são florações
81. A loucura é temporária e natural
82. Onde o corpo está - lá estão todas as coisas

83. A alma é maçante - o espírito voa
84. O grilo é um guerreiro e Deus da música
85. O falcão é um saber fechado e temporário
86. Qualquer grupo sexual é aparentemente natural
87. A limpeza é indefinível e natural como a sujeira
88. Drogas são breves alquimias
89. Moral é vigor
90. A criatura jovem é ágil
91. A velha é forte
92. Sabedoria, memória, imaginação são constelações sensoriais de carne intelectual
93. Moderação deriva da multiplicidade de experiências
94. O agora chupa
95. Passado, presente, futuro e dimensão - são um campo para balanço
96. Sorte é uma criação da carne
97. Sorte e carne são divinas
98. O olho e a língua são um campo de criaturas
99. Carne é uma caverna móvel no ar sólido

- Paris

POEMA PEIOTE, PARTE I

Límpido - os sentidos apurados - sentado numa cadeira negra - Balanço - os muros brancos refletem a cor das nuvens que se movem sobre o sol. Intimidades! o quarto nada importante - mas como divisões de todo o espaço de todo horror e beleza. Eu ouço a música do meu ser e a transcrevo para ninguém ler. Eu atravesso fantasias enquanto elas cantam para mim em vozes circenses. Visito as pessoas de mim

mesmo
 e sei tudo o que devo saber.
 EU SEI TUDO! EU ATRAVESSO O QUARTO

uma cama dourada irradia toda luz
 o ar está cheio de brincos prateados e águas-vivas
 Eu sorrio para mim mesmo. Sei tudo o que
 há para saber. Percebo tudo o que
 há para sentir. Permaneço numa boa com a dor
 na minha barriga. A resposta
 para Amor é minha voz. O tempo não existe!
 Sem respostas. A resposta para sentir é meu sentimento.

A resposta para prazer é prazer sem sentimento.

O quarto é um querubim multicolorido
 de ar e cores brilhantes. A dor em meu estômago
 é quente e branda. Eu estou sorrindo. A dor
 é difusa, sem sofrimento.
 A luz transforma o quarto de amarelos para Violeta!
 O espaço marrom escuro atrás da porta é uma preciosa
 intimidade, silencioso e calmo. Local de nascimento
 de Brahms. Eu sei
 tudo o que tenho para saber. Não há o que se preocupar.
 Leio os significados de muros descascados e tetos que desabaram.
 Eu estou separado. Fecho meus olhos em divindade e dor.
 Pisco solenemente e em insolente prazer.
 Sorrio para mim mesmo em meus movimentos. Ando
 cuidadosamente. Preencho
 espaço. Eu observo os secretos e distintos
 padrões de fumaça que saem da minha boca.

Sou despreocupadamente parte de tudo. Distinto.
 Estou separado da tristeza & da beleza. Eu vejo Tudo.

(ESPAÇOSA

e sorridente intensidade - fechado em mim mesmo. Não mais
 uma nuvem
 mas carne tão real quanto pedra. Como Heráclito
 de primordial substância e vitalidade.
 E nem mesmo temeroso da ausência de glamour
 mas aceitando.
 As coisas belas não são nossas
 mas eu as observo. Por entre elas.

E a coisa Indígena. É real!
 Aqui em meu apartamento eu tenho pensamentos tribais.)

ESTÔMAGO!!!
 O tempo não existe. Sou visitado por um homem
 que é o deus das raposas
 há sujeira sob as unhas da sua pata
 carne do seu covil.
 Nós sorrimos um para o outro em reconhecimento.
 Estou livre do tempo. Aceito isso sem triunfo

- um fato.

Fechando meus olhos há flashes de luz.

Meus olhos não focalizam mas saltam. Eu percebo que tenho três pés.

Vejo sete lugares em um!

O chão declina - o quarto inclina

coisas se unem

umas às outras. Flashes

de luz

e uniões. Eu espero

observando as coisas físicas passarem.

Estou numa mesa de tempo e espaço.

!DOR-DE-ESTÔMAGO!

Transcrevo a musica da vida

em palavras.

Ouvindo os sons circundantes da guitarra

como cores.

Sentindo o toque da carne.

Vendo o livre caos das palavras

na página.

(a graça final)

(Doce Yeats e sua pedra de haxixe)

Minha barriga e eu somos dois individuos

unidos

em vida.

ESTE É O PODEROSO CONHECIMENTO
nós sorrimos com ele.

Da janela eu olho dentro da cinza-azulada
escuridão da monotonia.
Estou aquecido. Dentro do dragão do espaço.
Contemplo nuvens observando
suas nebulosas convoluções.

Os rodopios de vapor
Eu desejo pequenas nuvens inexistentes.
Elas se tornam peixes devorando uns aos outros.
E se transformam como os espiritos sagrados de Dante
Se tornando um pelicano congelado nas alturas
para me desafiar.

Traduções de Sergio Cohn.

Link : Página de Michael McClure

(www.thing.net/~grist/l&d/mcclure/mcclure.htm).

(Arquivo Rizoma)

NOVA EXPRESS E AS SOCIEDADES DE CONTROLE

Mauro Sá Rego Costa

Com sua ajuda podemos ocupar o Estúdio da Realidade e retomar seu universo de Medo Morte e Monopólio - "(Assinado) INSPETOR J. LEE, NOVA POLÍCIA"

Nova Express foi o terceiro romance de William Burroughs e certamente o mais veloz e atual. Nunca foi traduzido para o português. Burroughs é referência do pensamento de Gilles Deleuze sobre a "sociedade de controle". Esse é talvez o texto mais consistente para a engenharia desse conceito. Um delírio paranóico, é como soa para os mais resistentes. O tráfico e o vício em drogas (quando fala em drogas, Burroughs refere-se principalmente a junk, os opiáceos, morfina, heroína, etc) aparece como a metáfora de todo o sistema de controle social, o modelo da máquina de controle, que tem seus correlatos na mídia, nos governos, na organização das grandes empresas, e que ele expande ficcionalmente em vertentes bem atuais - pensar a palavra como vírus, por exemplo, e a disseminação de modos de pensar e sentir através de implantes genéticos em vírus como o do resfriado comum - formas de guerra biológica ainda não divulgadas.

Qual é, em última instância o objetivo do controle? O objetivo do controle é mais controle. É claro que há o lucro econômico, e outras vantagens próprias ao exercício do poder, mas descendo ao último nível do inferno - e a droga, a *junk*, parece o instrumento adequado para isso - surge essa versão - como princípio ontológico: o objetivo do controle é o próprio

controle - uma busca para livrar-se da morte, que é, enfim, o limite, o lugar onde se perde o controle.

Os mais altos, as grande cabeças do controle na Terra, estariam sendo ganhos, e se associando, nesse jogo da vontade de controle, com povos de fora, o Povo Inseto, o Povo Vegetal, uns como Escorpiões, os da Nebulosa do Caranguejo - o clima de ficção científica amplifica a recepção. Seu interesse parece ser botar pra guerrear uns contra os outros (a saída da indústria armamentista tem funcionado nas crises do Capitalismo) até o ponto em que explodem o planeta, mas os grandes teriam férias garantidas em colônias extraterrestres que já estão prontas e à espera (onde viverão para sempre). Essa é, pelo menos, a história em que acreditam.

Traduzi o primeiro capítulo de *Nova Express* - que apresento, em seguida -. Meu objetivo, além de chamar a questão para a atualidade do texto é ver se algum editor finalmente se interessa em publicar esse monstro em português. Traduzi, junto com Flávio Moreira da Costa, o primeiro romance de Burroughs para o português, *Almoço Nú*, publicado em 1985 pela Brasiliense, a partir da vocação editorial de luta do velho Caio Gracco Prado, que infelizmente não está mais por aqui. Não acredito que tenham desaparecido os últimos editores.

.....

Últimas palavras

OUÇAM MINHAS ÚLTIMAS PALAVRAS qualquer lugar. Ouçam minhas

últimas palavras qualquer mundo. Ouçam corporações redes empresariais e governos da Terra. E poderes por trás da negociata consumada em algum banheiro público para tomar o que não é seu. Vender o chão sob os pés dos que ainda não nasceram –

"Não os deixem ver. Não lhes digam o que nós estamos fazendo --"
São estas as palavras dos poderosos presidentes das corporações e redes empresariais da Terra?

"Pelo amor de Deus, não deixa passar o lance da Coca-Cola --

"Nem o Contrato do Câncer com os Venusianos --"

"Nem o Negócio Verde -- Eles não podem saber --"

"Nem a Morte Orgasmo --"

"Nem os fornos --"

Ouçam: eu vos convoco todos. Mostrem as cartas, todos os jogadores. Paguem tudo joguem tudo paguem tudo de volta. Joguem tudo paguem tudo joguem tudo de volta. Em Times Square. Em Piccadilly.

"Prematuro. Prematuro. Dê-nos um pouco de tempo."

Tempo para que? Mais mentiras? Prematuro. Prematuro pra quem? A todos eu digo essas palavras não são prematuras. Talvez cheguem tarde demais. O tempo se esgota. Minutos para o inimigo vencer --

"Segredo de Estado -- Classificado -- Para a Diretoria -- A Elite -- Os Iniciados --"

São essas as palavras dos todo-poderosos presidentes de corporações e redes de negócios da Terra? São palavras de mentirosos covardes colaboradores e traidores. Mentirosos que querem tempo para mais mentiras. Covardes que não podem encarar os seus "cachorros" seus "boys" seus "animais humanos" com a verdade. Colaboradores com o Povo Inseto

com o Povo Vegetal. Com qualquer povo em qualquer parte que lhes ofereça um corpo eternamente. Para cagar eternamente. Para isso venderam os seus filhos. Venderam o chão debaixo dos não-nascidos, eternamente. Traidores de todas as almas em toda parte. Vocês querem o nome de Hassan i Sabbah nos seus negócios sujos para vender os não-nascidos?

O que vos aterrorizou para dentro do tempo? Do corpo? Da merda? Eu vos direi: "*a palavra*". Palavra Alienígena "a". "A" palavra do Inimigo Alienígena "*vos*" aprisionou no Tempo. No Corpo. Na Merda. Prisioneiros, pra fora! Os céus estão abertos, Hassan i Sabbah *apagará a palavra para sempre*. Se você eu cancela todas as suas palavras para sempre. E as palavras de Hassan i Sabbah como também cancela. Cortando os céus veja a escrita silenciosa de Brion Gysin Hassan i Sabbah: feita em 17 de setembro de 1899 sobre Nova York.

Prisioneiros, pra fora!

"Não ouçam Hassan i Sabbah:, eles vos dirão. "Ele quer roubar o teu corpo e todos os prazeres do corpo. Ouví a nós. Estamos servindo o Jardim das Delícias Imortalidade Consciência Cósmica Os Melhores Baratos da Terra. E *amor amor amor aos baldes*. O que vocês acham, rapazes? Não é melhor que Hassan i Sabbah e seu deserto frio ventando e sem corpo? Certo?"

Com o risco de tornar-me o personagem mais intragável de toda a ficção - e História é ficção - eu tenho que vos dizer o seguinte:

"Tragam todas as notícias --- Investiguem do fato a quem fez - Quem monopolizou a Imortalidade? Quem monopolizou a Consciência Cósmica? Quem monopolizou o Amor, o Sexo e o Sonho? Quem monopolizou a Vida, o Tempo e o Destino?(1) Quem tirou de você o que é seu? Agora eles vão dar tudo de volta? Alguma vez, eles deram qualquer coisa de graça? Alguma vez deram mais que o que tinham que dar? E não tomaram de volta tudo o que deram sempre que possível e não foi sempre possível? Ouçam: o seu Jardim das Delícias é um esgoto terminal - tive alguma dificuldade em mapear essa área de esgoto terminal nas chamadas partes pornográficas de *Almoço Nú e Soft Machine*(2) - Sua Imortalidade Consciência Cósmica e Amor são merda pura de segunda mão - Suas drogas são veneno projetado para canalizar a Morte Orgasmo e os Nova Fornos - Fique fora do Jardim das Delícias - É uma armadilha pra devorar gente em gosma verde - Jogue fora sua falsa Imortalidade - Ela vai desmontar antes de você sair do Shopping - Jogue suas viagens de droga na privada - *Eles estão envenenando e monopolizando as drogas alucinógenas - aprenda a viajar sem química* - Tudo o que oferecem é uma tela para cobrir sua fuga da colônia que gerenciaram tão desgraçadamente. Escondem seus preparativos de viagem para não ter nunca que prestar contas aos eleitores que traíram e venderam. Ao terminar os preparativos, explodem o planeta enquanto partem.

"E o que vos oferece o meu programa de total austeridade e resistência? Não vos ofereço nada. Não sou um político. As condições são de total emergência. E estas são minhas instruções para total emergência se forem tomadas agora podem reverter o desastre que já está a caminho:

"*Povos da Terra, vocês foram envenenados*. Convertam todos os suprimentos existentes de morfina em apomorfina. Químicos, trabalhem vinte e quatro horas em variações e sínteses da fórmula da apomorfina. Apomorfina é o único agente que pode desintoxicá-los e cortar o canal do inimigo da sua linha. Apomorfina e silêncio. Ordeno total resistência contra a atual conspiração para ganhar os povos da terra com esse papo falso de merda. Total resistência contra a Conspiração Nova e todos os seus agentes.

"O objetivo de minha escrita é expor e prender os Nova criminosos. Em *Almoço Nú, Soft Machine e Nova Express* mostro quem eles são o que estão fazendo e o que farão se não forem presos. O tempo se esgota. Almas estragadas por suas drogas de orgasmo, carne tremendo nos seus fornos nova, prisioneiros da Terra, para fora! Com sua ajuda podemos ocupar o Estúdio da Realidade e retomar seu universo de Medo Morte e Monopólio –

"(Assinado) INSPETOR J. LEE, NOVA POLÍCIA"

1. Nota do tradutor: *Life, Time and Fortune - Vida, Tempo e Destino* - ainda eram três das revistas de maior vendagem no EUA no ano da publicação de Nova Express (1966).

2. *Almoço Nú* - tradução de *Naked Lunch*, de Mauro Sá Rego Costa e Flávio Moreira da Costa, foi publicada em 1985, pela Brasiliense, SP. *Soft Machine*, segundo romance de Burroughs, jamais foi traduzido para o português.

Fonte: Revista Polêmica (http://www2.uerj.br/%7Elabore/polemica_8.htm).

O PESA-NERVOS

Antonin Artaud

Toda escrita é porcaria. As gentes que saem do vago para tentar precisar seja o que for que passa em seu pensamento, são porcos. Toda gente literária é porca. Especialmente essa do nosso tempo.

Todos aqueles que tem pontos de referência no espírito, quero dizer, de um certo lado da cabeça, sobre lugares bem demarcados de seus cérebros, todos aqueles que são mestres da sua língua, todos aqueles para os quais as palavras tem um sentido, todos aqueles para quem existem altitudes na alma e correntes no pensamento, aqueles que são o espírito de sua época, e que nomearam essas correntes de pensamento; penso em suas necessidades precisas, e nesse ranger de autômato que rende a todos os ventos o seu espírito,

- são porcos.

Aqueles para os quais certas palavras tem um sentido e certas maneiras de ser, aqueles para quem os sentimentos tem classes e que discutem sobre um grau qualquer de suas hilariantes classificações, aqueles que ainda acreditam em "termos", aqueles que remexem as ideologias em alta na época, aqueles de quem as mulheres falam tão bem e essas mulheres também, que falam tão bem, e que falam das correntes da época, aqueles que ainda creem numa orientação de espírito, aqueles que seguem vozes, que agitam nomes, que fazem gritar as páginas dos livros,

- esses são os piores porcos.

O senhor é bem gratuito, hem moço!

Não, eu penso nos críticos barbudos.

E eu vos disse : obra não, língua não, palavra não, espírito não, nada.

Nada senão um belo Pesa-Nervos.

Uma espécie de estação incompreensível e toda reta em meio a tudo no espírito.

E não esperem que eu nomeie esse tudo, em quantas partes se divide, que eu vos diga seu peso, que eu ande, que eu me ponha a discutir esse tudo, e que, discutindo me perca, e que me ponha assim, sem saber, a PENSAR, - e que se esclareça, que se viva, que se atavie com uma multidão de palavras, todas bem regadas de sentido, todas diversas, e capazes de por bem em dia todas as atitudes, todas as nuances de um pensamento tão sensível e penetrante.

Ah, esses estados nunca nomeados, essas situações eminentes de alma, ah esses intervalos do espírito, ah essas minúsculas falhas que são o pão

quotidiano de minhas horas, ah esse povo formigante de dados, - são sempre as mesmas palavras que me servem, e não dou a impressão de me mover muito em meu pensamento, mas eu me movo mais do que vocês em realidade, barbas de cú, porcos pertinentes, mestres do falso verbo, retalhadores de retratos, folhetinistas, rés-do-chão, herbagistas, entomologistas, praga de minha língua.

Eu vos disse que eu não tenho mais língua, não é uma razão para que vocês persistam, para que se obstinem na língua.

Vamos, serei compreendido daqui a dez anos pelas pessoas que farão o que vocês fazem hoje. Então se conhecerão meus geysers, verão minhas geleiras, terão aprendido a desnaturar meus venenos, separarão meus jogos de alma.

Então todos os meus cabelos escorrerão para as valas, todas as minhas veias mentais, então perceberão meu bestiário, e minha mística terá se tornado um chapéu.

Então verão fumar as juntas das pedras, e arborescentes buquês de olhos mentais se cristalizarão em glossários, então verão cair aerolitos de pedras, então verão cordas, então compreenderão a geometria sem espaço, aprenderão como é a configuração do espírito, e compreenderão como eu perdi o espírito.

Então compreenderão porque meu espírito não está aí, então verão todas as línguas se paralisarem, todos os espíritos se dissecarem, todas as línguas se ressecarem, as figuras humanas se grudarão, se incharão como aspiradas por ventosas dissecantes. E esta lubrificante membrana continuará a flutuar no ar, essa membrana lubrificante e cáustica, essa membrana de dupla espessura, inúmeros níveis, múltiplos graus, essa melancólica e vítrea membrana, porém tão sensível, tão pertinente ela também, tão capaz de se multiplicar, de se desdobrar, de retomar com sua infinidade espelhada de níveis, de sentidos, de drogas estupefacientes, de irrigações penetrantes e contagiosas, então tudo isso será muito bem visto e não precisarei mais falar.

Trad. de Denis Urgal

Fonte: Panfleto do Prêmio APETESP de 1992.

(Arquivo Rizoma)

PROCURA-SE RICHARD BRAUTIGAN

Como um escritor vendeu milhões de livros, foi tratado como gênio e depois esquecido

Alexandre Rodrigues

Li na revista Zero o Nick Hornby dizendo que não se importa se sua obra é datada, que ele não quer mesmo ser lido no futuro. Já vi a mesma frase na boca do Tom Clancy, que, americano, foi mais grosseiro e sacou: “Que me importa ser lido daqui a cem anos? Não vou aproveitar o dinheiro”.

Livros marcam mesmo épocas. Tem coisa mais anos 80 do que A Insustentável Leveza do Ser, O Nome da Rosa e A Fogueira das Vaidades? Ou mais anos 90 do que Alta Fidelidade, Irvine Welsh e Mate-me por favor? Os livros de Tom Clancy se tornam obsoletos junto com as máquinas de guerra e espionagem que descreve.

De certo modo Baudelaire era assim também, como era o João do Rio no Brasil. Ou ainda o Augusto, aquele personagem de A Arte de Andar nas Ruas do Rio, de Rubem Fonseca. Isso depende do que quer o escritor. Proust e Dostoiévski escreveram para a posteridade, dando preferência à escavação de emoções humanas. Shakespeare nunca deve ter imaginado que sua obra seria reverenciada quinhentos anos depois.

A literatura mais famosa da atualidade usa o presente como tema. Escritores da moda falam sobre latas de Coca-Cola e programas de televisão.

Obcecada pela idéia de encontrar as “vozes” da geração ou oferecer histórias mais próximas dos leitores, a indústria nos inunda de polaróides do contemporâneo. É normal isso. Mas mesmo quem foge desse tema corre o risco de acabar no moedor de carne caso virem sucesso.

Tom Wolfe e Umberto Eco não fazem literatura de entretenimento e continuaram produzindo, mas em listinhas idiotas de jornal sempre estão relegados à condição de best sellers dos anos 80. Fora Laranja Mecânica, Anthony Burgess acabou como escritor dos anos 70. Este também é o caso de Richard Brautigan.

As apresentações

1 – Richard Brautigan foi uma espécie de Campos de Carvalho que deu certo. O estilo surreal aproxima os dois escritores, mas o americano se deu bem ao se ligar aos beats e surfar a onda da contracultura, aquele movimento extenso sob cujas asas se costumava enfiar tudo que era pouco convencional na década de sessenta, enquanto Campos de Carvalho vivia anônimo no Brasil.

2 – Richard Brautigan foi tão popular que no seu auge um jornal de San Francisco escreveu: “Quando formos velhinhos, as pessoas estarão escrevendo Brautigans como hoje escrevemos romances”.

3 – Richard Brautigan escreveu um livro genial, Pescar truta na América. Foi escrito em 1967 e vendeu dois milhões de exemplares. Teve outras obras de sucesso, Watermelon Sugar e All Watched Over.

4 – Richard Brautigan, como Campos de Carvalho, viveu o ostracismo em vida. Ele fez pior. Não suportou a depressão e se matou em 1984, aos quarenta e nove anos.

Por que, diabos, ninguém nunca ouviu falar dele? Como alguém que, apostavam, seria baliza para a literatura no futuro, terminou completamente esquecido? Por que, seja no movimento beat ou no que veio depois, Jim Morrison, Timothy Leary, Love, Beach Boys, Bukowski, o nome dele, mesmo tendo vendido tanto, nunca aparece e só ganha em poucas linhas em qualquer site de literatura norte-americana?

Pescar truta na América é a chave para se conseguir uma resposta. Saiu no Brasil, pela editora Marco Zero, com tradução de José J. Veiga. Na orelha do livro, o escritor goiano diz que é fã de Brautigan desde a década de 70, quando leu outro livro dele, *Watermelon sugar*. Ele define o que o encantava em Brautigan: “Richard Brautigan foi um inventor. Ele conseguiu escrever seus textos como se estivesse inventando a literatura”.

A tal “invenção da literatura” explica por que Brautigan deslizou para o esquecimento tão rápido. É um estilo em que não é preciso ter um assunto, encadeamento ou trama para levar a história adiante. Pescar truta na América não é uma chata experimentação masturbatória literária sobre o nada, como pode parecer, nem prosa poética, mas a idéia surpreendente de fazer de uma pescaria um ato com vida própria.

Alguns capítulos do livro – O balé para Pescar truta na América, A autópsia

de Pescar truta na América, Terroristas Pescar truta na América, O projeto de mandar o anão de Pescar truta na América para Nelson Algren, Capítulo de pé de página ao projeto de mandar o anão de Pescar truta na América para Nelson Algren, A última vez em que vi Pescar truta na América – dizem tudo.

Brautigan fez sucesso com esse livro. Ele fez sucesso por ter escrito numa época em que sua obra era aceitável ler sua obra sob o efeito de drogas. Numa época em que a vida nas cidades já era insuportável, levava o leitor a paisagens do interior, matas e montanhas, apenas para jogar a linha na água e encontrar uma truta. Às vezes objetos, até uma privada largada no meio do mato, filosofam, Pescar truta na América se torna uma entidade que tira sarro do FBI, faz entrevistas e até sofre uma autópsia.

“ESTA É A AUTÓPSIA DE PESCAR TRUTA NA AMÉRICA como se Pescar truta na América tivesse sido Lorde Byron e morrido em Missolonghi e depois nunca mais visto as praias de Idaho, nem o riacho Carrie, nem Caldas de Worswick, riacho Paraíso, riacho Salino e Lago do Pato.

Esta é a autópsia de Pescar truta na América:

'Corpo em excelente estado, parecendo um que tivesse morrido de repente de asfixia. Aberta a abóbada craniana, os ossos do crânio se revelaram muito duros, sem quaisquer traços de sutura, como os ossos de um octogenário, tanto que se podia dizer que o crânio era composto de um osso só...'

(...)

O corpo de Pescar truta na América deixou Missolonghi a 2 de maio de 1824, por mar, com destino à Inglaterra, onde chegaria na noite de 29 de junho de 1824.

O corpo de Pescar truta na América foi conservado em um barril com setecentos litros de álcool: Oh, muito longe de Idaho, muito longe da Bacia Stanley, do lago Little Redfish, do Rio Perdido, do lago Josephus e do rio Big Wood”.

Este estilo mais tarde foi a maldição de Brautigan. Quando a psicodelia saiu de moda, levando junto os hippies e a contracultura, sua obra ganhou o carimbo de datada e ele passou a ser considerado uma excentricidade. Imagens delirantes e humor cáustico já não eram tão bem-vindos nos anos 70, da baixaria de Watergate, da crise do petróleo, do Vietnã e das guerras no Oriente Médio. As pessoas não achavam mais graça tão fácil. E, além de tudo, ele não era um profeta da rebeldia, gente como Dennis Hopper e Jack Nicholson, para seguir adiante com nova roupa ou para radicalizar de vez, como Timothy Leary, transformado por Richard Nixon no “homem mais perigoso do mundo”.

Mas a verbosidade e a insanidade de Brautigan são muito mais fortes do que a moda. O texto brilha como literatura verdadeira e não como produto de um doidão, principalmente em um dos capítulos de Pescar Truta na América, reproduzido inteiro. Desculpem o tamanho, mas não dá para cortar.

PORTO MATA TRUTA

“NÃO FOI UMA PRIVADA SUSPENSA SOBRE A IMAGINAÇÃO. Foi realidade.

Uma truta arco-íris de cinco centímetros morreu. Sua vida foi tirada para sempre das águas terrenas com um gole de vinho do porto que lhe deram.

É contrário à ordem natural da morte uma truta morrer com um gole de vinho do porto.

Está certo que uma truta morra por ter o pescoço quebrado por um pescador e seja jogada no cesto, ou que uma truta morra por causa de um fungo que se arrastou como formiga cor-de-açúcar por seu corpo até que ela, a truta, acabasse no açucareiro da morte.

Está certo que uma truta fique presa em um poço que seca no fim do verão ou seja apanhada pelas garras de uma ave ou pelas patas de um animal.

Está certo até que uma truta morra de poluição em um rio de sufocante excremento humano.

Tem trutas que morrem de velhas e suas barbas brancas são levadas para o mar.

Tudo isso está na ordem natural da morte; mas uma truta morrer de um

gole de vinho do porto, isso é outra conversa.

Nada existe sobre isso no “Tratado de Halieutica”, do Boke of St. Albans, publicado em 1496. Nada no Táticas Testadas para Águas Turvas, de H.C. Cutcliffe, publicado em 1910. Nenhuma em referência em Tretas contra a Truta, de Beatrice Cook, publicado em 1955. Nenhuma referência em Memórias Ribeirinhas, de Richard Franck, publicado em 1694. Nem uma palavra em De Vara na Mão, de W. C. Prime, de 1873. Nada em Dando Tratos à Truta, de Jim Quick, de 1957. Nada a respeito em Experiências com Peixes e Frutas, de John Taverner, publicado em 1600. Nada em Os Rios Nunca Dormem, de Roderick L. Haig Brown, publicado em 1946. Nada em Até que o Peixe nos Separe, de Beatrice Cook, de 1949. Nada em O que pensa a Truta do Engodo, de coronel E. W. Harding, publicado em 1931. Nada em Estudos Ripuários, de Charles Kingsley, publicado em 1859. Nada em Trutamania, de Robert Traver, de 1960.

Nenhuma referência em O Sol e o Engodo, de J. W. Dunne, de 1924. Nada em Pescar é Fácil, de Ray Bergman, publicado em 1932. Nada em A Pesca Intramuros, de Ernest G. Schviebert Jr., publicado em 1955. Nada em A Arte de Pescar na Enxurrada, de H. C. Cutcliffe, publicado em 1853. Nem uma palavra em Iscas Velhas de Roupagem Nova, de C. E. Walker, de 1898. Nada em Pescando na Enchente, de Roderick L. Haig Brown, de 1951. Nada em O Pescador Teimoso e a Truta de Encosta, de Charles Bradford, publicado em 1916. Nada em Lições de Pesca para Mulheres, de Chistie Farrington, publicado em 1951. Nada em Beira-Rio do Eldorado em Nova Zelândia, de Zane Grey, de 1926. Nada em Vade-Mecum do Pescador, de G. C. Bainbridge, publicado em 1816.

Não há registro no mundo de uma truta que tivesse morrido por beber vinho do porto.

Vamos ver quem foi o Carrasco-Mor. Levantamos cedo, escuro ainda. Ele entrou a bem dizer sorrindo na cozinha e tomamos o café.

Batata frita, ovos e café.

- Ó putoreba, me passe o sol – ele disse.

Os apetrechos já estavam no carro. Entramos e nos mandamos. Ao alvorecer já estávamos na estrada do pé da serra e por ela entramos na aurora.

A luz atrás das árvores era como entrar numa gradativa e muito esquisita loja de departamentos.

- Moça bonita aquela de ontem – ele disse.

- Muito. Você fez bem – eu disse.

- Deu entrada, não mando pro bispo – ele disse.

O riacho era um merdinha de poucos quilômetros, mas valente em trutas. Deixamos o carro e caminhamos menos de um quilômetro ladeira abaixo até o riacho. Preparei meus apetrechos. Ele tirou da jaqueta uma garrafa de

vinho do porto e disse: - Vai?

- Não, obrigado.

Ele deu uma boa bicada e sacudiu a cabeça. – Sabe o que esse riachinho me lembra?

- Não faço idéia – respondi, prendendo na linha uma isca pintada de cinzento e amarelo.

- A vagina de Evangelina, sonho constante de minha vida e guia da minha juventude.

- É isso aí – respondi.

- Longfellow foi o Henry Miller da minha infância.

- Que bom.

Lancei o anzol em um poço que ficava no meio de uma coroa de cipós de espinho. Os espinhos giravam e giravam. Não era possível que tivessem caído de árvores. Eles pareciam muito satisfeitos e naturais no poço, como se o poço os tivesse criado em galhos de água. No terceiro lançamento senti uma fisgada. Puxei, o anzol veio limpo.

- Cara, vou ficar olhando você pescar – disse ele. – A tela roubada está na casa ao lado.

Fui pescando riacho acima, chegando cada vez mais perto dos estreitos degraus da grotta. Entrei nele como se entrasse numa grande loja. Peguei três trutas no departamento de achados e perdidos. Ele nem chegou a armar seu equipamento. Só fez me acompanhar, bebendo porto e cutucando o mundo com um graveto.

- É um belo riacho – disse ele. – Me lembra o aparelho de escuta de Evangelina.

Chegamos a um poço grande formado pelo riacho caindo na

seção de brinquedos. No começo do poço a água era como creme e depois virava espelho e refletia a sombra de uma árvore enorme. O sol já estava alto. Podia-se vê-lo descendo a montanha.

Lancei o anzol no creme e deixei a linha ir descendo até passar debaixo de um galho comprido da árvore, no qual pousava um passarinho.

Agora!

Dei o arranco e a truta apareceu se debatendo.

- Corrida de girafa no Kilimanjaro – gritou ele, e a cada salto da truta ele saltava também.

- Corrida de abelhas no Everest! – gritou.

Não tendo levado rede, batalhei com a truta até a margem do riacho e a puxei para a terra.

A truta tinha uma grande listra vermelha de um lado.

Era uma bela arco-íris.

- Maravilha – disse ele.

Ele a pegou, ela se debatendo nas mãos dele.

- Quebre a espinha dela – mandei.

- Tenho uma idéia melhor – ele disse. – Antes de matá-la, me deixe ao menos aliviar a entrada dela na morte. Esta truta precisa de um drinque.

Tirou do bolso a garrafa de vinho, desarrolhou e despejou uma dose-família na boca da truta.

A truta entrou em espasmo.

Ela tremia maluca como telescópio em terremoto. A boca se escancarava e fechava estralando como se tivesse dentes de gente.

Ele pousou a truta numa pedra branca, de cabeça para baixo.

Um filete de vinho escorreu da boca da truta, deixando mancha na pedra.

Ela parou de se mexer.

- Morreu feliz – disse ele.

- A minha ode aos Alcoólicos Anônimos”.

SE VIRA:

Pescar Truta na América

Richard Brautigan

É quase impossível de se achar em livrarias, mas é razoavelmente fácil nos sebos (pelo menos em Porto Alegre). Custa dez reais em média.

[04/04/2003]

Fonte: Fraude (www.fraude.org).

ANTOLOGIA

Roberto Piva



Foto: Mario Rui Feliciani.

O jogo gratuito da poesia

Todo poeta é marginal, desde que foi expulso da República de Platão

" Há campo para todos. Caminhos
não marcados a ninguém..."
Hölderlin

O fazer poético passa pelo corpo e pela cama. "A poesia se faz na cama

como o amor..." Isto para começar a conversa. A palavra registrada em livro é mera extensão (sublimada) do que sobrou da Orgia. Todos nós somos labaredas provocadas pelo curto-circuito do Desejo. O resto é balacobaco, isto é, literatura. Dante é pra ser relido numa sauna rodeado de adolescentes. Não num escritório-abrigo-anti-atômico. O vampirismo descobriu o desbunde, o marxismo e a linguagem caricata. Henri Michaux já deu o recado: conhecimento através dos abismos. Inferno, Purgatório e Paraíso são uma coisa só. Mastigue cogumelos e Veja. Nenhuma regra: Ver com os olhos livres. Assim o curumim aprendeu o gosto de todos os espíritos. O assassinato também pode ser a ordem do dia. A blasfêmia e o roubo. Veja o episódio de Vanni Fucci no Inferno de Dante. Gíria da pesada de malandro medieval. Mimetismo. Para uma literatura da crueldade. Como diz Edoardo Sanguinetti, "O Surrealismo é o fantasma que, com toda justiça, persegue as vanguardas e lhes nega um sono tranquilo". Com a costela do Kapitalismo foi criada a Panacéia Socialista. O Forró Nuclear é a medida da Riqueza das Nações. As soluções em Poesia são individuais e não coletivas. Eu estou com Gilberto Vasconcelos: depois que joguei a obra completa de Marx pela janela, comecei a entender o Brasil. Fora isto o seguinte: Poesia é uma forma de conhecimento que vê através de objetos opacos como uma viagem de LSD e estados mediúnicos de levitação, Xamanismo, linguagem da Sibila de Cumas e cantos de caça de povos "primitivos", poesia é uma atividade lúdica em que está empenhada sua vida, sua morte, a dor, a felicidade, e principalmente o jogo. O jogo gratuito de todas as coisas. Por acaso, eis a origem de todas as coisas, diz Nietzsche. Não devemos excluir autoritariamente como censor barato nem os que se dizem marginais e não são e nem os que pensam que são marginais e são escriturários. Os Hitlers e Castros da vida já fizeram isso com muito mais eficiência. A Poesia é a mais fascinante orgia ao alcance do homem. E como diz Hegel, "A Orgia báquica da história será vivida por cada um dos seus membros".

Publicado em 28/02/82 no Folhetim.

Jorge de Lima, panfletário do Caos

Foi no dia 31 de dezembro de 1961 que te compreendi Jorge de Lima
 enquanto eu caminhava pelas praças agitadas pela melancolia presente
 na minha memória devorada pelo azul
 eu soube decifrar os teus jogos noturnos
 indisfarçável entre as flores
 uníssonos em tua cabeça de prata e plantas ampliadas
 como teus olhos crescem na paisagem Jorge de Lima e como tua boca
 palpita nos bulevares oxidados pela névoa
 uma constelação de cinza esboroa-se na contemplação inconsútil
 de tua túnica
 e um milhão de vagalumes trazendo estranhas tatuagens no ventre
 se despedaçam contra os ninhos da Eternidade
 é neste momento de fermento e agonia que te invoco grande alucinado
 querido e estranho professor do Caos sabendo que teu nome deve
 estar com um talismã nos lábios de todos os meninos

Paranóia (1963)

Os anjos de Sodoma

Eu vi os anjos de Sodoma escalando
 um monte até o céu
 E suas asas destruídas pelo fogo
 abanavam o ar da tarde
 Eu vi os anjos de Sodoma semeando
 prodígios para a criação não
 perder o ritmo de harpas
 Eu vi os anjos de Sodoma lambendo

as feridas dos que morreram sem
 alarde, dos suplicantes, dos suicidas
 e dos jovens mortos
 Eu vi os anjos de Sodoma crescendo
 com o fogo e de suas bocas saltavam
 medusas cegas
 Eu vi os anjos de Sodoma desgrenhados e
 violentos aniquilando os mercadores,
 roubando o sono das virgens,
 criando palavras turbulentas
 Eu vi os anjos de Sodoma inventando a
 loucura e o arrependimento de Deus

Paranóia (1963)

Visão de São Paulo à noite Poema Antropófago sob Narcótico

Na esquina da rua São Luís uma procissão de mil pessoas
 acende velas no meu crânio
 há místicos falando bobagens ao coração das viúvas
 e um silêncio de estrela partindo em vagão de luxo
 fogo azul de gim e tapete colorindo a noite, amantes
 chupando-se como raízes
 Maldoror em taças de maré alta
 na rua São Luís o meu coração mastiga um trecho da minha vida
 a cidade com chaminés crescendo, anjos engraxates com sua gíria
 feroz na plena alegria das praças, meninas esfarrapadas
 definitivamente fantásticas
 há uma floresta de cobras verdes nos olhos do meu amigo
 a lua não se apóia em nada

eu não me apóio em nada
 sou ponte de granito sobre rodas de garagens subalternas
 teorias simples fervem minha mente enlouquecida
 há bancos verdes aplicados no corpo das praças
 há um sino que não toca
 há anjos de Rilke dando o cú nos mictórios
 reino-vertigem glorificado
 espectros vibrando espasmos
 beijos ecoando numa abóbada de reflexos
 torneiras tossindo, locomotivas uivando, adolescentes roucos
 enlouquecidos na primeira infância
 os malandros jogam ioiô na porta do Abismo
 eu vejo Brama sentado em flor de lótus
 Cristo roubando a caixa dos milagres
 Chet Baker ganindo na vitrola
 eu sinto o choque de todos os fios saindo pelas portas
 partidas do meu cérebro
 eu vejo putos putas patacos torres chumbo chapas chopos
 vitrinas homens mulheres pederastas e crianças cruzam-se e
 abrem-se em mim como lua gás rua árvores lua medrosos repuxos
 colisão na ponte cego dormindo na vitrina do horror
 disparo-me como uma tômbola
 a cabeça afundando-me na garganta
 chove sobre mim a minha vida inteira, sufoco ardo flutuo-me
 nas tripas, meu amor, eu carrego teu grito como um tesouro afundado
 quisera derramar sobre ti todo meu epiciclo de centopéias libertas
 ânsia fúria de janelas olhos bocas abertas, torvelins de vergonha,
 correias de maconha em piqueniques flutuantes
 vespas passeando em voltas das minhas ânsias
 meninos abandonados nus nas esquinas
 angélicos vagabundos gritando entre as lojas e os templos

entre a solidão e o sangue, entre as colisões, o parto
 e o Estrondo

Paranóia (1963)

Paranóia em Astrakan

Eu vi uma linda cidade cujo nome esqueci
 onde anjos surdos percorrem as madrugadas tingindo seus olhos com
 lágrimas invulneráveis
 onde crianças católicas oferecem limões para pequenos paquidermes
 que saem escondidos das tocas
 onde adolescentes maravilhosos fecham seus cérebros para os
 telhados
 estéreis e incendeiam internatos
 onde manifestos niilistas distribuindo pensamentos furiosos puxam
 a descarga sobre o mundo
 onde um anjo de fogo ilumina os cemitérios em festa e a noite
 caminha
 no seu hálito
 onde o sono de verão me tomou por louco e decapitei o Outono de
 sua
 última janela
 onde o nosso desprezo fez nascer uma lua inesperada no horizonte
 branco
 onde um espaço de mãos vermelhas ilumina aquela fotografia de
 peixe
 escurecendo a página
 onde borboletas de zinco devoram as góticas hemorróidas das
 beatas
 onde os mortos se fixam na noite e uivam por um punhado de fracas

penas
 onde a cabeça é uma bola digerindo os aquários desordenados da
 imaginação

Paranóia (1963)

O Inferno Musical

As horríveis pianolas
 de câncer
 descendo várias semínimas
 até o Galo
 ondas do meu agrado
 & sempre
 sonorizando a Hora Premeditada
 OS QUINZE VELOCÍPEDES
 NA LADEIRA
 DO AMOR
 como um Mar de bocas
 tóxicas de Sagitário
 ondulando nas almas
 que dançam despidas
 MONSTROS GIRATÓRIOS

Piazzas (1964)

Piazza V

Oswald Spengler tem uma
 porta no seu tornozelo

& nuvens através dele
 limpando a pele
 que projeta
 um velho cachecol marrom
 em seu olho
 eu penso
 pelos seus
 líquidos compassos de sátiro
 até
 um cenário de músculos
 impedido de esmagar
 o carvão de
 vidro verde
 que aquece
 a estrela nua de
 anteontem
 Oswald Spengler tem uma porta no seu tornozelo
 batendo
 até
 altas horas

Piazzas (1964)

Ganimedes 76

Teu sorriso
 olhinhos como margaridas negras
 meu amor navegando na tarde
 batidas de pêssego refletindo em seus olhinhos de
 fuligem
 cabelos ouriçados como um pequeno deus de salão

rococó
 força de um corpo frágil como âncoras
 gostei de você
 eu também
 amanhã então às 7
 amanhã às 7
 tudo começa agora num ritual lento & cercados de
 gardênias de pano
 Teu olhar maluco atravessa os relógios as fontes a tarde
 de São Paulo como um desejo espetacular tão
 dopado de coragem
 marfim de teu sorriso nascosto fra orizzonti perduti
 assim te quero: anjo ardente no abraço da Paisagem

Abra os olhos e diga ah! (1976)

Pornosamba para o Marquês de Sade

esta homenagem coincide com a deterioração da
 Bastilha Sul-Americana minada pela crise de corações
 & balangandãs econômicos onde se mata de tédio o
 poeta & de fome o camponês & sobre os pés femininos
 se calça a bota de chumbo de várias cores gamadas
 com Hitlers de plantão em cada esquina recoberta de
 saúvas & amores escancarados como túmulos onde tuas
 coxas Marquês, servem de amparo delicado para o
 garoto que chupa teu pau enquanto uma mulher ruiva
 te cavalga Assim, anotemos o nome da
 vítima-orgasmo-blasfêmia antes que as araras entrem
 na orgia com seus estimulantes bicos recurvos & um
 estratagemas de cipós afague os sóis da desolação

quotidiana em nível de Paraíso A noite é nossa Cidadão
 Marquês, com esporas de gelatina e pastéis de esperma
 & vinhos raros onde saberemos localizar o tremor a
 sarabanda de cometas o suspiro da carne

Coxas (1979)

1 - OS ESCORPIÕES DO SOL

O adolescente ajoelhou-se abriu a braguilha da calça de
 Pólen & começou a chupar.
 Eram 4 horas da tarde do mês de junho & o sol batia no
 topo do Edifício Copan suas rajadas paulistanas onde Pólem
 & luizinho foram fazer amor & tomar vinho.
 O adolescente vestia uma camiseta preta com o desenho no
 peito de um punho fechado socialista, calças Lee desbotadas
 & calçava tênis branco com listras azuis. Você é minha
 putinha, disse Pólen. Isso, gritou Luizinho, gosto de ser
 chamado de putinha, puto, viado, bichinha, viadinho ah
 acho que vou gozar todo o esperma do universo!
 Neste instante um helicóptero do City Bank aproximava-se
 pedindo pouso & os dois nem ligaram continuando com
 suas blasfêmias eróticas heróicas & assassinas.
 O guarda que estava no helicóptero então mirou & abriu
 fogo.
 Luizinho ficou morto lá no topo do Edifício Copan com
 uma bala no coração.
 Por onde é preciso começar?
 Pólem não sabia mas seu olho sabia, sua mão sabia, sua
 política cósmica sabia.
 Hermafrodita morto no musgo mais alto. Suas baleias de

ternura, suas tranças do mais puro ouro, suas sardas em torno do narizinho meio arrebitado & insolente. Luizinho era uma sombra dentro do seu coração anarquista & rápido suas lágrimas quebraram o aço dos elevadores com seus guinchos de múmias eletrificadas ondas de reflexos polaróide em frente à Igreja da Consolação rostos picados nos escritórios & seus violinos enfadonhos, o amor começaria por uma perda?

A atmosfera cor de azeitona era um alívio para o coração metralhado pela dor construída ao crepúsculo doente em cargas elétricas & surdas feitas de veludo & espinhas de peixe um rodízio de aberrações crispou o rosto de Pólem que agora tomou um ônibus & percorreu São Paulo num suspiro rodando & rodando por aquela massa cinzenta do capitalismo periférico sem escapatória & suas grandes asas cobriam o Sol & seus escorpiões.

Enquanto isso os cinemas sofriam ataques contínuos de office-boys armados com estilingues & bolinhas de gude & partilhavam da turbulência do Grande Terror com máscaras feitas de folhas de bananeiras & bermudas justíssimas onde podia-se ver magníficas coxas & lindos pés descalços com tornozelos rodeados com florzinhas amarelas & muitos traziam a palavra COMA-ME costurada na bermuda na altura do cú.

Naquela tarde todo mundo estava com vontade de nadar em sangue.

anjos da verdade pensou pólem em sua calma estranguladora de babuínos agora devem começar as quermesses com leitões coloridos purê de maçã & delicados tutús à mineira ostras de Cananéia apimentadas servidas com retumbantes batidas de Maracujá (a fruta da paixão)

codorninhas recheadas com uvas passas & torresminhos com queijo ralado o verão bem poderia chegar com seu perfume de acarajé invadindo os colégios fazendo os adolescentes terem ereções & as garotas desmaiarem de desejo com seus pequeninos seios latejantes.

agora

um anjo pousou

em seu ombro

& pólen adormeceu

Quando acordou alguém tinha deixado em suas mãos o livro As Américas e a Civilização de Darcy Ribeiro & ele desceu do ônibus para sentar na praça Buenos Aires & ler. Abriu na página 503 & leu:

"Os Guerreiros do Apocalipse.

Uma vez implantadas as bases do estado-militarista na América do Norte, uma série de acontecimentos comoveram a opinião pública, os governantes, os militares, conduzindo toda a classe dirigente do país a crises sucessivas de apavoramento e histeria."

APAVORAMENTO Nº 1

dezoito garotos & dezoito garotas foram emparedados vivos em caixas construídas com chicletes que só Adams fabrica & tostados dentro de um porão de arsênico & cascavéis.

APAVORAMENTO Nº 2

quinze adolescentes de ambos os sexos foram chicoteados na bunda por batalhões da TFP que os insultavam enquanto trezentos rapazes & moças de seita imperialista Hare

Krishna cortavam rodela de cebola & colavam em seus olhos.

HISTERIA Nº 1

a confraria reacionária Unidos em Série promovedora de festivais de telenovelas nas fábricas jogou uma substância criadora de histeria CBK7 no reservatório de água de um colégio de freiras & as alunas peidavam 3 dias & 3 noites sem parar & depois se flagelaram & crucificaram.

HISTERIA Nº 2

setenta adolescentes fascistas do Colégio Objetivo criaram no laboratório de química (com o auxílio de alguns professores) uma substância hipnótica cuja finalidade é levar a vítima ao arrependimento seguido de crises de misticismo histérico.

Esta substância foi testada no bairro operário da Moóca & durante 2 meses às 6 horas da tarde na Avenida Paes de Barros os operários se reuniram para rezar.

Pólen costumava organizar sua vida às quintas-feiras mas estávamos numa quarta & sua loucura era da pesada sem distinção de raça credo ou cor & uivava pelas ruas com duas panteras pintadas em seu peito falando com os amigos sobre as poesias de Maquiavel, Cesar Borgia, Castruccio Castracani o herói das galáxias medievais no início da era burguesa dos chinelos & pincenê agora devidamente catalogada na Ruína Absoluta sem permeios Kennedyanos na mexerica & suas pompas fúnebres.

O trombadinha quis saber se Pólen acreditava no lúmpen. O trombadinha tinha sido descabaçado por um esquimó bolsista da P.U.C. Pólen declamou doze poemas escritos contra a C.I.A. O trombadinha queria dar. Pólen comeu-o ali mesmo, depois de roubar sua camisa. O trombadinha queria mais.

pólen então chamou seu amigo economista sádico & classicista & fez ele comer o trombadinha que suspirava dizia palavrões inflamados pedia para ser cintado e chamado de Arlete & toda a imaginação delirante de Eros irrompeu no cérebro do economista que queria ver a vertigem de perto antes de se converter para sempre ao ateísmo militante soltando suas farpas contra a figura de Nonô o Curandeiro padroeiro do trombadinha.

Coxas (1979)

ANTROPOLÍTICA DE ENTREGA EM PROFUNDIDADE

- 1- Transformar a praça da Sé em horta coletiva & pública
 - 2 - Acelerar o processo de desinibição
 - 3- Provocar focos revolucionários na confraria reacionária Unidos em Série
 - 4- Ouvir música tentando conceber o Universo Paralelo
 - 5- Pintar desenhos obscenos nas ruas
 - 6- Desmascarar os limites do mistério
- Pólen amou Lindo Olhar debaixo de um ipê roxo junto à

fogueira.

O Agente Cartesiano tentou ganhar Coxas Ardentes no papo.

O Agente Cartesiano queria um festival de paixões & sonhava com manufaturas.

O Agente cartesiano tremia ao ouvir palavras como: carga de espinafre, gavião berolina, fundo da flor, polvo nômade, saci prancheta, colarinho de gorila, nascido no mato, ovo de turco.

O Agente Cartesiano foi morto por Coxas Ardentes no melhor estilo renascentista com anel de veneno & tudo.

A agulha de tricô carismática

(rock balada: letra & música
de Coxas Ardentes)

pele de foca Nabucodincanduras

ganhou uma lebre ao amanhecer

gelou suas patinhas na crista da onda

espetou seu coração no punhal

do engraxate

agora a costela escoteira corre a língua

na bunda adormecida

o punhal é anfíbio

Coxas Ardentes tomou um gole de Kirsch & seus olhos

arderam em lágrimas pensando no hambúrguer com bacon

por comer & seus amores passados & a solidão presente em

marcha agônica de Wagner urso do salão Nietzscheano

propiciador de omeletes de queijo com vinho verde &

batucadas pornosambas de Luiz II da Baviera & Peter Gast

tocando zequinha de Abreu ao piano enquanto Cosima Wagner

fritava salsichões vienenses para o grupo de filólogos &

Lou Andreas Salome onde acendeu seu fogo dionisíaco &

pitagórico para além do horizonte de palavras mortais de Coxas Ardentes que só terá descanso quando estiver nos braços do Andrógino Antropocósmico.

Coxas (1979)

9- NORTE/SUL

A caravana ladra & os cães passam

you mija na boca aberta da bicha

os anjos quebraram suas coxas no muro do hotel todo

vermelho de susto

o leitão blindado dança no zig-zag de Heronimus Bosch

seu tango de petúnias

o botão de controle da Sala das Torturas

no porão do hospital é um olho parado amarelo

vozes cachos de tâmaras tafetás rasgados de onde salta a noite

gritos de garotos de botas e biquinis

sendo flagelados por vinte putas alucinadas de cocaína

corredores apinhados de gerentes de banco

dando o cú para druidas com os paus embrulhados em

celofane

peidos sintonizados de vinte mil pombas no telhado

La terra trema

galáxias alvejadas derramando seu suco sobre nossas

cabeças

Hitler sacudindo seu pau mole para os Capitães de Areia

locomotivas nas planícies bêbadas de vinho

ilhas magnéticas rolando pelos mares

com seus pássaros exóticos tocando banjo & flauta doce

o garoto sofreu o ataque da ave de rapina chamada Zeus &

seus testículos hipnotizaram a luz do sol vedando a
 adoração da luz para os patriotas do pornosamba & suas
 matracas tatuadas

La terra trema

a toca do coelho paranóico & sua Baviera de folhas verdes

ronronando até o ponto máximo da febre amarela
 Muchachos ragazzi garçons boys garotos com vaselinas-antenas
 duplas mãos na escadaria da Pensão Coração Adormecido pés
 descalços pisam bocas entreabertas dos irmãos
 transbiológicos
 travesseiros recheados de penas pornográficas
 vôo rasante da última senzala iluminada gargalhando de
 esplendor.

Coxas (1979)

para o Carlinhos

vou moer teu cérebro. vou retalhar tuas
 coxas imberbes e brancas.
 vou dilapidar a riqueza de tua
 adolescência. vou queimar teus
 olhos com ferro em brasa.
 vou incinerar teu coração de carne &
 de tuas cinzas vou fabricar a
 substância enlouquecida das
 cartas de amor.

(música de
 Bach ao fundo)

20 poemas com brócoli (1981)

Cliente da mucosa

Exu comeu Tarubá & você nunca
 foi a Pamaribo
 quando garoto eu me impressionei
 com o estudo de Lawrence sobre
 Edgar Allan Poe
 nunca mais esqueci
 assim como não esqueci Ferreira da
 Silva & nossas leituras de
 Sein und Zeit
 hoje posso me virar do avesso, amor
 como o escorpião que injeta no
 seu braço
 leites vindouros não jorrados
 doce choque na porta de suas tripas
 o suor é amigo e concubina
 nesse sol maluco que azucrina
 & me faz levitar amando as
 estrelas derrubadas.

Quizumba

Lamento do Pajé Urubu-Kaapor

antes
 de desaparecer
 no
 túnel

das nuvens
chega o vento
a caixa do céu
se abre
a estrela
no olho às
vezes
é o
coração que bate
estou sozinho
no topo
dos hemisférios

Ilha Comprida, 91

Ciclones (1997)

Revelações

para Jacques Vallée

frio nas fronteiras de topázio
abandonei-me ao mês do Deus do vento
floresce no meu corpo um ponto secreto
entre os cometas vivos do êxtase
Mairiporã, 94

Ciclones (1997)

TERRORISMO POÉTICO

Hakim Bey

DANÇAR BIZARRAMENTE A NOITE INTEIRA em caixas eletrônicos de bancos. Apresentações pirotécnicas não autorizadas. Land-art*, peças de argila que sugerem estranhos artefatos alienígenas espalhados em parques estaduais. Arrombe apartamentos, mas, em vez de roubar, deixe objetos Poético-terroristas. Seqüestre alguém & o faça feliz. Escolha alguém ao acaso & o convença de que é herdeiro de uma enorme, inútil e impressionante fortuna - digamos, cinco mil quilômetros quadrados na Antártica, um velho elefante de circo, um orfanato em Bombaim ou uma coleção de manuscritos de alquimia. Mais tarde, essa pessoa perceberá que por alguns momentos acreditou em algo extraordinário & talvez se sinta motivada a procurar um modo mais interessante de existência.

Coloque placas de bronze comemorativas nos lugares (públicos ou privados) onde você teve uma revelação ou viveu uma experiência sexual particularmente inesquecível etc.

Fique nu para simbolizar algo.

Organize uma greve na escola ou trabalho em protesto por eles não satisfazerem a sua necessidade de indolência & beleza espiritual.

A arte do grafite emprestou alguma graça aos horríveis vagões de metrô & sóbrios monumentos públicos - a arte - TP também pode ser criada para lugares públicos: poemas rabiscados nos lavabos dos tribunais, pequenos fetiches abandonados em parques & restaurantes, arte-xerox sob o limpador de pára-brisas de carros estacionados, slogans escritos com letras

gigantes nas paredes de playgrounds, cartas anônimas enviadas a destinatários previamente eleitos ou escolhidos ao acaso (fraude postal), transmissões de rádio pirata, cimento fresco...

A reação do público ou o choque-estético produzido pelo TP tem que ser uma emoção pelo menos tão forte quanto o terror - profunda repugnância, tesão sexual, temor supersticioso, súbitas revelações intuitivas, angústia dadaísta - não importa se o TP é dirigido a apenas uma pessoa ou várias pessoas, se é "assinado" ou anônimo: se não mudar a vida de alguém (além da do artista), ele falhou.

O TP é um ato num Teatro da Crueldade sem palco, sem fileiras de poltronas, sem ingressos ou paredes. Para que funcione, o TP deve afastar-se de forma categórica de todas as estruturas tradicionais para o consumo de arte (galerias, publicações, mídia). Mesmo as táticas de guerrilha Situacionista do teatro de rua talvez tenham agora se tornado muito conhecidas & previsíveis.

Uma requintada sedução levada adiante não apenas pela satisfação mútua, mas também como um ato consciente por uma vida deliberadamente mais bela - deve ser o TP definitivo. O Terrorista Poético comporta-se como um trapaceiro barato cuja meta não é dinheiro, mas MUDANÇA.

Não faça TP para outros artistas, faça-o para pessoas que não perceberão (pelo menos por alguns momentos) que o que você fez é arte. Evite categorias artísticas reconhecíveis, evite a política, não fique por perto para discutir, não seja sentimental; seja impiedoso, corra riscos, vandalize apenas o que *precisa* ser desfigurado, faça algo que as crianças lembrarão pelo resto da vida — mas só seja espontâneo quando a Musa do TP o tenha possuído.

Fantasia-se. Deixe um nome falso. Seja lendário. O melhor TP é contra a lei, mas não seja pego. Arte como crime; crime como arte.

* Tipo de arte que usa a paisagem, normalmente natural, como objeto artístico, sendo a própria natureza (e seus fenômenos, chuva, vento, etc.) elementos constitutivos da obra.

Tradução de Jersson de Oliveira

(Arquivo Rizoma)

O MATRIMÔNIO DO CÉU E DO INFERNO

William Blake

O Argumento

Rintrah ruge e chacoalha seus fogos
no ar opresso;
Nuvens famintas escoam para o abismo.

Antes dócil e em perigosa senda
O justo seguiu seu curso
Ao longo do vale da morte

Rosas são plantadas onde espinhos crescem
E no urzal estéril
Cantam as abelhas do mel.

Então a perigosa senda foi plantada.
E em um rio e uma fonte
Em cada penhasco e tumba,
E sobre ossos descorados
Vermelho barro foi trazido.

Até que o vilão deixou as sendas do conforto
Para caminhar por perigosas sendas
E conduzir o justo a regiões estéreis.

Agora a sorradeira serpente
se move em meiga humildade
E o justo vocífera nos desertos
Onde leões perambulam.

Rintrah ruge e chacoalha seus fogos
no ar opresso
Nuvens famintas escoam para o abismo.

Como um novo céu é começado, e são passados trinta e três anos de seu advento, o Eterno Inferno revive. E eis: Swedenborg é o anjo sentado sobre a tumba: seus escritos as roupas de linho dobradas. Agora é o domínio de Edom e o retorno de Adão ao Paraíso. Ver Isaías, capítulos 34 e 35.

Sem contrários não há progresso. Atração e Repulsa, Razão e Energia, Amor e Ódio são necessários à existência humana.

Destes contrários provém o que os religiosos chamam de Bem e Mal. Bem é o passivo que obedece à Razão. Mal é o ativo emanando da Energia. Bem é Céu. Mal é Inferno.

A voz do Demônio

Todas as Bíblias ou códigos sagrados têm sido as causas dos seguintes erros :

1. Que o homem tem dois princípios reais de existência: ou sejam: um Corpo e uma Alma.
2. Que a Energia, chamada Mal, é apenas do Corpo; e que a Razão,

chamada Bem, é apenas da Alma.

3. Que Deus atormentará o Homem pela Eternidade por seguir suas Energias.

Mas os seguintes contrários a estes são verdadeiros:

1. O Homem não tem um corpo distinto de sua Alma, pois isso chamado Corpo é uma porção da Alma discernida pelos cinco sentidos, as principais entradas da Alma nessa idade.

2. Energia é a única vida, e provém do Corpo; e Razão é o limite ou circunferência externa da Energia.

3. Energia é Eterno Deleite.

Aqueles que reprimem o desejo assim o fazem porque o deles é fraco o suficiente para ser reprimido; e o repressor ou Razão usurpa-lhe o lugar e governa o sem-vontade.

E, sendo reprimido, ele aos poucos torna-se passivo, até ser apenas a sombra do desejo.

A história disto está escrita no Paraíso Perdido, e o Governante ou Razão é chamado Messias.

E o Arcanjo Original, ou possuidor do comando das hostes celestiais, é chamado Demônio ou Satã, e suas crianças são chamadas Pecado e Morte.

Mas no Livro de Jó o Messias de Milton chama-se Satã.

Pois esta história foi adotada por ambos os lados.

Realmente pareceu à Razão que o desejo tinha sido banido.

Mas a versão do Diabo é que o Messias caiu e formou um céu com o que roubara do Abismo.

Isso é mostrado no Evangelho, em que ele ora ao Pai para enviar-lhe o confortador ou Desejo, de forma que a Razão possa ter idéias sobre as quais

se fundamentar: O Jeová da Bíblia não sendo outro senão aquele que habita o fogo flamejante.

Saibam que após a morte de Cristo ele tornou-se Jeová.

Mas, em Milton, o Pai é Destino, o Filho quociente dos Cinco Sentidos, e o Espírito Santo Vácuo!

Nota: a razão pela qual Milton escreveu acorrentado quando escreveu sobre Anjos e Deus, e em liberdade, quando sobre Demônios e Inferno, é porque era um verdadeiro poeta, e da parte do Diabo, sem sabê-lo.

Uma Visão Memorável

Enquanto caminhava por entre os fogos do inferno, encantado com os prazeres do Gênio, que para os Anjos parecem tormento e insanidade, coletei alguns de seus Provérbios, pensando que como os dizeres usados em uma nação delineiam seu caráter, assim os Provérbios do Inferno mostram a natureza da sabedoria infernal melhor que qualquer descrição de edifícios ou vestuário.

Ao voltar para casa: no abismo dos cinco sentidos, onde uma encosta íngreme e plana desaprova o mundo atual, vi um poderoso demônio envolto em nuvens negras, pairando sobre as bordas do rochedo: com fogos corrosivos escreveu a seguinte sentença, agora percebida pela mente dos homens e por eles lida na terra:

Como sabeis que cada pássaro que corta os ares seja um imenso mundo de deleite, fechado por vossos cinco sentidos?

Provérbios do Inferno

No plantio aprende, na colheita ensina, no inverno desfruta.
 Leva teu carro e teu arado por sobre os ossos dos mortos.
 A estrada do excesso conduz ao palácio da sabedoria
 A Prudência é uma rica, feia e velha dama cortejada pela Incapacidade.
 Aquele que deseja e não age, cultiva a peste.
 O verme cortado perdoa o arado.
 Afunda no rio aquele que ama a água.
 Um tolo não vê a mesma árvore que o sábio vê.
 Aquele cuja face não lampeja, jamais se tornará uma estrela.
 A Eternidade namora os frutos do tempo.
 A abelha laboriosa não tem tempo para entevos.
 As horas de estupidez são medidas pelo relógio; as de sabedoria, porém,
 relógio algum pode medir.
 Toda comida sadia é conseguida sem rede ou armadilha.
 Traz número, peso e medida num ano de privação.
 Nenhum pássaro voa muito alto, se voa com as próprias asas.
 Um cadáver não revida a agressões.
 O mais sublime ato é realizar um outro que o supere.
 Se o tolo persistisse em sua tolice, sábio se tornaria.
 A tolice é o manto da malandragem.
 A vergonha é o manto do orgulho.
 Prisões são construídas com pedras da lei, bordéis com tijolos de religião.
 O orgulho do pavão é a glória de Deus.
 A luxúria do bode é a generosidade de Deus.
 A ira do leão é a sabedoria de Deus.
 A nudez da mulher é a obra de Deus.

Excesso de tristeza ri. Excesso de alegria chora.
 O rugir dos leões, o uivar dos lobos, a fúria do mar tempestuoso, e a espada
 destruidora, são porções de Eternidade, grandiosas demais para o olho do
 homem.
 A raposa condena a armadilha, não a si mesma.
 Alegrias fecundam. Tristezas fazem germinar.
 Que o homem vista a pele do leão e a mulher a da ovelha.
 O pássaro um ninho, a aranha uma teia, o homem amizade.
 O tolo mesquinho e o risonho, e o tolo sisudo e tristonho, devem ser ambos
 julgados sábios, para que sirvam de exemplo.
 O que agora é provado, foi antes apenas imaginado.
 O rato, o camundongo, a raposa e coelho espreitam as raízes; o leão, o
 tigre, o cavalo e o elefante espreitam os frutos.
 A cisterna contém, a fonte transborda.
 Um pensamento preenche a imensidão.
 Sempre esteja pronto para dizer o que pensa, e um sujeito desprezível o
 evitará.
 Qualquer coisa em que se possa acreditar é uma imagem da verdade.
 A águia nunca perdeu tanto tempo como quando se submeteu a
 aprender com a gralha.
 A raposa provê a si mesma, mas Deus provê ao leão.
 Pensa de manhã, age ao meio-dia, come de tarde, dorme de noite.
 Aquele que sofreu a tua imposição, esse te conhece.
 Assim como o arado segue as palavras, Deus recompensa as preces.
 Os tigres da ira são mais sábios que os cavalos da instrução.
 Espera veneno da água parada.
 Nunca se sabe o que é suficiente enquanto não se sabe o que é mais do que

suficiente.

Ouve a crítica do tolo! É um direito régio!

Os olhos de fogo, as narinas de ar, a boca de água, a barba de terra.

O fraco em coragem é forte em astúcia.

A macieira jamais pergunta a faia como crescer, nem o leão ao cavalo como apanhar sua presa.

O que recebe agradecido obtém colheita abundante.

Se outros não tivessem sido tolos, nós o seríamos.

A alma de doce leite jamais deve ser maculada.

Quando vês uma águia, vês uma porção de Gênio; levanta a cabeça!

Como a lagarta escolhe as mais belas folhas para por seus ovos, assim o sacerdote amaldiçoa as mais belas alegrias.

Criar uma pequena flor é labor de anos.

Maldição tensiona, bênção relaxa.

O melhor vinho, o mais velho.

A melhor água, a mais nova.

Orações não aram! Louvores não colhem!

Alegrias não riem! Tristezas não choram!

A cabeça sublime, o coração Pathos, os genitais Beleza, mãos e pés

Proporção.

Como o ar para um pássaro e o mar para um peixe, assim é o desprezo para o desprezível.

A galha queria que tudo fosse negro, a coruja que tudo fosse branco.

Exuberância é Beleza.

Se o leão fosse aconselhado pela raposa, seria astuto.

O progresso constrói estradas retas, mas as estradas tortuosas sem

Progresso, são estradas de Gênio.

Antes matar um bebê no berço que cuidar de desejos não realizados.

Onde o homem não está, a natureza é estéril.

A verdade nunca pode ser dita para que seja compreendida sem que nela se possa acreditar.

Suficiente! Ou Demasiado.

Os antigos poetas animavam todos os objetos sensíveis com Deuses ou Gênios, chamando-os por nomes e adornando-os com as propriedades das florestas, rios, montanhas, lagos, cidades, nações e tudo o que seus vastos e numerosos sentidos podiam perceber.

E estudaram em particular o gênio de cada cidade e país, colocando-o sob sua deidade mental;

até que um sistema foi formado, do qual alguns se aproveitaram, e escravizaram o vulgo com o intento de criar ou abstrair as deidades mentais de seus objetos: assim começou o Sacerdócio.

Escolhendo formas de adoração tiradas dos contos poéticos. E com o tempo, pronunciaram que os deuses tinham ordenado tais coisas.

Assim o homem se esqueceu que todas as deidades residem no peito humano.

Uma Visão Memorável

Os profetas Isaías e Ezequiel jantaram comigo, e eu lhes perguntei como ousavam tão redondamente afirmar que Deus lhes falara; e se não pensaram na época que seriam mal-compreendidos, e assim, causa de imposição.

Isaías respondeu: "Eu não vi Deus algum, nem ouvi, numa percepção

orgânica finita; mas meus sentidos descobriram o infinito em todas coisas, e como estivesse assim convencido, e ainda o estou, de que a voz da indignação honesta é a voz de Deus, não me preocupei com as consequências, mas escrevi."

Então perguntei: "A firme convicção de que uma coisa é assim, assim a torna?"

Ele respondeu: "Todos os poetas assim o acreditam, e em eras de imaginação esta firme convicção removeu montanhas; mas muitos não são capazes de uma firme convicção de coisa alguma."

Então Ezequiel disse: "A filosofia do Oriente ensinou os primeiros princípios de percepção humana: algumas nações mantiveram um princípio para a origem, algumas outro: nós de Israel ensinamos que o Gênio Poético (como vocês agora o chamam) foi o primeiro princípio e os outros meramente derivados, e essa foi a causa de nosso desprezo pelos Sacerdotes e Filósofos de outros países e de profetizarmos que se provaria afinal serem todos os Deuses originados no nosso e serem tributários do Gênio Poético; foi isso que nosso grande poeta, Rei David, desejou tão ardentemente e invoca tão pateticamente, dizendo que com isso ele conquista inimigos e governa reinados; e nós amamos tanto nosso Deus, que amaldiçoamos em seu nome todas as divindades das nações vizinhas, e afirmamos terem elas se rebelado: destas opiniões o vulgo veio a pensar que todas as nações seriam afinal subjugadas pelos judeus."

"Isto", disse ele, "como toda firme convicção, é fatal que aconteça; pois todas as nações acreditam no código dos judeus e adoram o seu Deus, e pode haver maior sujeição?"

Ouvi isso com algum espanto, e devo confessar, minha própria convicção. Após o jantar, pedi a Isaías que favorecesse o mundo com suas obras

perdidas; ele disse que nenhuma de valor se perdera. Ezequiel disse o mesmo das suas.

Também a Isaías o que o fazia caminhar nu e descalço durante três anos? ele respondeu:

"O mesmo que nosso amigo Diógenes, o grego."

Perguntei então a Ezequiel por que comia lama e se deitava por tanto tempo em seus lados direito e esquerdo? ele respondeu: "O desejo de despertar outros homens para uma percepção do infinito: isto, as tribos norte-americanas praticam, e é honesto aquele que resiste a seu gênio ou consciência, visando apenas conforto ou gratificação presentes?"

A antiga tradição de que o mundo será consumido em fogo ao final de seis mil anos é verdadeira, conforme ouvi no Inferno.

Pois o querubim com sua espada flamejante tem aqui ordens de deixar a guarda da árvore da vida; e quando ele o fizer, toda a criação será consumida e parecerá infinita e sagrada, enquanto agora parece finita e corrupta.

Isto ocorrerá com um aperfeiçoamento do prazer sensual.

Mas primeiro a noção de que o homem tem corpo distinto de sua alma deve ser banida.

Isto deverei fazê-lo imprimindo no método infernal, com corrosivos, que no inferno são salutareos e medicinais, solvendo superfícies aparentes, e expondo o infinito que estava oculto.

Se as portas da percepção fossem limpas, tudo apareceria ao homem como é, infinito.

Pois o homem fechou-se a si mesmo, até ver todas as coisas pelas estreitas fendas de sua caverna.

Uma Visão Memorável

Estava numa tipografia do inferno, e vi o método pelo qual o conhecimento é transmitido de geração a geração.

Na primeira câmara havia um Homem-Dragão, limpando a sujeira da boca de uma caverna, em cujo interior, uns quantos Dragões escavavam.

Na segunda câmara havia uma Víbora envolvendo a rocha e a caverna, e outras adornando-a com ouro, prata e pedras preciosas.

Na terceira câmara havia uma Águia com asas e plumas de ar: tornava o interior da caverna infinito; ao redor estavam alguns Homens-Águia, que construíam palácios nos imensos rochedos.

Na quarta câmara havia leões de fogo flamante, vagando furiosos e fundindo os metais em vivos fluidos.

Na quinta câmara havia formas Inominadas que lançavam os metais espaço adentro.

Lá eram recebidos por homens que ocupavam a sexta câmara, e ganhavam a forma de livros, e eram arrumados em bibliotecas.

Os Gigantes que formaram este mundo em sua existência sensual, e parecem viver nele agora acorrentados, são na verdade as causas de sua vida e as fontes de toda atividade; mas as correntes são a astúcia de mentes fracas e domesticadas, que têm poder de resistir à Energia; como diz o provérbio, o fraco em coragem é forte em astúcia.

Assim uma parte do ser é o Prolífico, a outra o Devorador: ao Devorador lhe pareceu ter o Produtor em suas correntes; mas não é assim, ele apenas toma porções de existência e as imagina o todo.

Mas o Prolífico deixaria de ser Prolífico, se o Devorador, como um mar, não recebesse o excesso de seus prazeres.

Alguns dirão: "Não é somente Deus o Prolífico?" Eu respondo: "Deus só age e é em seres existentes ou Homens."

Essas duas espécies de homens estão sempre sobre a terra, e devem ser inimigos : quem tentar reconciliá-los busca destruir a existência.

A Religião é um esforço para reconciliar os dois.

Nota: Jesus Cristo não desejava uní-los, mas separá-los, como na parábola das ovelhas e das cabras! E ele diz: "Eu não vim trazer a Paz, mas a Espada."

Messias ou Satã ou o Tentador era originalmente considerado um dos Antediluvianos que são nossas Energias.

Uma Visão Memorável

Um Anjo veio para mim e disse: "Oh lamentável, tolo jovem! Oh horrível! Pavoroso estado! Considera a ardente masmorra que estás preparando para ti mesmo por toda a Eternidade, para a qual estás indo em tal carreira!"

Eu disse: "Talvez gostarias de mostrar-me meu Destino Eterno, e refletindo juntos a respeito, veremos se o teu ou o meu é mais desejável."

Então, levou-me por um estábulo, e por uma igreja, e para o interior do sepulcro da igreja, dentro do qual havia um moinho; através do moinho fomos, e chegamos a uma caverna: pela caverna sinuosa adentro tateamos nosso tedioso caminho, até que um vazio vasto como um céu rebaixado se mostrou a nós, e nos seguramos nas raízes das árvores e pairamos sobre a imensidão; mas eu disse: "se me permites, vamos entregar-nos a este vazio e ver se a providência aí também se encontra: se não fores, eu irei." Mas ele

respondeu: Não seja presunçoso, jovem homem, mas já que aqui estamos, contempla tua sina, que em breve aparecerá, quando as trevas tenham se dissipado."

Permaneci, então, com ele, sentado sobre a raiz retorcida de um carvalho; ele se mantinha suspenso por um cogumelo que pendia com a cabeça voltada para o abismo.

Pouco a pouco contemplamos o abismo infinito, ardente como a fumaça de uma cidade em chamas; atrás de nós, a uma imensa distância, estava o sol, negro, mas brilhante; ao seu redor, trilhas ardentes nas quais se revolviam enormes aranhas, rastejando atrás de suas presas que voavam, ou antes, nadavam no abismo infinito, nas mais terríveis formas de animais nascidos da corrupção; e o ar estava cheio deles, e parecia composto por eles: esses são os demônios, e são chamados Poderes do ar. Perguntei então a meu companheiro onde estava meu destino eterno? Ele disse: "entre as aranhas negras e as brancas."

Mas agora, dentre as aranhas negras e brancas, uma nuvem e um fogo irromperam e rolaram espaço adentro, enegrecendo tudo embaixo, de forma que o baixo abismo ficou negro como um mar, e rolou com um terrível ruído; abaixo de nós nada mais se via senão uma negra tempestade, até que, olhando para leste, entre as nuvens e as ondas, avistamos uma catarata de sangue mesclado com fogo e, a não muitas pedras de distância, emergiu e afundou de novo a escamosa pele de uma monstruosa serpente; por fim, a leste, distante aproximadamente três graus, surgiu a crista ardente sobre as ondas; lentamente ela se elevou como uma cadeia de montanhas douradas, até descobrirmos dois globos de fogo carmim, dos quais o mar se expandia em nuvens de fumaça; e então vimos que era a

cabeça de Leviatã; sua fronte estava dividida em listras verde e púrpura como as da fronte de um tigre: logo vimos sua boca e guelras rubras pendiam por sobre a espuma raivosa, tingindo o negro abismo com raios de sangue, avançando em direção a nós com toda a força de uma existência espiritual.

Meu amigo o Anjo galgou desde seu posto até o moinho: eu permaneci só, e então não havia mais essa aparição, mas encontrei-me sentado em uma agradável encosta à beira de um rio ao luar, ouvindo um harpista, que cantava ao som de sua harpa; e seu tema era:

"O homem que nunca altera sua opinião é como água parada, e engendra répteis da mente."

Mas eu me levantei e procurei o moinho, e lá encontrei meu Anjo, que, surpreso, perguntou-me como escapei?

Eu respondi: "Tudo o que vimos deveu-se à tua metafísica; pois quando fugiste, encontrei-me numa encosta ao luar ouvindo um harpista. Mas agora que vimos meu destino eterno, devo mostrar-te o teu?" Ele riu de minha proposta; mas eu, à força, subitamente tomei-o em meus braços, e voamos noite adentro em direção a oeste, até sermos elevados acima da sombra da terra; então me atirei com ele diretamente para dentro do corpo do sol; ali, vesti-me de branco, e tomando em minha mão volumes de Swedenborg, deixei-me cair da região gloriosa e passei todos os planetas até chegar a Saturno: lá parei para descansar e então saltei para dentro do vácuo entre Saturno e as estrelas fixas.

"Aqui", disse eu, "está teu destino, neste espaço, se de espaço pode ser chamado". Logo avistamos a igreja, e levei-o até o altar e abri a bíblia e ah! Era um poço profundo, para dentro do qual desci, guiando o Anjo à minha

frente: logo vimos sete casas de tijolos, em uma entramos; dentro, havia uns quanto macacos, babuínos, e todos dessa espécie, acorrentados pela cintura, arreganhando os dentes e agarrando-se uns aos outros, mas detidos pelo curto alcance de suas correntes: no entanto, vi que eles às vezes tornavam-se numerosos, e então os fracos eram pegos pelos fortes, e com dentes arreganhados, primeiro copulavam com eles e então os devoravam, arrancando-lhes primeiro um membro, depois outro, até que o corpo se reduzisse a um tronco miserável: este, após mostrarem-lhe os dentes e beijá-lo com aparente afeto, devoravam também; e aqui e ali vi um saborosamente mordendo a carne de sua própria cauda; como o fedor nos incomodasse a ambos terrivelmente, entramos no moinho, e em minha mão trazia um esqueleto, que no moinho era a Analítica de Aristóteles.

Então o Anjo disse: "tua fantasia se impôs sobre mim, e deverias estar envergonhado."

Eu respondi: "Nós nos impusemos um ao outro, e é perda de tempo conversar contigo, cujas obras não passam de Analítica."

Oposição é verdadeira amizade.

Eu sempre achei que os anjos têm a vaidade de falar de si mesmos como os únicos sábios; isto o fazem com uma confiante insolência, surgida do raciocínio sistemático.

Assim Swedenborg se vangloria de que o que ele escreve é novo: embora seja apenas um Sumário ou Índice de livros já publicados.

Um homem levou consigo um macaco para mostrá-lo, e por quê era um pouco mais sábio que o macaco, envaideceu-se e julgou-se mais sábio que sete homens. O mesmo ocorre com Swedenborg: ele mostra a estupidez das

igrejas, e expõe hipócritas, até imaginar que todos são religiosos e ele mesmo o único na terra que jamais rompeu barreiras.

Agora ouçam um fato evidente: Swedenborg não escreveu uma só verdade nova. Agora ouçam outro: ele escreveu todas as velhas falsidades.

E agora ouçam a razão. Ele conversava com Anjos, que são todos religiosos, e não com Demônios, que odeiam todos religião, pois ele era incapaz dentro de suas noções presunçosas.

Assim os escritos de Swedenborg são uma recapitulação de todas as opiniões superficiais, e uma análise das mais sublimes, mas nada mais.

Ouçam agora outro fato evidente. Qualquer homem de talentos mecânicos pode, a partir dos escritos de Paracelso ou Jacob Boehme, produzir dez mil volumes de igual valor aos de Swedenborg, e daqueles de Dante ou Shakespeare, um número infinito.

Mas que, ao fazê-lo, não o deixem dizer que sabe mais do que seu mestre, pois ele apenas segura uma vela à luz do sol.

Uma Visão Memorável

Vi uma vez um Demônio numa flama de fogo, que se elevou diante de um Anjo sentado numa nuvem, e o Demônio proferiu as seguintes palavras:

"A adoração de Deus é: Honrar seus dons em outros homens, cada um de acordo com seu gênio, e amar mais os maiores homens: aqueles que invejam e caluniam os grandes homens odeiam Deus, pois não há outro Deus."

O Anjo, ouvindo isso, tornou-se quase azul, mas, recompondo-se, ficou amarelo, e finalmente branco, rosa, e sorrindo respondeu:

"Tu, idólatra! Não é Deus Uno? E não é ele visível em Jesus Cristo? e Jesus

Cristo não deu sua sanção à lei dos dez mandamentos? E não são todos os outros homens tolos, pecadores e ninguéns?"

O Demônio respondeu: "Mói um tolo num pilão com trigo e ainda não se conseguirá arrancar-lhe sua tolice: se Jesus Cristo é o maior dos homens, deve-se amá-lo no mais alto grau; ouve agora como Ele deu Sua sanção à lei dos dez mandamentos: não zombou ele do sabbath e assim do Deus do sabbath? não matou aqueles que foram mortos por sua causa? não fez vista grossa à lei da mulher pega em adultério? não roubou trabalho alheio pra se sustentar? não manteve falso testemunho quando se recusou a fazer uma defesa diante de Pilatos? não cobiçou ao pregar para seus discípulos, e pedir-lhes que sacudissem a poeira de seus pés diante dos que se negavam a hospedá-los? Eu te digo, nenhuma virtude pode existir sem a quebra desses dez mandamentos. Jesus era todo virtude, e agia por impulso, não por regras."

Quando ele acabou de falar, observei o Anjo, que estendeu os braços, envolvendo a flama de fogo, e foi consumido, e ascendeu como Elias.

Nota: esse Anjo, que agora se tornou um Demônio, é meu amigo íntimo. Nós sempre lemos juntos a Bíblia, em seu sentido infernal ou diabólico, que o mundo deverá ter, se se comportar bem.

Tenho sempre a Bíblia do Inferno, que o mundo há de ter, quer queira, quer não.

Uma Lei para o Leão e o Boi é Opressão.

Uma Canção de Liberdade

1. A Eterna Fêmea grunhiu! foi ouvida por toda a Terra.

2. A costa de Albion está doente, silenciosa; fenecem os campos americanos!

3. Sombras de Profecias tremem ao longo de lagos e rios, e murmuram através do oceano: França, derruba a tua masmorra!

4. Dourada Espanha, estoura as barreiras da velha Roma!

5. Joga tuas chaves, ó Roma, abismo adentro despencando, mesmo até a Eternidade despencando,

6. E chora.

7. Em sua mão trêmula ele tomou o terror recém-nascido, uivando.

8. Naquelas infinitas montanhas de luz, agora confinadas pelo Oceano Atlântico, o recém-nascido fogo deteve-se perante o rei estelar!

9. Embandeiradas com neves de frente cinzenta e rostos trovejantes, as asas ciumentas agitaram-se sobre o abismo.

10. A mão em forma de lança incinerou-se no ar; desatado estava o escudo; adiante seguiu a mão do ciúme por entre os cabelos em fogo, e lançou a maravilha recém-nascida através da noite estrelada.

11. O fogo, o fogo está caindo!

12. Olha para o alto! Olha, cidadão de Londres, alarga teu semblante! Ó Judeu, deixa de contar ouro! retorna a teu óleo e teu vinho. Ó Africano! negro Africano! (vai, pensamento alado, amplia o seu semblante.)

13. Os membros ardentes, cabelos flamejantes, lançados como o sol poente no oceano ocidental.

14. Desperto de seu sono eterno, o antigo elemento urrando fugiu.

15. Para baixo, precipitando-se, batendo suas asas em vão, o rei ciumento; seus conselheiros de cenho cinzento, guerreiros retumbantes, veteranos encrespados, por entre elmos, escudos e carruagens, cavalos, elefantes, estandartes, castelos, tipóias e rochas.

16. Caindo, precipitando-se, ruindo! enterrado em ruínas, nos refúgios de Urthona.
17. Por toda a noite, por entre as ruínas; então, suas chamas sombrias, apagadas, emergem em torno do melancólico rei.
18. Com trovão e fogo, conduzindo suas hostes estelares através do árido deserto, ele promulga seus dez mandamentos, erguendo suas luminosas pálpebras sobre o abismo, em profundo desânimo.
19. Onde o filho do fogo, em sua nuvem oriental, enquanto a manhã empluma seu peito dourado,
20. Desprezando as nuvens escritas com maldições, esmaga reduzindo a pó a lei de pedra, libertando os cavalos eternos dos refúgios da noite, gritando:
O IMPÉRIO CAÍU! E AGORA O LEÃO E O LOBO DEVEM PARAR.

Côro

Não permitam mais que os sacerdotes do corvo da Aurora, em negro mortal, com áspera voz, amaldiçoem os filhos do prazer. Nem seus confrades aceitos - a quem ele, tirano, chama de livres - marquem o limite ou construam o telhado. Nem que a pálida luxúria religiosa chame aquela virgindade que deseja mas não age!

Porquê tudo o que vive é Sagrado.

Tradução de Dênis Urgal

(Arquivo Rizoma)

CARTA DE INTENÇÕES

Coletivo Wu Ming



Wu Ming é um laboratório de design literário, que trabalha em diversas mídias e por diversas encomendas.

A marca Wu Ming é gerida por um coletivo de agitadores da escrita, que se constituiu como uma empresa independente de “serviços narrativos”(1). A acepção que damos ao termo é a mais ampla que se possa imaginar, chegando até a cobrir atividades de ligação entre literatura e novas mídias.

Os fundadores de Wu Ming são Roberto Bui, Giovanni Cattabriga, Luca Di Meo, Federico Guglielmi (membros do Luther Blissett Project no quinquênio 1994-99 e autores do romance *Q*) e Riccardo Pedrini (autor do romance *Libera Baku Ora*), todavia os nomes pouco importam, tanto que em mandarim Wu Ming significa “sem nome”. Na China, esta expressão é frequentemente utilizada para demarcar as publicações dissidentes. O nome dá conta da nossa firme intenção de não nos tornarmos “celebridades”, romancistas pacificados ou macacos amestrados por prêmios literários. Em vez disso, no novo projeto sobrevivem, com oportunas modificações, muitas das características que tornaram grande o Luther Blissett Project: radicalização de propostas e conteúdos, deslizos de identidade, heteronímias e táticas de comunicação-guerrilha, tudo aplicado à literatura e, mais geralmente, direcionado ao ato de *contar histórias* (seja qual for a linguagem ou o suporte: romances, roteiros, reportagens para órgãos de

comunicação, idéias para jogos de computador ou jogos de mesa, etc.) ou publicar/lançar histórias escritas por outros (edição, “caça” de talentos, aconselhamentos editoriais, traduções de e em diversas línguas, etc.)

Tal como nos meses que se seguiram ao lançamento de *Q*, a nossa linha de conduta será: “Estar presente, mas não *aparecer*: transparência para com os leitores, opacidade para com as mídias”. Tal atitude é muito diferente da não-concedência de Thomas Pynchon ou de J. D. Salinger: Wu Ming “suja as mãos” com as atividades de promoção (entrevistas, apresentações públicas de livros, etc.), mas isto não a degenera no culto entediante da “celebridade” (serviços fotográficos, aparições na tv, fofocas, etc.). Qualquer pedido para posar para filmagens ou fotografias, será recusado por Wu Ming, que pedirá a difusão ou publicação do seu logotipo oficial, composto pelos respectivos dois ideogramas.

A escolha de um nome chinês deve-se também à convicção de que o futuro da comunidade humana depende em larga medida daquilo que acontecerá e está para acontecer às margens do Pacífico. Nenhuma consciência ecológico-social, nenhuma crítica prática dos desequilíbrios existentes entre a superpopulação, o controle dos recursos e a pilhagem capitalista pode hoje em dia prescindir de uma criação de pontes culturais com o Extremo Oriente, e em particular com a China continental: é aí que se joga quase tudo, tanto em termos de catástrofe global (humana, ambiental...) quanto em termos de pesquisa de alternativas; é aqui que o imaginário do planeta vai se deslocando.

A aproximação de Wu Ming à produção cultural implica a zombaria contínua de qualquer preconceito idealista e romântico do gênio, a inspiração individual e outras merdas do gênero. Wu Ming põe em causa a lógica do direito autoral. Não acreditamos na propriedade privada das idéias. Como já acontecia com o Luther Blissett, os produtos assinados Wu Ming - em

suporte papel, magnético-óptico e outros - serão livres de copyright, mas sempre com as especificações e limitações que Wu Ming achar necessárias. No que concerne às colaborações oficiais entre Wu Ming e outros sujeitos individuais ou coletivos, a questão será tratada caso a caso. O fato de ser uma empresa de trabalho mental - o maior dos protagonistas típicos do capital pós-fordista - que deseja superar os mitos, os ritos e os detritos da propriedade intelectual é um fecundo paradoxo, que leva o conflito ao coração do próprio mercado, para além da praxis de um sujeito informal como Luther Blissett Project. Se se quiser traçar uma afinidade, Wu Ming tenciona colocar-se no mesmo terreno dos programadores e empresários que trabalham com open source ou “software livre”.

Wu-ming é uma empreendimento político autônomo. “EMPREENHIMENTO”, porque é a forma pela qual os *brainworkers* de todo o mundo - não gostamos da palavra “artistas” - devem se reapropriar diretamente, desde o fundo, mas com a ambição de assaltar o céu, contra e para além do parasitismo das grandes corporações e dos dinossauros estatais na andropausa. Não se trata simplesmente de sermos free-lancers, mas de adquirir mais força e estabelecer um controle sempre maior sobre os processos produtivos e os êxitos do nosso trabalho criativo. “AUTÔNOMO” já que, pelas iniciativas e projetos que deveriam transcender a escritura e a edição, Wu Ming não percorrerá nenhum caminho “assistencial”. Nenhuma esmola de fundos públicos, a aposta se assenta inteiramente na autovalorização do trabalho mental e na nossa capacidade empres. Nenhuma subordinação à burocracia municipal, regional, estatal ou norte-americana, mas sim uma ligação de paridade entre Wu Ming e as empresas com as quais interage. “POLÍTICO” porque desapareceu há muito a figura do intelectual afastado do conjunto da produção social (e portanto da política que não tem nenhuma autonomia). Hoje a informação é a mais importante força produtiva; aquela que outrora era a “indústria cultural” está em conexão dinâmica com toda a galáxia de mercadorias e serviços. Não existe

mais nada que não seja “multimídia” (palavra que já soa velha porque pleonástica), nem faz mais sentido a arcaica distinção entre saberes técnicos e saberes humanísticos. Que status pode ainda reivindicar por si um “escritor”, quando contar histórias é apenas um dos tantos aspectos do trabalho mental, de uma grande cooperação social que integra programação de software, design, música, jonalismo, inteligência, serviços sociais, políticas do corpo, etc., etc.? Por conseguinte, não existe mais o “engajamento” como escolha que “artistas” e “autores” *devam* fazer: o trabalho mental, em todos os seus aspectos, está completamente dentro das redes da indústria, e até é a sua principal força re/produtiva. Os “trabalhadores criativos” ficaram sem outra opção: eles simplesmente *não podem evitar intervir*. Escrever já é produção, narrar já é política. Há quem o perceba, e há quem participe da legião de reacionários, mais ou menos conscientes.

Que tipo de histórias interessam a Wu Ming?

Antes de mais nada, histórias que tenham um início, um enredo e um fim. O experimentalismo é aceitável se - e só se - ajudar a contar melhor. Se, pelo contrário, não é senão o proverbial dedo atrás do qual se escondem mediócras ou péssimos narradores, pela parte que nos toca, podem metê-lo no cú. As histórias que nos interessam são as de conflitos, tecidas nos teares do *epos* e da mitopoética, histórias que adotem os mecanismos e os modos próprios da narrativa de “gênero”, da *biopic* (2), do inquérito militante ou da micro-história. Romances que atinjam a matéria viva desde as zonas de sombra da história, histórias verdadeiras narradas como romances e/ou vice versa, recuperação de acontecimentos esquecidos, no centro ou nas margens, a partir das quais se desenvolvem os nossos enredos: “A *nossa narração ininterrupta é confusa para além de toda a verdade ou juízo retrospectivo. Apenas uma radical verosimilhança sem escrúpulos pode remeter tudo em perspectiva*” (James Ellroy, introdução a *American Tabloid*).

Aquilo que importa é meter anos-luz entre nós e a narrativa *burguesa*: o verdadeiro protagonista da história não é a Grande Personagem nem o Indivíduo Monádico(3), mas sim a aglomeração anônima dos figurantes e, por detrás deles ou através deles, a profusão anônima e rumorosa dos eventos, destinos, movimentos, vicissitudes: *“No quadro sou uma das figuras de fundo. Ao centro sobressaem o Papa, o Imperador, os cardeais e os príncipes da Europa. Nos lados, os agentes discretos e invisíveis, que espreitam por detrás das tiaras e das coroas, mas que na verdade sustentam toda a geometria do quadro, enchendo-o e, sem que se deixem aperceber, consentem que aquelas cabeças ocupem o centro”*. (primeiro parágrafo do diário de Q). Queremos narrar a realização, a emergência e a interação da *multidão*, que nada tem a ver com a *massa*, que é um bloco homogêneo para ser mobilizado, ou então “buraco negro” para ser sondado por pesquisas de opinião: *“Um horizonte de fisicalidade descoberta e de multiplicidade selvagem. Um mundo de tramas e de combinações físicas, de associações e de dissociações, de flutuações e de concretizações, segundo uma lógica perfeitamente horizontal, que realiza o paradoxo do cruzamento de causalidade e casualidade, de tendência e possibilidade: eis a dimensão originária da multidão”*. (Antonio Negri, *Spinoza Subversivo*).

Resumindo, Wu Ming pretende valorizar a cooperação social tanto na forma de produzir quanto na sua substância: a potência do coletivo é ao mesmo tempo conteúdo e expressão do narrar.

P. S. Wu Ming renuncia a quaisquer ganhos provenientes das traduções em língua castelhana das suas obras editadas na República de Cuba. Esta medida pretende ser uma modesta contribuição para o relançamento das atividades editoriais e culturais na ilha, atividades essas postas à prova com o perdurar do criminoso embargo econômico decidido e imposto pelos Estados Unidos.

Notas:

1. Vale notar a ironia do uso de termos corporativos como “empresa” e “empreendimento”, o que, na época em que o texto foi escrito (janeiro de 2000), era uma gozação direta com o boom da “nova economia”, hoje atolada pelo estouro da bolha da Nasdaq e a atual predominância econômica do complexo militar-industrial. (Nota do Rizoma).
2. Gênero de biografia, normalmente romanceada, produzida para cinema ou TV (N. do Rizoma).
3. O indivíduo monádico, seguindo a filosofia de Leibniz, é um indivíduo real e único, uma mônada. A mônada, ponto fundamental da metafísica leibniziana, é a unidade de substância indivisível vista como o elemento constituinte básico da realidade física (N. do Rizoma).

Fonte : Wu Ming Foundation (www.wumingfoundation.com).

